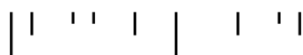


Oficina Têxtil Intergeracional
O fio que nos une - Costurar
relações entre gerações

Mafalda Pé-curto

Projeto de intervenção apresentado à Escola Superior de Educação
de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Educação Artística –
Artes Plásticas na Educação

2023-2024



Oficina Têxtil Intergeracional
o fio que nos une - Costurar relações
entre gerações

Mafalda Pé-curto

Projeto de intervenção apresentado à Escola Superior de Educação
de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Educação Artística – Artes
Plásticas na Educação

Orientadora: Prof. Doutora Kátia Sá

Júri

Presidente: Prof. Doutor Miguel Falcão
Arguente: Prof. Doutora Sandra Antunes
Orientador: Prof. Doutora Kátia Sá

2024

| ' ' | | ' ' |

DEDICATÓRIA

| ' ' | | ' |

À minha querida avó Olímpia

Tudo o que é feito à mão diz-se que é feito com o coração.

E realmente é assim: as mãos e o coração estão ligados.

Com as mãos, Elena Bernabé, 2023

AGRADECIMENTOS

| ' ' | | ' |

Agradeço à professora e colega Lúcia Pereira e Nélia Calhanas, por acreditarem tanto neste projeto quanto eu. Agradeço à minha família, amigos e colegas pelo incentivo e força.

Às minhas filhas por me fazerem acreditar que o nosso trabalho, enquanto professores pode fazer a diferença.

Às tardes de verão em família, sentadas nas cadeiras vermelhas.

Agradeço à turma 3°C, pela oportunidade de desenvolver esta Oficina. A todas as mulheres que me acompanham e inspiram todos os dias, em especial, a todas as que participaram neste projeto.

Um agradecimento especial à professora Kátia Sá, pela ajuda e dedicação ao meu projeto.

Resumo

O presente projeto prático "O fio que nos une" foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Artística da Escola superior de Educação do Politécnico de Lisboa e explorou questões intergeracionais, em educação artística, juntando crianças e idosos em oficinas de exploração têxtil, em contexto de Área de Enriquecimento Curricular. Desenvolvido em contexto escolar, não-formal no ensino básico, envolveu diferentes grupos comunitários, um grupo de crianças da Escola Básica nº1 de Massamá e um grupo de seniores da Universidade Sénior e do Centro Lúdico local, promovendo a transmissão de saberes estéticos e artísticos tradicionais. Como principal objetivo, pretendeu-se avaliar o impacto da interação entre gerações, os benefícios mútuos e a relevância da troca de conhecimentos históricos e artísticos para o respeito e compreensão entre grupos. Realizado ao longo de seis meses, semanalmente, este projeto integrou a construção de tapeçarias contemporâneas, no contexto do programa das bibliotecas escolares "A poesia sai à rua". A iniciativa incluiu o desenvolvimento de narrativas visuais colaborativas, promoveu a criatividade, a expressão artística e a valorização do trabalho manual. O impacto artístico e socio-emocional foi avaliado, pré e pós-oficina, por meio de entrevistas, observação direta e análise qualitativa dos dados emergentes. O projeto assentou numa abordagem *ABR - Art Based Research*, cujos diagnósticos, registos audiovisuais, produtos artísticos resultantes e subsequente *feedback* dos participantes foram, por excelência, os processos de recolha e de análise da realidade.

Metaforicamente, "O fio que nos une" utilizou o bordado como símbolo de conexão entre passado e presente, destacando a prática de costurar, tradicionalmente associada às mulheres e aos labores, como ferramenta de partilha de experiências e histórias culturais. Assim sendo, os capítulos deste relatório foram associados a diferentes tipos de pontos de bordado, criando paralelismo entre esta técnica artesanal e a narrativa do projeto.

Palavras-Chave: Educação Não-Formal, Prática Artística, Intergeracional, Arte têxtil, Oficina Colaborativa, Arts-Based Research, Area de Enriquecimento Curricular

Abstract

This practical project was carried out as part of the Master's Degree in Artistic Education at the School of Education of the Polytechnic Institute of Lisbon. The project *"The Thread that Connects Us"* explored intergenerational issues in artistic education, bringing together children and the elderly in textile exploration workshops within the context of AEC (Curricular Enrichment Area). Developed in a non-formal educational context at the primary school level, nº1, in Massamá, it involved various community groups, including the Senior University and the local Leisure Center, promoting the transmission of traditional aesthetic and artistic knowledge. Its main objective was to evaluate the impact of interaction between generations, the mutual benefits, and the relevance of exchanging historical and artistic knowledge to foster respect and understanding among groups.

Conducted over six months on a weekly basis, the project included the creation of contemporary tapestries as part of the school library program *"Poetry Goes to the Streets."* The initiative involved the development of collaborative visual narratives, promoting creativity, artistic expression, and appreciation for manual work. The artistic and socio-emotional impact was assessed through pre- and post-workshop tests, interviews, direct observation, and qualitative analyses. The project adopted an ABR (Arts-Based Research) approach, incorporating diagnostics, audiovisual records, and participant feedback.

Metaphorically, the project used embroidery as a symbol of the connection between past and present, highlighting how the act of sewing, traditionally associated with women, served as a tool for sharing experiences and cultural stories. The chapters of the report were associated with different types of embroidery stitches, drawing a parallel between the craft technique and the narrative of the project.

Keywords: Non-Formal Education, Artistic Practice, Intergenerational, Textile Art, Collaborative Workshop, Arts-Based Research, Enrichment Curricular Area

Índice

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| PONTO CORRENTE CONTEXTUALIZAÇÃO | 18 |
| 1.1 EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E INTERGERACIONALIDADE | 24 |
| 1.1.1 Educação não formal e criatividade..... | 26 |
| 1.1.2 Arte educadora | 28 |
| 1.2 ARTE TÊXTIL - CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E ARTÍSTICO | 31 |
| 1.2.1 Artista vs. Artesão | 36 |
| 1.2.3 Impacto nas comunidades envolvidas | 44 |
| PONTO MATIZ OFICINA TÊXTIL – O FIO QUE NOS UNE – COSTURAR RELAÇÕES ENTRE GERAÇÕES..... | 47 |
| 2.1 METODOLOGIA - PARTICIPAÇÃO NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA ARTÍSTICA | 48 |
| 2.2 OBJETIVOS DA OFICINA | 53 |
| 2.3 CRIAÇÃO POÉTICA | 58 |
| 2.4 NARRATIVAS VISUAIS | 61 |
| 2.5 PARTILHA..... | 69 |
| PONTO CHEIO APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS | 78 |
| CONCLUSÃO | 114 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 118 |
| ANEXOS..... | 124 |

Índice de figuras

| | |
|---|----|
| <i>Figura 1 – Esquços da primeira reunião. Fonte própria</i> | 20 |
| <i>Figura 2 – Esquços para as composições poéticas. Fonte: própria</i> | 21 |
| <i>Figura 3 – Mantas expostas no Centro Lúdico, Massamá. Fonte: Própria</i> | 23 |
| <i>Figura 4 – Exposição das mantas para a Inauguração, 29 abril 2024. Fonte: Própria</i> | 23 |
| <i>Figura 5 - Fragmentos de Escondidos, Madalena Vitorino, projeto “O Museu Somos Todos”, 2013. Fonte: website CM de Odemira</i> | 34 |
| <i>Figura 6 - Bordar é escrever com sangue, Madalena Vitorino, projeto “O Museu Somos Todos”, 2013. Fonte: website CM de Odemira</i> | 35 |
| <i>Figura 7 – Momento em aula quando preenchíamos a ponto cheio a quadra selecionada do texto escrito pelo 4º D. Fonte: Própria</i> | 36 |
| <i>Figura 8 - Construção de personagens, exploração do recorte e colagem de feltros, tecidos e lãs. Fonte: própria</i> | 38 |
| <i>Figura 9- Soldados recortados, colados e cosidos em feltro. Fonte: própria</i> | 38 |
| <i>Figura 10 - “A arte é trabalhar este processo de cura” (Neto, O nosso Barco Tambor Terra, 2024). Fonte: https://www.maat.pt</i> | 40 |
| <i>Figura 11 - As obras de Joana Vasconcelos, convidavam ao encontro e partilha dos visitantes, promovido pelo museu (Maat), sessões de Yoga, meditação ou concertos musicais sob a peça Valkiria Oktopus, 2023. Fonte: https://www.maat.pt</i> | 42 |
| <i>Figura 12 - Projetos na comunidade. A avó veio trabalhar – Lisboa 2019; Nes.nespoon - Fundão, Portugal, 2014; Piazza Duomo Milão, construção de centenas de mantas em crochet, 2021. Fonte: Acervo A avó veio trabalhar e Jornal Expresso</i> | 46 |
| <i>Figura 13 - Respostas do jogo de exploração têxtil. Fonte: própria</i> | 52 |
| <i>Figura 14 Fase 1 – Seleção têxtil e recorte de letras. Fonte: Própria</i> | 54 |
| <i>Figura 15 - 1ª sessão - Leitura e dramatização do livro Manta de retalhos, da editora Planeta Tangerina, dinamizada com jogo têxtil, peças com velcro e texto pintado no verso, 10 outubro 2023. Fonte: Própria</i> | 56 |
| <i>Figura 16 - Fase 1 – Exploração livre da técnica de coser e bordar. Fonte: própria</i> | 58 |
| <i>Figura 17 - Desenho das letras como personagens, K. 8 anos. Fonte: própria</i> | 59 |
| <i>Figura 18 - Desenho e recorte das letras. Fonte própria</i> | 60 |
| <i>Figura 19 - Exposição das mantas no Centro Lúdico. Fonte própria</i> | 60 |
| <i>Figura 20 - Faixa Bordar Abril e a sua construção nas sessões da oficina</i> | 62 |
| <i>Figura 21 - Fase II Narrativas visuais - distribuição das frases na composição das mantas. Fonte: própria</i> ... | 63 |
| <i>Figura 22 - Construção de elementos partindo dos desenhos produzidos pelas turmas. Fonte: própria</i> | 64 |
| <i>Figura 23 - Processo de costura das mantas numa partilha intergeracional. Fonte: própria</i> | 65 |
| <i>Figura 24 - Livro de Pontos, para marcação de sumários e presenças. Composição e costura das mantas. Fonte: própria</i> | 66 |

| | |
|---|----|
| <i>Figura 25 – Encontro realizado no Centro Lúdico com todos os grupos envolvidos. Costura das mantas. Fonte: própria</i> | 67 |
| <i>Figura 26 - Encontro realizado no Centro Lúdico com todos os grupos envolvidos. Costura das mantas. Fonte: própria</i> | 68 |
| <i>Figura 27- Encontro realizado no Centro Lúdico com todos os grupos envolvidos. Composição das mantas. Fonte: própria</i> | 68 |
| <i>Figura 28 - Encontro realizado no Centro Lúdico com todos os grupos envolvidos. Costura das mantas. Fonte:própria</i> | 69 |
| <i>Figura 29 - Momentos e aprendizagens retiradas da experiência, em pequenos desenhos, rabiscos ou palavras. Fonte: própria</i> | 70 |
| <i>Figura 30 - Vestido confeccionado com o tecido pintado pelos alunos da turma. Apresentação na ESELX. Fonte: própria</i> | 71 |
| <i>Figura 31- QRCode criado para aceder ao questionário sobre impacto na comunidade e QRCode com link para página de instagram. Fonte: própria</i> | 72 |
| <i>Figura 32 – QRCode para página de Instagram. Logotipo criado especialmente para divulgação do projeto. Fonte: própria</i> | 72 |
| <i>Figura 33 - Comunicação da Junta de Freguesia, na programação do cinquentenário das comemorações do 25 de Abril. Fonte: JFMMA</i> | 73 |
| <i>Figura 34 - Preparação e montagem da exposição no Centro Lúdico de Massamá, Sintra. Fonte: própria</i> | 74 |
| <i>Figura 35 - Inauguração da exposição à comunidade, com a presença dos alunos da turma e seniores da USMMA e Clube Vida Ativa, com abertura do coro da USMMA. Marcaram presença o Sr. Presidente da União de freguesias de Massamá e Monte Abrão, Pelouro da cultura e Vereador da Câmara Municipal de Sintra. Fonte: própria</i> | 75 |
| <i>Figura 36 - Foto da turma de 3ºano, grupo de seniores e Prof. Lúcia Pereira no final do projeto. Fonte: própria</i> | 75 |
| <i>Figura 37 - Grupo de séniores da USMMA. Fonte: própria</i> | 76 |
| <i>Figura 38 – Imagens da exposição das mantas nas janelas dos vizinhos. Grupo de séniores do Centro Lúdico no dia da Inauguração. Fonte: própria</i> | 76 |
| <i>Figura 39 - Letra recortada e costurada sobre um tecido de fundo. Fonte: própria</i> | 81 |
| <i>Figura 40 - Exposição no comércio local da freguesia. Maria Doceira e Exposição na escola, durante feira do livro. Fonte: própria</i> | 84 |
| <i>Figura 41 - 25 de Abril é a Liberdade do nosso pensamento – turma 1ºB e Desenho selecionado e registo das sessões de trabalho. Fonte: própria</i> | 85 |
| <i>Figura 42 - - Depois do 25 de Abril os meninos conversam livremente na escola – frase da turma 1ºA. Fonte:própria</i> | 86 |
| <i>Figura 43 - O direito à Liberdade – Frase da turma 1ºD e desenhos selecionados – tecido, feltro e cravos em crochet. Fonte: própria</i> | 87 |
| <i>Figura 44 - - Sou livre! Posso brincar, posso ir à escola, posso estar com os amigos – Frase da turma 1ºC. Fonte:própria</i> | 88 |

| | |
|--|-----|
| <i>Figura 45 - Folha de caderno – frase da turma 2°C – texto bordado a ponto corrente com linha de crochet, figuras em tecido e feltro. Fonte: própria.</i> | 89 |
| <i>Figura 46 - Liberdade é amar e ver o pôr do sol – Frase da turma 2°B – tecido e feltro costurado. Fonte: própria.</i> | 90 |
| <i>Figura 47 - Querido Diário – frase da turma 2°A – texto bordado à mão com linha de crochet, costura à máquina, tecidos e crochet aplicado. Fonte: própria.</i> | 91 |
| <i>Figura 48 - No 25 de Abril vou comemorar a liberdade e opinar, vou deixar a minha voz voar – frase da turma 2°D – tecido e feltro costurado e colado, bordado. Fonte: própria.</i> | 92 |
| <i>Figura 49 - Desenhos dos alunos recolhidos nas várias turmas da escola. Fonte: própria.</i> | 93 |
| <i>Figura 50 - 25 de Abril dá mais força à liberdade – frase da turma 3°C – tecido, trapilho, feltro costurado e colado. Desenho da turma e momento em sessão. Fonte: própria.</i> | 94 |
| <i>Figura 51- Abril é liberdade, livre como um pássaro a voar – frase da turma 3° B – tecido e trapilho costurado e colado. Fonte: própria.</i> | 95 |
| <i>Figura 52 - Liberdade implica direitos e deveres – frase da turma 3°D – tecidos cosidos à mão, linhas costuradas à máquina. Fonte: própria.</i> | 96 |
| <i>Figura 53 - Plantaram em nós a liberdade, não a deixemos morrer – frase da turma 3°D – tecido, feltro e cravos em crochet costurados. Fonte: própria.</i> | 97 |
| <i>Figura 54 - Os soldados a marchar, Lisboa a abanar, os cravos vermelhos a voar e a liberdade no ar – frase da turma 4° A.</i> | 98 |
| <i>Figura 55 - O 25 Abril de 1974, marca o viver em liberdade é viver em verdade – Frase da turma 4°D – tecido, feltro e trapilho costurados. Desenhos selecionados. Fonte: própria.</i> | 99 |
| <i>Figura 56 - O 25 de Abril é a comemoração da liberdade de expressão – frase da turma 4°B – tecido e feltro costurados. Fonte: própria.</i> | 100 |
| <i>Figura 57- Acabou a ditadura, com esta revolução, passamos a poder dizer; o que nos vai no coração - frase da turma 4°C – faixas de quadrile bordado a ponto cheio com lã. Costuradas sobre tecido. Fonte: própria.</i> | 101 |
| <i>Figura 58 - 50 anos, 50m corações - Manta representativa da participação de todos os que construíram este projeto – tecido, feltro e serapilheira bordada a lã. Fonte: própria.</i> | 102 |
| <i>Figura 59 - Letras bordadas em lã sobre serapilheira. Turma na finalização dos bordados. Aplicação das letras bordadas na construção do nº50. Fonte: própria.</i> | 103 |
| <i>Figura 60 - E Depois do Adeus – Paulo de Carvalho - texto escolhido pela USMMA – tecido, feltro costurados, texto bordado a linha de crochet, naperon. Fonte: própria.</i> | 104 |
| <i>Figura 61- Desenhos referência para construção da manta. Aluno a trabalhar na elaboração durante sessão. Conclusão da manta - E Depois do Adeus – no atelier Ciranda Portuguesa. Fonte: própria.</i> | 106 |
| <i>Figura 62 - Menino do bairro negro– Zeca Afonso – texto escolhido pelo grupo do Centro Ludico. Fonte: própria.</i> | 107 |
| <i>Figura 63 - Liberdade - Sérgio Godinho – texto escolhido pela USMMA. Fonte: própria.</i> | 108 |

INTRODUÇÃO

| | ' ' | | | ' |

O presente projeto pretendeu explorar as questões intergeracionais, na educação artística. A transmissão de saberes estéticos e artísticos tradicionais através de Oficinas Intergeracionais, aferindo os benefícios das aprendizagens nas duas gerações. Este projeto, consistiu numa oficina de exploração têxtil - O fio que nos une - onde se trabalhou “a quatro mãos”, entre crianças e séniores, procurando a ampliar a criatividade em ambos os grupos.

Pretendeu-se analisar:

- i) Qual o impacto que uma oficina intergeracional poderá ter na transmissão e transformação da cultura artística?
- ii) Quais os benefícios da interação entre gerações, para as crianças e para os idosos?
- iii) De que modo a transmissão de conhecimento intergeracional — de saberes e ofícios — é um processo significativo na troca de aprendizagens, no respeito e na compreensão mútua entre gerações?

A Oficina Têxtil Intergeracional - O fio que nos une - Costurar relações entre Gerações foi desenvolvida na escola Básica nº1 de Massamá, do agrupamento de Escolas Miguel Torga, com uma turma de 3ºano, com 18 alunos, em conjunto com um grupo sénior de 10 pessoas da Universidade Sénior de Massamá e Monte Abraão (USMMA), e com outro grupo sénior, — Clube Ser Ativo — de utentes do Centro Lúdico de Massamá que conta com 20 participantes, com impacto em toda a comunidade escolar. Para a implementação do projeto, contámos com o apoio do Atelier - Ciranda Portuguesa que disponibilizou os recursos humanos e os materiais necessários. O apoio da junta de freguesia da União de Freguesias de Massamá e Monte Abraão foi no sentido da implementação, divulgação e apoio logístico, na montagem da exposição final.

Esta oficina de exploração têxtil decorreu num período de 6 meses, durante o ano letivo 2023/2024, em contexto de Área de Enriquecimento Curricular (AEC), com apenas uma hora semanal. Consistiu na implementação e dinamização da oficina, com os vários grupos participantes, na construção de mantas/ tapeçarias contemporâneas, dando corpo ao projeto-escola – “A poesia sai à rua”, culminando na exposição das mesmas, devolvendo-as à comunidade.

Iniciou-se com a apresentação do processo a desenvolver durante a oficina, questionando o grupo sobre os temas e tópicos a abordar, bem como a construção da narrativa visual que iríamos construir, promovendo a troca de experiências, a aprendizagem mútua e valorização do trabalho manual, incentivando a expressão criativa pessoal. Na implementação do projeto,

foi aplicado um pré e pós-teste, com a técnica de *Focus Group*, com entrevista livre dirigida ao grupo de crianças e ao grupo de seniores, separadamente, antes e depois da Oficina, tendo sido gravada e, posteriormente, feita uma análise de conteúdo, refletindo se as práticas artísticas e criativas intergeracionais tiveram ou não impacto nas dimensões artística e socio-emocional dos grupos em questão.

Nesta fase inicial, pretendia-se compreender a vivência dos grupos participantes, de crianças e seniores, bem como medir os conhecimentos e práticas artísticas. Deste modo, o diagnóstico incidu num questionário livre, em jogos de identificação têxtil e em conversas informais, nas primeiras sessões.

Este projeto baseia-se numa metodologia exploratória, em campo, para aquisição de dados emergentes que permitirão uma reflexão sobre o impacto e benefícios da aprendizagem Intergeracional no âmbito da Educação Artística, numa perspetiva de *Arts-based Research in Education*. O projeto desenvolveu-se numa estreita colaboração com os participantes, com o objetivo de identificar pré-conceitos inicialmente estabelecidos, dificuldades de aceitação e compreensão no contato entre gerações e de que forma iriam trabalhar e desenvolver competências artísticas em grupos de trabalho, com idades tão distintas, explorando ações práticas. O projeto foi sendo avaliado, ao longo de todo o processo, através de uma observação direta, participante, e da recolha de múltiplos dados através de instrumentos como: notas de campo e diálogos em pequeno ou grande grupo. Como indicadores foram considerados a participação dos grupos envolvidos nas atividades sugeridas e, a qualidade estética e técnica das produções artísticas dos intervenientes. No final, procedeu-se ainda à recolha de opiniões — *feedback* — para posterior análise de resultados e subsequente avaliação do projeto. Foi realizado um registo fotográfico e audiovisual exaustivo, de todas as fases do processo, até à fase final de exposição aberta à comunidade.

O consentimento informado dos participantes foi obtido através dos responsáveis legais das crianças participantes, tendo estes sido informados sobre a natureza do estudo, objetivos, procedimentos, riscos e benefícios envolvidos, respeitando as normas éticas de privacidade de dados, de acordo com as diretrizes éticas legais. Foi garantida a confidencialidade e privacidade dos dados recolhidos, utilizando códigos ou pseudónimos para identificar as crianças, evitando a divulgação de informações pessoais identitárias ou outras. Aplicou-se o mesmo procedimento para com os seniores participantes. No decorrer deste projeto, foi preservado tanto o bem-estar como a segurança das crianças e seniores, tendo sido adotadas medidas de supervisão e

organização adaptadas, considerando as necessidades individuais dos participantes. Os direitos autorais dos trabalhos artísticos desenvolvidos foram tidos em conta, solicitando-se a permissão para expor ou divulgar, sempre que desejável ou necessário.

Antigamente, o bordado era normalmente usado para decorar ou ornamentar tecidos, a linha ou a fio, procurando ir *ponto atrás*, às tradições, alinhavando-as ao presente. Era considerado um labor feminino que marcava, a *ponto cheio*, o caminho da menina à mulher adulta, por entre *remates* e *pespontos*, para além de definir uma posição social ou status, qual *ponto Margarida* ou *Nó Francês*. A arte de bordar sobre tecido, peças de roupa ou adereços, deu também lugar à troca de vivências e ao entrelaçar de experiências entre mulheres que ponto-a-ponto decoravam a *matiz* da sua história e a nossa história cultural e artística. As metáforas associadas entre o nome *do ponto* e a história ao longo dos tempos, remetem-nos para os tópicos utilizados para os separadores dos capítulos deste relatório, associando cada capítulo a um tipo de ponto, que, na sua forma e função ajuda a delimitar, preencher, enriquecer, ampliar ou ornamentar o documento. Nomeadamente, selecionei o *ponto corrente* ou *cadeia* para a contextualização teórica, associando a forma de coser ou bordar formando anéis encadeados, utilizada para traçar linhas e contornos, adaptando-se às formas curvas, ao caminho conduzido pela contextualização selecionada. Já no que concerne ao capítulo de desenvolvimento do projeto por excelência, escolhi o *ponto matiz*, pelas combinações diversas do resultado, misturado as cores em diferentes proporções num único elemento, realçando do projeto, a sua complexidade didática, social e artística, articulando à metodologia aplicada. O *ponto cheio*, atribuí ao terceiro e último capítulo, correspondendo à apresentação de resultados, onde bordamos pontos retos ao lado uns dos outros, preenchendo um desenho, dando a sensação de relevo, associado à cooperação e empenho de todos, tendo os resultados artísticos como prova.

A vontade de eternizar as nossas experiências e memórias afetivas, tecer e unir os fios que nos ligam às recordações da infância, trazendo vivências do passado, ancoradas em saberes que nos aquecem o presente e nos transportam para o futuro, unindo fio a fio os laços que nos unem, as histórias contadas, as fotografias revisitadas tantas vezes, nos ainda existentes álbuns de família, acompanhadas de descrições detalhadas de momentos passados. As figuras costuradas a fio, uma a uma com detalhe e pormenor, surgem dessa necessidade de manter vivas as pessoas que as habitam e criando ligações com as gerações seguintes, num desenho dançante por entre os fios que se penduram e se entrecruzam¹.

Mafalda Pé-curto, Lisboa, 2023

¹ Texto escrito, no âmbito de uma unidade curricular Oficina Artístico - Pedagógica, no primeiro ano de mestrado.

Ponto Corrente | Contextualização

| | " | | " |

O “[...] diálogo e interação direta com as pessoas através da arte (...) significa que esta deixou de ser entendida como uma expressão individualizada de cariz autoral, para ser desenvolvida em estreita relação com um grupo de indivíduos que assumem a coautoria da obra em parceria com o artista. (...) promove o envolvimento da sociedade na criação artística, através da criação de meios operativos de colaboração com a comunidade.” (Pereira, Sá, Regatão, 2021, p. 284)

O espaço da criação artística permite-nos refletir sobre (algo) e evocar momentos, pensamentos ou estados de espírito, pensar e discutir, fazer diálogo entre a obra e o artista criador. Assim, a importância transformadora da prática artística, enquanto experiência estética, individual e/ou coletiva, conjuga a experiência sensorial, linguagem, imaginação e valores socioculturais, culminando na transdisciplinaridade (Eisner, 2012)

A capacidade que a arte tem de criar valor através da narração e interpretação da experiência humana está no cerne deste argumento, e os artistas comunitários procuraram sempre, com um maior ou menor envolvimento, trazer esse poder criativo para as mãos de todos, com o intuito de favorecer a emergência de sociedades mais justas e mais igualitárias. Este aspeto encaixa na definição de democracia cultural, desde que o termo se generalizou no início de década de 1970 — o fim do domínio da aristocracia, da igreja, dos partidos e das corporações na determinação do valor artístico. (Matarazzo, 2021, p. 5)

Estes processos artísticos colaborativos e/ou participativos configuram-se igualmente como espaços com elevado potencial de âmbito educativo já que proporcionam não só o desenvolvimento de conhecimentos técnicos e competências cognitivas mas igualmente de valores e competências socio emocionais (*soft skills*) capazes de promover, desde cedo, atitudes conducentes à vivência num mundo “mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável”. (UNESCO, 2015, p. 11) “Na verdade, as mudanças de paradigma ao nível da educação possibilitam um maior enfoque no papel da formação e das aprendizagens para a compreensão e intervenção consequente nos domínios social, político, cultural, económico e ambiental considerando que, numa realidade marcada pela globalização a ação local produz ou depende de causas transnacionais.” (Pereira & Sá, 2016, p. 27)

Para este projeto levava comigo a vontade de pôr em prática um processo artístico colaborativo e participativo que fosse assumidamente intergeracional e trabalhasse as linguagens artísticas têxteis assentes na contemporaneidade que fazem parte do meu dia-a-dia. Imaginei uma oficina, acabou por ser um projeto, cuja continuidade decorreu ao longo de um ano letivo.

Num primeiro contacto com a escola, enviei um email de apresentação à direção e expus, de forma geral, qual o meu propósito e interesse por desenvolver um projeto em educação artística, e o que me movia para o fazer. Queria trazer à comunidade onde vivo e trabalho um projeto com impacto artístico e social que envolvesse crianças, seniores e a comunidade. Após a aceitação da proposta por parte da direção e feitos os primeiros contactos, foi-me sugerido contactar com a professora bibliotecária. Curiosamente, várias colegas de profissão e até as minhas filhas me diziam que nos tínhamos de conhecer, pois teríamos interesses artísticos e formas de sentir e viver a educação comuns. Foi numa segunda reunião que encontrei a professora bibliotecária do agrupamento, Lúcia Pereira, e na nossa conversa começou a desenhar-se o corpo do projeto, com ela juntou-se à “bagagem” o tema que seria o mote e definiu-se a linguagem plástica a utilizar. Foi um encontro feliz, ao longo de todo o processo, desde a escolha do tema, à sua concretização e implementação. Esta sugeriu-me ampliar um projeto já existente “Poesia sai à rua” da rede de bibliotecas escolares do agrupamento de escolas, dedicado, este ano, à temática do 25 de Abril, aproveitando a comemoração do seu cinquentenário, promovendo a transdisciplinaridade e pluralidade de interesses. Pensou-se, assim, envolver os vários intervenientes na construção de uma poesia dedicada ao 25 de Abril, elaborando a forma como a poderíamos fazer sair à rua (Fig. 1).

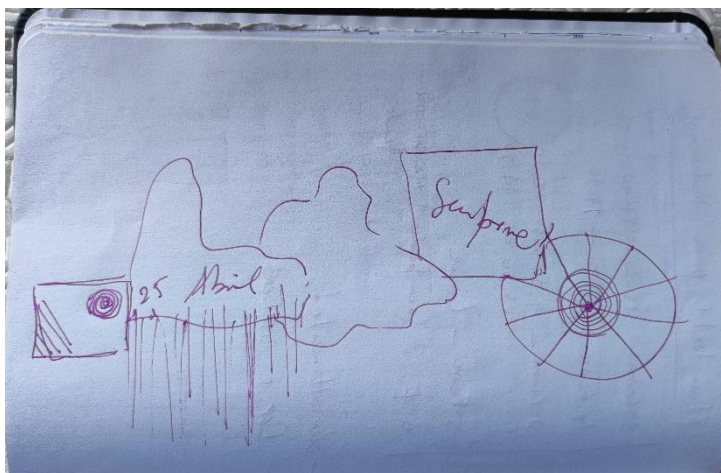


Figura 1 – Esquícios da primeira reunião. Fonte própria.

Nas várias reuniões que fomos realizando, definimos algumas regras e tópicos aos quais queríamos responder, percebendo de que modo a poesia sairia à rua. Definimos ainda que a nossa turma seria coprodutora de todo o processo com os grupos de seniores que iríamos trazer à escola, todas as semanas.

Queria explorar a Poesia Visual, com inspirações no grafismo e composições na vanguarda artística de Ana Hatherly, no grupo de poesia experimental portuguesa iniciado nos anos 60, em Lisboa, e nas ilustrações de Mariana Rio que mistura caligrafia, desenho e estampagem. Mas, de que forma sairiam à rua? Como se tornariam páginas de composições poéticas ilustradas? (Fig. 2)

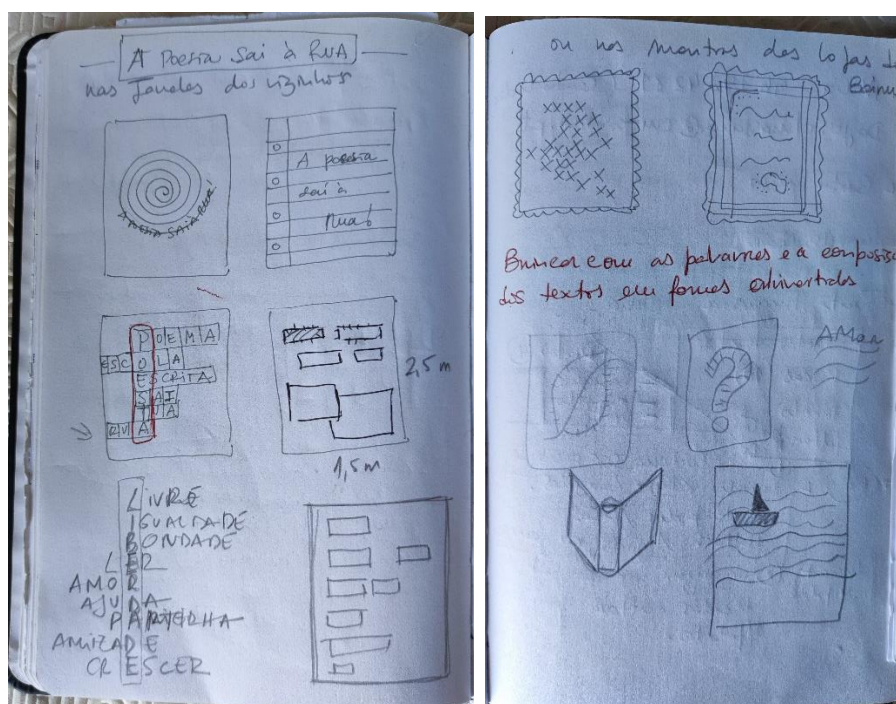


Figura 2 – Esquços para as composições poéticas. Fonte: própria.

A contextualização histórica, visionamento de documentários e fotografias de época disponibilizadas pelas professoras titulares das turmas fizeram a ponte com as nossas sessões, nutrindo a reflexão sobre os acontecimentos e promovendo as conversas e reflexões, encontrando caminhos e propostas para as narrativas visuais que iríamos produzir, atentos à multiplicidade de perspetivas e possibilidades das composições visuais, esboçando as revoluções que ainda nos faltam fazer enquanto comunidade.

Este caminho foi feito de conversas em momentos formais e informais, em plataformas/redes sociais digitais como o *WhatsApp* ou *Instagram*, percorrendo e saltitando a nossa atenção por

letras de canções ou, ainda, tropeçando em “meras casualidades” do percurso. Queríamos incluir a comunidade escolar e a comunidade local, assim, e após várias tentativas de reunião, partilhámos, já durante o mês de janeiro, o projeto com o Clube Vida Ativa do Centro Lúdico, dinamizado pela Animadora e coordenadora Nélia Calhanas, que prontamente se mostraram disponíveis para abraçar o projeto. A partir desse momento, este grupo anexou-se ao projeto. Pedimos a colaboração dos vizinhos e o apoio da junta de freguesia ao incluir a iniciativa nas comemorações da freguesia, divulgando-a dessa forma. Sairíamos à rua com cartazes, faixas e estandartes ou com intervenções em peças de roupa.

Iriamos cantar e contar Abril pela voz dos mais jovens, solicitando colaboração das professoras titulares de todas as turmas da escola e da professora bibliotecária, na produção de textos, quadras, frases curtas, versos, canções e ilustrações alusivas ao tema, exaltando os valores de Abril – Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Assim, definimos como iríamos dar corpo às palavras e sair para a rua a “BORDAR ABRIL”, título definido para o projeto na escola, iniciando uma odisséia de várias semanas, em que juntos criámos tapeçarias em pano cru com textos, personagens cuja construção recorreu à agregação de materiais têxteis, bordados, costurados ou produzidos em crochê. Este processo foi idealizado pela minha turma, em colaboração com todas as 16 turmas da escola.

Foram costuradas centenas de letras e palavras e bordadas outras tantas. Demos corpo às frases, às personagens e às ilustrações das dezasseis turmas envolvidas da escola. No total, construámos vinte tapeçarias que foram sendo costuradas e bordadas, ao longo de cinco meses. Nasceram flores em tecido, cravos em feltro ou tricotados em crochê.

Por fim, a poesia saiu à rua com mantas nas janelas dos vizinhos, no gradeamento da escola e centro lúdico contíguo à escola (Fig. 3 e 4).



Figura 3 – Mantas expostas no Centro Lúdico, Massamá. Fonte: Própria.



Figura 4 – Exposição das mantas para a Inauguração, 29 abril 2024. Fonte: Própria

Se olhares para as mãos das pessoas mais velhas, elas contam-te mais sobre a sua vida do que qualquer outra parte do seu corpo.

Com as mãos, Elena Bernabé, 2023

1.1 Educação Artística e Intergeracionalidade

O conceito da Intergeracionalidade baseia-se na ideia de diferentes gerações poderem aprender umas com as outras, promovendo o respeito a compreensão mútuos.

São pessoas com mais idade, que já aprenderam muito mais do que nós e eles podem ensinar-nos as coisas. E isso para mim foi muito bom. J. 8 anos

O nosso projeto teve como ponto de partida, explorar a criação artística, desenvolvendo as habilidades manuais e o fortalecimento das relações afetivas entre diferentes gerações. Partimos da envolvimento e transmissão de saberes tradicionais, preservando a cultura têxtil e o estímulo à criatividade colaborativa.

Contextualizando o projeto, na atualidade, é importante considerar a tradição dos processos práticos promovidos em oficina e as práticas artísticas intergeracionais, existindo longa tradição em diversas culturas que valorizam o trabalho manual e o artesanato coproduzido entre pessoas das diferentes faixas etárias — provendo a partilha e a continuidade dos saberes — técnicos e estéticos. Outro aspeto importante prende-se com o reconhecer-se que as técnicas como a costura, tecelagem, bordado ou croché, para além do trabalho em grupo, podem promover a sustentabilidade, através do reaproveitamento de materiais.

A arte oferece uma plataforma poderosa para o desenvolvimento social e emocional entre gerações, aprendendo a comunicar, colaborar e expressar emoções. Para os seniores, a oficina no âmbito deste projeto ofereceu uma oportunidade de partilhar conhecimento e fortalecer laços comunitários, incentivando a empatia, paciência e respeito, fundamentais para o desenvolvimento pessoal. A interação com gerações mais jovens ajuda a reduzir o seu isolamento social e amplia os seus objetivos diários.

A convivência intergeracional ajuda a desconstruir preconceitos e estereótipos, criando um ambiente onde todos aprendem e ensinam, independentemente da idade, desafiando as noções preconcebidas sobre as capacidades e limitações em ambos os grupos, promovendo um ambiente de respeito e aceitação:

Foi muito agradável, muito gratificante trabalhar com os meninos, eles acabam por nos ensinar sempre coisas, é sempre bom. Aquilo que nós ensinamos a eles, eles também nos ensinam a nós. L. 71 anos

Para os estudos de educação artística baseados na metodologia *Arts Based Research*, estas oficinas enquadram-se em práticas pedagógicas contemporâneas, valorizando a aprendizagem colaborativa, integrando a arte, a vida e a comunidade. O trabalho manual aliado à interação social proporciona uma aprendizagem baseada na experiência prática e no diálogo entre gerações, defendido pelo pedagogo John Dewey que criou os “laboratórios de aprendizagem” em 1930, valorizando o ver e o saber fazer. Este defendia que as vivências significativas são essenciais para o desenvolvimento e crescimento do indivíduo, valorizando a experiência na educação, centralizando o pensamento reflexivo dando sentido à experiência.

A criação artística coletiva proporciona uma oportunidade de integrar diferentes gerações num processo criativo comum, contribuindo individualmente com ideias, habilidade, competências e experiências, refletindo a diversidade de pensamento e experiências de vida. Enquanto o grupo de crianças aprimoram as suas noções técnicas e criativas, os seniores fortalecem a sua memória, capacidade de resolução de problemas e capacidade de comunicação. Para ambos o processo de criação artística pode melhorar a capacidade de adaptação, pensamento crítico e autoconfiança.

As oficinas Intergeracionais também podem ser uma via para uma economia criativa em que o produto do mesmo pode ser usado para vender ou para exposição em feiras de artesanato local, promovendo o empreendedorismo social. Neste caso, o nosso projeto não teve intenção de qualquer fim comercial, tendo sido exposto e partilhado em vários espaços da comunidade e da freguesia, apenas para possibilitar o acesso e o destaque, em exposição, de um resultado partilhado.

Se a educação artística aponta, hoje, para o conceito e para a experimentação, a partir de uma determinada “problematicidade” apoiada na crítica e no discurso, não podemos deixar de sublinhar a importância de uma base sólida de formação através

de processos metodológicos adequados às necessidades, sem o estigma do receio e do preconceito. (Marques, 2012, p.102).

1.1.1 Educação não formal e criatividade

Os contextos educativos formais e não formais, são espaços que nos permitem encontrar novas formas de pensar.

Barbosa (1975) dizia que, “perceber a realidade é pensar acerca desta mesma realidade e adquirir condições para propor uma nova realidade” (p.76).

A educação artística permite-nos ver para lá de nós, abrindo as portas ao mundo tornando-nos mais conscientes e atentos. A sua exploração, permite-nos tornar cidadãos mais conscientes e ativos no mundo criando noções e ferramentas interpretativas e representativas do tempo e espaço que nos rodeia. Este processo pode ser transformador e importante no indivíduo, na comunidade e na sociedade.

A utilização de diferentes expressões ajuda os jovens a desenvolver novas ferramentas sociais e humanas para a sua vida futura. Para uma educação mais inclusiva, é importante promover práticas de igualdade que fomentem oportunidades de sucesso e justiça social, desenvolvendo a coesão e a inclusão social.

As mudanças sociais, económicas e culturais, ocorridas nos últimos anos, determinam que a característica mais presente nas atuais salas de aula seja a diversidade. Assim, no contexto atual é necessário pensar no desenvolvimento de uma escola mais inclusiva pensada para responder às necessidades de todos e para todos, sendo um fator determinante na defesa do direito à educação e à igualdade de oportunidades para todos os alunos.

Neste contexto escolar, não formal, de AEC e no âmbito do presente projeto, interessa-me pensar em todo o processo, como forma de contribuir para a formação intelectual e promover uma visão crítica do mundo. Segundo Campos (2017) o potencial criativo reside em processos onde é possível “proporcionar a formulação de novas ideias, relações e conexões, consequência de um crescente espírito crítico fundamental para apreensão do conhecimento ao longo da vida” (Campos, 2017, p.22, citado por Angelozzi, 2022, p.24).

Partindo desta ideia reforçada pelo roteiro da UNESCO (2006), a educação artística enquanto elemento estruturante de sociedades culturalmente criativas e conscientes, promove a

expressão, o pensamento criativo, e a participação ativa, nos vários aspetos da vida humana, em contextos educativos formais e não formais.

Fazendo referência aos princípios da concessão curricular em Portugal - EB e ES, no DL 55/2018, estes referem que: i) Assunção de projetos e atividades desenvolvidas na comunidade escolar como parte integrante do currículo, ii) dinamização da componente de oferta complementar, através da criação de novas disciplinas no ensino básico, iii) dinamização de momentos de apoio às aprendizagens dos alunos, iv) acesso a diversos domínios da educação artística, v) oferta de atividades de enriquecimento curricular no ensino básico, com carácter lúdico e cultural. Estes projetos, de educação artística, são ofertas extracurriculares, com objetivos pedagógicos específicos em contexto escolar, complementando o sistema de ensino formal.

Neste contexto específico, os alunos faziam parte de uma turma de 3ºano da escola, fazendo apenas parte os alunos inscritos nas AEC. Já o grupo de seniores participantes, adivinham de um contexto não formal, da USMMA e Centro Lúdico, e participaram de forma voluntária, com diferentes níveis de conhecimento sobre a abordagem têxtil e com idades e/ou experiências ao longo da vida muito diversas. O resultado das aprendizagens, de ambos, não foi medido quantitativamente, embora tenha sido alvo de uma avaliação qualitativa, pelos participantes:

Aprendi que não preciso só dos meus dedos e mãos, também preciso de materiais. J., 8 anos

Aprendi a costurar, mas não gostei, não gostei porque é preciso muita paciência, e eu não tenho. Aprendi a fazer bordados e aprendi a fazer bonecos e desenhar. N., 8 anos

Durante todo o projeto, ficou evidente a intenção de proporcionar uma experiência artística na qual os grupos participantes tivessem a oportunidade de atuar de forma autónoma dentro de um espaço organizado de maneira semiestruturada. Essa atuação foi simultaneamente guiada por mim e marcada pela cooperação mútua, promovendo o partilha de conhecimentos e a colaboração entre os participantes.

Um dos grandes desafios para este projeto foi criar *social engagement artworks*, navegando por diversos territórios do saber. É importante que os interesses dos grupos com que trabalhamos façam parte do currículo, tornando a experiência educativa, diferente para cada grupo/turma e o seu processo deve ser coproduzido e pensado em partilha e construção.

Os artistas-professores, que trabalham com comunidades, conseguem grandes benefícios em juntar várias disciplinas, com o objetivo de aplicar práticas (artes visuais, costura, língua

portuguesa, poesia, história, música) de trabalho que interliguem as dimensões de cada área, utilizando ferramentas que suportem as suas ideias e decisões.

Helguera (2011) argumenta que toda arte, na medida em que é criada para ser comunicada ou experimentada por outros, é social, mas nem toda arte está também envolvida socialmente incluindo a arte baseada em processos. O que caracteriza a arte socialmente comprometida ou *social engagement art*, é a sua pertinência nas relações sociais como um fator da sua existência.

Quando, em contexto de oficina, proporcionamos momentos de criação colaborativos, durante todo o processo, criamos condições para a criação conjunta participada que dá corpo às narrativas visuais dos participantes, explorando capacidade de comunicação e empatia, originando um entendimento partilhado.

Ao envolver o público, usando métodos baseados em diálogos colaborativos e atividades práticas, proporciona-se um quadro ideal para práticas conceptuais baseadas em processos de colaboração.

1.1.2 Arte educadora

A escola pode integrar projetos artísticos, não apenas através do professor, mas através de um artista educador ativo no espaço escolar, a partir de um projeto de partilha ou baseado no seu trabalho autoral.

O artista-professor transita entre o território das poéticas visuais e do ensino da arte. Com isso, articula o pensamento da arte em sala de aula a partir de sua própria poética (ou também de outros artistas), colocando o processo criativo como base fundamental para a prática docente (Gonçalves, Pereira e Moraes, 2024, p.7).

Tendo por base a ABR como metodologia, este é um projeto qualitativo, de procedimentos múltiplos, que se desenvolve a partir das relações de partilha entre alunos/sujeitos, professora/investigadora e/ou artista/educador através de observação participada, de entrevistas e/ou registos videográficos, escritos e gráficos, que focam essencialmente os protagonistas alunos, e investigam as aprendizagens desenvolvidas. O carácter exploratório desta investigação pretende refletir sobre a possibilidade das relações fora do contexto fechado

da sala de aula poderem ser geradoras de aprendizagens e narrativas que mobilizem outras potencialidades na construção do discurso e na renovação das práticas da Educação Artística, em contexto escolar.

A utilização de expressões diferenciadas, ajudam os jovens a desenvolver novas ferramentas sociais e humanas para a sua vida futura. Para uma educação mais inclusiva é importante promover práticas de igualdade que proporcionem oportunidades de sucesso e justiça social, permitindo a coesão e inclusão social.

Segundo a UNESCO (2006), a educação Artística é um direito Universal, incluindo todos aqueles que muitas vezes são excluídos da educação, os migrantes, grupos culturais minoritários e pessoas portadoras de deficiência fazendo parte das várias dimensões de aprendizagem: cognitiva, social, emocional e comportamental, fomentando competências de pensamento criativo e de inovação envolvendo a reorganização das coisas, ao contactá-las de novas formas, exigindo experimentação, prática e disposição de falhar, permanecendo inspirado e persistente, é um meio para incentivar a imaginação, a paixão, a reflexão e perseverança, bem como para realizar conexões transversais únicas que podem servir de base para outras inovações.

A arte permite ampliar uma gama de competências interpessoais e sociais, como colaboração, empatia e trabalho de equipe, colaborando em conjunto para um objetivo partilhado, ajudando a fortalecer as aptidões sociais e emocionais essenciais para enfrentar o futuro, transformador e solidário. “Na arte, não há respostas certas ou erradas, os alunos são livres para explorar e experimentar (OCDE, 2013), criando pontes entre os indivíduos e as comunidades. Gardner (1983) defendia as inteligências múltiplas na educação artística, como sendo uma atividade circular, reflexiva e multilateral explorando diversas áreas do saber. A educação artística, pela voz do Arte Educador / professor, convida os alunos a realizar atividades criativas, de forma ativa e enquanto produtores, explorando as suas emoções, os seus conhecimentos e as comunidades em que se inserem, “costurando” processos de aprendizagem. A educação artística permite aos alunos explorar e inspirar-se no património vivo e cultural, conectando-se com a sua comunidade e no seu artesanato ligado ao património cultural, ajudando a moldar a sua identidade pessoal, facilitando a transmissão de valores às gerações mais novas e abrindo o leque de possibilidades na aquisição de competências criativas, essenciais num mercado de trabalho em constante evolução.

O novo modelo de Professor /Artista, proposto por Maria Acaso (2013), defende um ensino libertador que deverá promover novos conceitos de ensino e aprendizagem, convertendo a educação numa experiência criativa e estética “abraçando o caos, a procura do inesperado, explorando o inconsciente, assente na experiência de vida, organizando atividades de grupo, utilizando o momento, o jogo e as catarses coletivas, momentos vividos que se convertem em aprendizagem, estando o corpo integrado na experiência” (Hernández, 2020, p. 28). Segundo Acaso, a investigação pretende gerar aprendizagens nos alunos a partir de proximidades mediadas pelas instituições promotoras da arte contemporânea e pelos artistas no espaço da escola:

- Relacionando a arte com a atualidade e a contemporaneidade;
- Acedendo a diferentes códigos culturais diluindo, permeabilizando e contaminando fronteiras institucionais educativas formais e não formais;
- Humanizando o artista e integrando a prática artística no quotidiano;
- Construindo experiências educativas exteriores a partir do interior da escola;
- Potenciando uma relação mais consciente, crítica e reflexiva dos alunos, e entre escola e instituições promotoras da arte.

“A experiência do artista rebate no projeto de ensino, assim como o oposto também ocorre, a partir de procedimentos e materiais utilizados pelos alunos.” (Gonçalves, Pereira e Moraes, 2024, p. 8).

A relação entre ensino e produção de arte ocorre, em primeiro lugar, nas trocas que acontecem entre uma atividade e outra. Muitas vezes, as questões, as pesquisas, a temática, os materiais e os procedimentos que os artistas-professores desenvolvem em seu trabalho pessoal são levados para a sala de aula (Almeida, 2009, p. 82, apud Gonçalves, Pereira e Moraes, 2024, p.8).

Apesar da componente educativa pretende-se tornar a experiência acessível a todos quantos nela participam, neste caso as diferentes faixas etárias, para que a aprendizagem seja clara, adequada e eficaz. O professor deve ter preocupações pedagógicas ao transmitir conteúdo científico e educar, construindo aprendizagens integradas em prol de uma educação para a arte e pela arte.

“O movimento repetitivo de uma linha, o acariciar um objeto (...) é um gesto infinito de amor”

Louise Bourgeois, 1998

1.2 Arte Têxtil - Contexto histórico, cultural e artístico

As práticas artísticas, no seio das comunidades, apareceram quando a arte se começou a distanciar dos seus espaços convencionais como salas de exposição ou museus. É possível compreender a função social e artística, partindo de novos contextos artísticos, sociais e económicos. A arte como mediadora cultural na comunidade, construindo uma identidade e comunicando com o meio envolvente e espaço exterior.

Na pandemia, as pessoas voltaram a dedicar-se mais ao *Craft* e procuram espaços sociais, públicos ou privados, com interesse na troca de experiências e saberes e onde a sua presença cria laços com os seus pares, gerando sentimentos de pertença e ligação a uma determinada comunidade. O trabalho realizado, nestes contextos, caracteriza-se, na sua generalidade, por não controlado, na medida em que não exercemos total controle sobre o resultado final, mas orientamos e fazemos parte de todo o processo criativo.

Não obstante, a importância dos processos têxteis na contemporaneidade artística, o seu manuseio continua a ser desafiante, ao nível estético e técnico. Reconhecendo a pluralidade de linguagens que o têxtil permite explorar, bem como a sua dimensão cultural que atravessa diferentes gerações, constituiu-se no principal meio de expressão para a construção deste projeto.

“Pela aparente efemeridade e fragilidade do têxtil enquanto matéria, e pela sua esteira intrínseca de informação ancestral, é fácil torná-lo protagonista destas obras, tanto conceptual como construtivamente.” (Rita, 2016, p. 205)

Com baixa escolaridade e sem trabalho fora do espaço doméstico e muito menos autonomia económica, a costura fazia parte das obrigações domésticas, entendida com uma inerência à

condição da mulher e como modo de complementar o rendimento familiar. Durante séculos, as mulheres foram impedidas de ocupar um lugar no mundo público, político e artístico, dedicando-se às artes consideradas “menores” designadas por Artes Decorativas das quais faziam parte as artes têxteis, rendas e bordados. O trabalho manual, traduziu-se, mais tarde, numa atitude libertadora.

Este mundo de labores, que abria a possibilidade de fazer algum trabalho, entre o útil e o agradável, servia a estas mulheres de evasão. A própria representação da mulher na arte que surge recorrentemente, a bordar ou a coser, em cenas de interior, muito provavelmente, o que vivenciava diariamente. As cenas domésticas familiares, privadas e íntimas, com crianças, mulheres e flores, retratavam a vida quotidiana das mulheres, ao invés de retratar o espaço público e a sociedade, no final do século XIX.

Esta dinâmica, veio a refletir-se nos processos mais diversos que, a partir dos anos sessenta, se propagaram em múltiplas propostas criativas, tecnológicas e estéticas que permitiram aberturas à *Fiber Art*, desencadeando grande entusiasmo pela produção ligada à fibra têxtil, movimentações que trouxeram para o domínio da arte atividades anteriormente consideradas domésticas, regionais ou artesanais. (Rita, 2016, p. 118)

A partir dos anos 70, do século XX, a mulher começa a conquistar o espaço público e liberal e a utilização do têxtil passa a ser enquadrada dentro da liberdade de utilização de materiais diversos. O papel da mulher artista passa, não só pela sua afirmação no mundo público, como também pela afirmação do feminino e da revitalização dos materiais, outrora relegados ao plano artesanal, como era o caso do têxtil.

A profusão de novas propostas estéticas, conceptuais e operativas para o têxtil poderia levar a pensar que a tapeçaria artística manufaturada se encontraria hoje em declínio por estar mais ou menos excluída de um gosto estético contemporâneo, ou por ter deixado de ser opção de concretização da obra por parte dos autores atuais. Pelo contrário, observa-se um fenómeno de aumento progressivo da sua utilização como medium para a realização da obra, acompanhando de forma inovadora a evolução das tecnologias e daquilo que estas possibilitam realizar, com evidente valoração semântica das imagens construídas ao nível da comunicação visual. Hoje, assiste-se a uma absorção das questões da estética contemporânea, colocando especificamente a arte têxtil e a

tapeçaria, num mesmo território conceptual, ao mesmo nível de qualquer outro meio de expressão. (Rita, 2016, p. 118)

A arte de bordar, com o seu tempo de produção demorado e cuidado, que nos evoca para uma geração de avós analfabetas, que viram no “ir aprender costura”, uma forma de emancipação feminina, o trabalho feminino não valorizado, mas que servia às necessidades da família, reaproveitando as peças de roupa usada para fazer novas.

Partindo da exposição de Rosana Paulino – “A costura da memória”² - podemos falar, da arte têxtil contemporânea como uma arte feminista, mas como expressão de uma contracultura, quer pela afirmação das mulheres, quer pelos temas abordados e materiais utilizados, contribuindo para uma nova consciência crítica, social e política, onde as instalações, desenhos, gravuras, bordados e esculturas da artista lidam com a situação atual da mulher, histórias de opressão, exploração e silenciamento racional e social, onde as dimensões pessoal e biográfica surgem inseparáveis da experiência coletiva e da memória social.

A partir da década de 90, a arte feminista passa a usar as tradições femininas, como os têxteis para subverter as próprias ideias de feminidade, “homenageando os labores, o regresso voluntário ao trabalho artesanal e um certo primitivismo, revisitando a morosidade do processo criativo, a ideia de espera, o conceito de espaço interior, de intimidade, o “corte e cose”, entendidos com uma expressão artística criativa, mas também como um ato de doação e amor.”

Com esta atividade criativa sem precedentes em torno da linguagem têxtil, o termo - tapeçaria - começa a ser redutor e, como reação, desenvolve-se uma tendência de afastamento daquilo que se entende como um estigma, começando a generalizar-se a opção pela denominação de - arte têxtil ou *Fiber Art* aplicada à produção têxtil contemporânea. Esta designação possibilita perspetivas conceptuais e formais mais diversificadas, numa aproximação por vezes sobreposta ou dissolvida noutros domínios das artes visuais, como a pintura, a escultura ou a instalação, embora a arte têxtil emerja de um anonimato quase doméstico e se autonomize como tal. (Rita, 2016, p. 118)

O bordado passa assim a evadir-se do universo doméstico e, pelas mãos das mulheres, aparece como ferramenta de verdadeira expressão e comunicação. A

² Exposição patente em 2019, no Museu de arte do Rio, no Rio de Janeiro e na Pinacoteca de São Paulo. “Costura da memória é um conjunto de obras multifacetadas, voltadas para uma reflexão profunda sobre como se estruturam os papéis sociais no Brasil.” (Lopes, 2019)

apropriação desta técnica tão tradicional para fins não tão conservadores é, sem dúvida, um momento de viragem para a história do bordado. Estes objetos assumem agora um papel na emancipação feminina, deixando de ser meros objetos de uso doméstico (Cunha, 2021, p. 19).

“O bordado, enquanto meio expressivo, tem sido explorado por diferentes artistas que hoje experienciam novas formas de conhecimento da técnica e a consideram enquanto instrumento de comunicação e expressão.” (Cunha, 2021, p. 2)

Madalena Vitorino, coreógrafa, no projeto “O Museu Somos Todos”³, 2013, desenvolveu “uma verdadeira maratona cultural com cinco pontos de passagem que desvendou uma forma diferente de viver e conhecer Odemira. A Igreja da Misericórdia abriu as suas portas para receber o espetáculo “Fragmentos de Escondidos”, para revelar retratos de vidas, por vezes desconhecidos, num pequeno documentário que teve como tela forros de casacos.” (Fig. 5)



Figura 5 - *Fragmentos de Escondidos*, Madalena Vitorino, projeto “O Museu Somos Todos”, 2013. Fonte: website CM de Odemira.

³ <https://www.cm-odemira.pt/viver/cultura-e-lazer/galeria>



Figura 6 - Bordar é escrever com sangue, Madalena Vitorino, projeto “O Museu Somos Todos”, 2013. Fonte: website CM de Odemira.

“Bordar é escrever com sangue” deu vida à casa da Dona Reis, com momentos de poesia que revelam tradições antigas da região, ilustradas por maravilhosas telas elaboradas pelas bordadeiras, que contou com o envolvimento direto de cerca de 150 pessoas do concelho (Fig. 6).

O bordado foi assim, através dos tempos, uma forma de socialização e identificação, aprendido sobretudo em casa, em ambiente familiar, podendo ser encarado no contexto da socialização dos participantes, mestre e aprendiz. Em ambiente doméstico ou em pequenos grupos comunitários a aprendizagem do bordado implicava não só a transmissão de técnicas, mas momentos de convívio demorado, de conversa, de criação de laços. (Cunha, 2021, p. 21)

“O ato de costurar é uma forma de marcar a nossa existência no tecido: modelar o nosso lugar no mundo, dar voz à nossa identidade, partilhar algo de nós mesmos com os outros e deixar a evidência indelével da nossa presença em pontos presos pelo nosso toque.” (Hunter, 2020)

Desta forma, é na escolha das técnicas, costura e bordado, e na união dos tecidos, por uma ou várias linhas, que se tece o nosso projeto, sintetizando a necessidade de, através da criação artística, fazer uma reflexão crítica em torno da história do nosso país, da história e relações afetivas de quem viveu no pré e pós 25 Abril de 1974, desenvolvendo uma atitude cívica ativa e participativa.



Figura 7 – Momento em aula quando preençíamos a ponto cheio a quadra selecionada do texto escrito pelo 4º D. Fonte: Própria

1.2.1 Artista vs. Artesão

Os desafios e potencialidades do trabalho artesanal, em ambientes educacionais (Fig. 8), incluindo o ofício nas práticas de ensino, são estruturas criativas e modelos práticos, (considerando o valor que lhes é intrínseco) de apoio a educadores e professores. Eleger o artesanato para a exploração de técnicas e estéticas contemporâneas, com crianças e jovens, pode ser um campo fértil de exploração da capacidade criativa dos indivíduos, na medida em que a apropriação de técnicas tradicionais alia-se a um pensamento criativo, no desenvolvimento de propostas estéticas, originais e contemporâneas.

Como defendido por Landazabal, (1995), a criatividade promove o autoconhecimento e autoconsciência, promove a testagem de novas ideias e processos, promove a fluidez, flexibilidade e originalidade, através de diversas tarefas. No território da arte participativa, o exercício de criatividade social, promove, em contextos de grupo, o espírito de entrega e compromisso. A exploração da criatividade no ensino artístico, assim como no artesanato contemporâneo pode ser desenvolvida por artistas, educadores e investigadores, recorrendo a linguagens e técnicas artesanais — dos tecidos, fibras, cerâmica, cestaria, *crochet*, tricot e costura — em contexto de projetos comunitários. Na cultura mais jovem, é notório o ressurgimento do objeto manufaturado e as implicações digitais, de como definimos e/ou

podemos ensinar criativamente a fusão do fazer artístico vs. artesanal, considerando ainda a sua relação com o design, designadamente, função e estética na expressão artística decorrente.

“Devemos considerar como a prática do artesanato se relaciona com a mão e o corpo, incentivando o desenvolvimento sensorial e das habilidades motoras finas. Em termos mais práticos, como o artesanato nos ajuda a aprender com o corpo e a mente?” (Weida, 2014, p. 6)

Considerar os sentidos e emoções, bem como as vivências cognitivas dos alunos, é um bom ponto de partida para artistas-educadores e outros educadores de arte refletirem sobre como justificar o uso de materiais artesanais nas escolas. Os alunos que entram em contato com materiais quentes, macios e tradicionais do artesanato podem não apenas conectar-se com histórias do artesanato e com a sensibilidade do feito à mão, mas também “entrar em contato” com a noção do próprio desenvolvimento e a incorporação de transformações internas. Discutir artesanato na educação artística também significa abordar questões sobre ensinar a sobre:

- materialidade sensorial;
- consciência coletiva e individual;
- equilíbrio entre histórias e tradições e os significados construídos pelo criador individual (Weida, 2014).



Figura 8 - Construção de personagens, exploração do recorte e colagem de feltros, tecidos e lãs. Fonte: própria.



Figura 9- Soldados recortados, colados e cosidos em feltro. Fonte: própria.

Façamos então referência a alguns artistas que relacionam, de forma exemplar, no seu pensar e fazer artísticos esta desejável e enriquecedora inter-relação entre artesanato e arte contemporânea. O artista brasileiro Ernesto Neto, que expôs o seu trabalho, recentemente, no

Museu MAAT em Lisboa, explora o têxtil instalativo na obra “*Nosso Barco Tambor Terra*” (Fig.10). Segundo o curador da exposição, o artista:

“Partindo de imagens (velas) e materiais (lonas e cordas) geralmente associadas às viagens transatlânticas, (...) cria um conjunto de instalações inéditas que ocupam as várias dimensões do espaço. Para a criação da obra, foi utilizada principalmente chita, um tecido de algodão relativamente barato e extremamente difuso no Brasil que geralmente é decorado com estampas de cores fortes que representam flores e plantas. Esse tecido foi cortado em tiras e crochettato à mão por vários colaboradores, a partir de uma técnica desenvolvida ao longo de anos no ateliê do artista no Rio de Janeiro: o *ateliênave*; e, com o material assim obtido, foram realizadas as células que, juntas, compõem a escultura. O plano geral da obra é desenvolvido à mão livre, através de testes e ajustes, e com a ajuda de *softwares* específicos, de maneira a ficar preciso, mas também maleável o suficiente para se adaptar às especificidades do espaço, quando da montagem *in situ*. Nos últimos anos, à margem da sua atividade como artista, Neto tem-se dedicado à percussão. Ao longo da exposição, a escultura, que incorpora uma série de instrumentos, será periodicamente ativada por uma programação musical, a cargo de músicos e grupos de vários lugares do mundo, com atenção especial para os ritmos das diásporas africana e asiática. Simbolicamente, o encontro de ritmos e batidas em *Nosso Barco Tambor Terra* irá constituir um contraponto à multitude de idiomas falados pelo mundo, aludindo à possibilidade de encontrarmos, em momentos e contextos específicos, línguas comuns que permitam uma comunicação que transcende a verbal e possibilita encontros autênticos e profundos. Coerentemente com o desejo do artista de criar uma obra autenticamente coletiva e diversa, os tambores de vários tipos e proveniências que habitam a instalação podem também ser tocados pelo público que visita a exposição.” (Visconti, 2024)

Ernesto Neto, alude assim à participação e imersão na obra, ao potenciar a entrada, explorando sensorialmente o seu potencial educativo - exploração do têxtil e dos sentidos, musical e de contacto com a natureza, tornando-se atual, vigente, participativa, integrativa e multicultural, convidando a encontros de leitura ou noites no museu. De acordo com o vídeo disponibilizado

no *website* do MAAT⁴ e pelas próprias palavras do autor: “A casa da minha avó era um atelier, não só por ela estar lá, como as amigas delas estavam lá, pintavam porcelana na mesa, faziam *crochet* e *tricot* no sofá, tinham um quatinho onde faziam costura, (...) elas me ensinaram tanta coisa. Ela trouxe-me a este mundo dos dedos, do *crochet* e esta porosidade, “Arte Contemporânea” é a arte que nos remete para os sentidos.” (Neto, 2024).

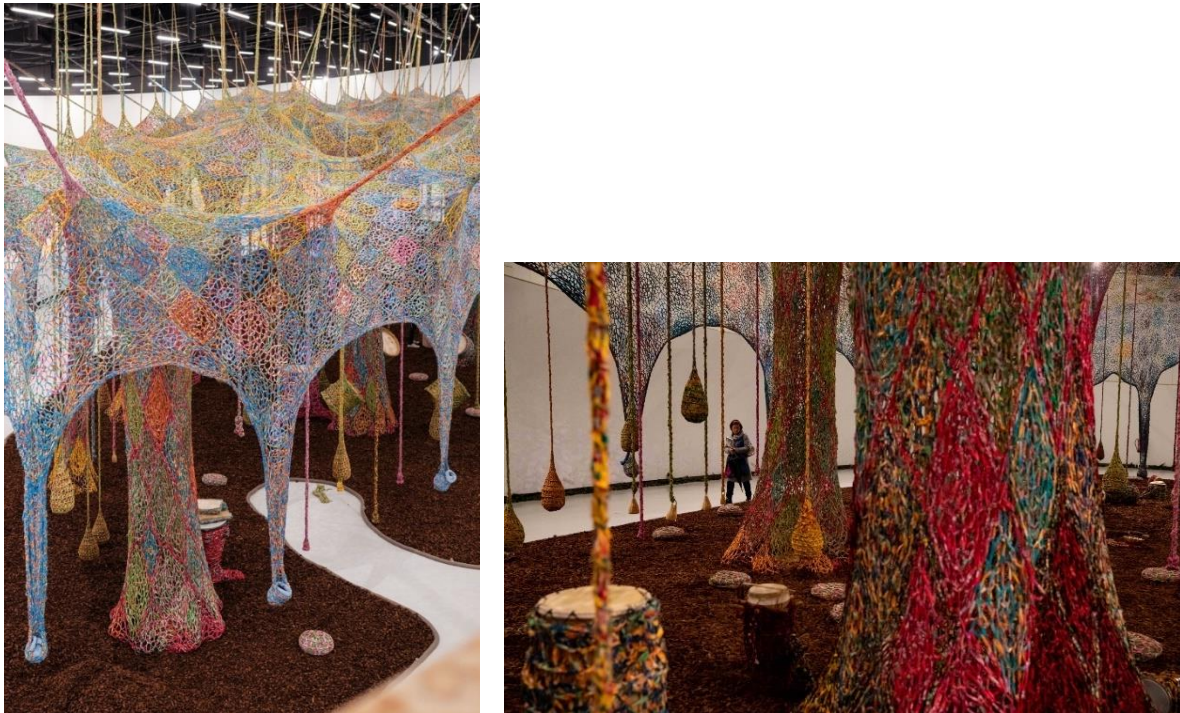


Figura 10 - “A arte é trabalhar este processo de cura” (Neto, *O nosso Barco Tambor Terra*, 2024). Fonte: <https://www.maat.pt>

Joana Vasconcelos, artista contemporânea portuguesa mantém uma relação estreita com a exploração têxtil, nutrindo-se de saberes do passado, ancorados no seu trabalho de atelier, onde trabalha diariamente nas suas obras, suportada por uma equipa de mais de 60 pessoas, exaltando as tradições portuguesas e técnicas artesanais. Utiliza uma linguagem *kitsch* e contemporânea, na construção de obras monumentais. Facilmente, identificamos na sua obra, os recortes em feltro costurados dos bordados de Nisa ou os bordados de Castelo Branco em fio de seda, e centenas de bandeirolas em tecidos variados entre chitas e lantejoulas cintilantes, unidas a tentáculos de *tricot* e *crochet*. No que se refere à sua metodologia de trabalho, percebemos que esta artista, para além de trabalhar com diversos costureiros e artesãos,

⁴ <https://www.maat.pt>, consultado em 15.07.2024

necessita de uma equipa multidisciplinar para a concretização e montagem das suas peças, que em grande parte são aglomeradas e concluídas manualmente por diversas mãos. Este tipo de processo colaborativo, na construção de um objeto artístico, foi também o que nos acompanhou ao longo do projeto desenvolvido, sendo que a união das partes que se iam desenvolvendo permitiram construir uma linguagem comum — com recurso à aglomeração de peças em *crochet*, recortes de figuras e letras em tecido, em composições várias cuja narrativa visual se pretendeu harmoniosa e holística.

Estes artistas são aqui referidos porque foram o mote para o vigente projeto. A referência artística escolhida, reflete o tipo de sinergias que criei com as pessoas construtoras deste projeto. Recorreu-se, assim, à mão de obra de diferentes grupos de pessoas, equipas de trabalho com múltiplas competências — artesãos, costureiras, fazedores e construtores — para aplicar manufatura de técnicas tradicionais, que muitas vezes reconhecemos implícitas em obras de artistas contemporâneos.

A distinção entre artista e artesão tem raízes históricas, mas, no contexto contemporâneo, esses papéis muitas vezes sobrepõem-se, criando encontros interessantes e inspiradores na criação artística. Esta dicotomia ajuda-nos a refletir sobre a intenção e expressão de ambos. A criação do artista geralmente parte de uma intenção expressiva ou conceptual, na procura de ideias, sentimentos ou perspetivas do mundo, explorando temas como identidade, política ou emoções. Muitas vezes, trata-se de uma obra interpretativa e simbólica, com o objetivo de provocar uma resposta emocional ou intelectual. O artesão, por outro lado, trabalha focado na funcionalidade e na técnica, sendo o seu objetivo principal, criar objetos úteis, como cerâmicas, móveis ou tecidos, com especial atenção à qualidade e durabilidade. A estética também é importante, mas o trabalho do artesão valoriza a técnica e a execução perfeita, muitas vezes com o objetivo de respeitar e dar continuidade a tradições.

Para o artista, o processo artístico muitas vezes inclui a exploração e experimentação com materiais e formas. Embora a técnica seja importante, o artista geralmente tem mais liberdade para experimentar e "quebrar" regras. A técnica será o meio para alcançar a expressão pessoal.

O artesão geralmente explora uma técnica específica ao longo de vários anos de prática. Tradicionalmente, o trabalho do artesão é altamente técnico e envolve precisão e habilidades manuais, onde o “fazer” é tão ou mais importante quanto o resultado. A repetição de um processo específico, como a tecelagem ou a marcenaria, também é parte da identidade do artesão.



Figura 11 - As obras de Joana Vasconcelos, convidavam ao encontro e partilha dos visitantes, promovido pelo museu (Maat), sessões de Yoga, meditação ou concertos musicais sob a peça Valkiria Oktopus, 2023. Fonte: <https://www.maat.pt>

A originalidade e inovação são fundamentais para o trabalho do artista. Procurando criar algo, único e pessoal, mesmo que isso signifique ir contra tradições ou técnicas estabelecidas. Embora a criatividade também seja valorizada, o artesão geralmente trabalha na reprodução de padrões, formas e estilos específicos que têm raízes culturais ou históricas, sendo valorizada como um sinal de excelência e respeito à tradição.

Quanto ao valor de mercado, o trabalho do artista é geralmente apreciado pelo seu valor simbólico e único, sendo vendido em galerias e exposições, com foco na sua singularidade e valor conceptual. As peças de artesanato têm um valor ligado ao trabalho manual e ao uso funcional do objeto. São vistas como peças de alta qualidade e utilidade, com valor comercial mas sem referência a um status simbólico.

Na prática, a distinção entre artista e artesão torna-se menos rígida, quando ambos os campos se cruzam.

Muitos artesãos contemporâneos trabalham para além da funcionalidade, criando peças únicas que transmitem emoções e simbolismos. O artesão pode criar objetos que são, ao mesmo tempo, funcionais e expressivos. As peças de cerâmica, joalharia, ou tapeçaria, por exemplo, podem carregar histórias, significados culturais ou inspirações pessoais, trazendo o artesão para o campo da expressão artística.

Artistas contemporâneos, como Joana Vasconcelos ou Ernesto Neto, referidos anteriormente, procuram técnicas de artesanato para dar forma às suas obras, misturando o tradicional com o conceptual, contemporâneo. A técnica do bordado, da cerâmica ou *crochet* pode ser utilizada para explorar temas atuais e contemporâneos, tornando-se uma forma de expressão artística, ganhando uma nova camada e significado.

Nos últimos anos, com o aumento do interesse pela manufatura e a sustentabilidade, tanto os artistas como os artesãos passaram a valorizar o processo artesanal, valorizando o tempo, da técnica e fazer manual, sendo elementos comuns entre a prática artística e a artesanal.

Embora o artista e o artesão tenham diferenças nas suas intenções e práticas, os encontros entre ambos são cada vez mais frequentes. Na criação artística contemporânea, o artista pode adotar o rigor técnico do artesão, enquanto o artesão pode incorporar a expressão pessoal e conceptual do artista. Ambos valorizam o trabalho manual, o compromisso com a qualidade e a procura de significado nas suas criações.

Em projetos colaborativos, como a oficina – O fio que nos une - artesãos, professores-artistas e alunos trabalharam juntos, partilhando habilidades e inspirando-se mutuamente. Esses encontros enriquecem a produção e educação artística ao mostrar que técnica e expressão não são opostas, mas complementares, ampliando o potencial criativo e o seu impacto cultural.

- *Com as mãos avó?*

- *Sim. As mãos são as antenas da alma.*

-*Quando as mexes, enquanto cozes, cozinhas, desenhas, brincas ou envolves a terra, envias sinais de cura a ti mesma.*

Com as mãos, Elena Bernabé, 2023

1.2.3 Impacto nas comunidades envolvidas

A implementação destas oficinas colaborativas intergeracionais, para a criação artística contemporânea, pretende criar uma rede de suporte mútuo, onde os membros de ambos os grupos etários se sintam conectados e valorizados, promovendo o sentido de pertença, reduzindo o isolamento e incentivando a solidariedade.

Para muitos idosos o isolamento social pode ser um desafio significativo e, deste modo, a interação com as gerações mais jovens potencia conversas e atividades partilhadas e a sensação de companheirismo, combatendo a solidão. Por outro lado, as crianças também beneficiam emocionalmente desta criação de laços com os mais velhos, no que se refere ao suporte e estabilidade emocionais, pelo que, assim, ajudamos a melhorar a saúde mental nos idosos e proporcionamos aos jovens aprenderem a valorizar e respeitar os idosos, desenvolvendo maior empatia.

“Eles tem muitas ideias, e eles também já foram como nós. E esta experiência foi muito importante porque ajudavam-nos a aprender mais coisas.” L. 8 anos

No que se refere à troca de saberes e experiências, as tradições e práticas culturais embora preservadas, foram adaptadas ao contexto atual, garantindo que a herança cultural fosse transmitida e, ao mesmo tempo, enriquecida por novas ideias.

O que se percebeu, desta convivência entre diferentes gerações, é que esta beneficiou as competências sociais e emocionais de ambos os grupos. As crianças beneficiaram de novas aprendizagens, aprenderam a comunicar de forma mais eficaz, desenvolveram paciência e empatia, enquanto os mais velhos beneficiaram da interação com as crianças, sentindo-se escutados e respeitados, sendo as diferenças aceites e valorizadas. Este tipo de interação gera cidadãos mais conscientes e empáticos, com maior capacidade de comunicação e compreensão das necessidades dos outros, independentemente da idade.

No tocante à quebra de estereótipos e preconceitos, procurou-se contribuir para a criação de comunidades mais inclusivas e justas, onde todos são respeitados e valorizados pelas suas capacidades. A participação nestas oficinas, promoveu a saúde física e mental dos seniores, para que sejam mais ativos física e mentalmente, contribuindo para o seu envelhecimento saudável. Nos jovens, a interação com os idosos pode reduzir problemas de ansiedade e *stress*, proporcionando uma sensação de segurança e de apoio emocional. Concludentemente, foi notória uma melhoria geral na saúde mental e física, especialmente para os idosos que se mantêm ativos, mas também para os jovens que desenvolveram uma visão mais positiva sobre o envelhecimento.

O desenvolvimento desta oficina reforçou as noções de sustentabilidade e empoderamento social, desenvolvendo práticas saudáveis e de baixo impacto ambiental com o reaproveitamento de materiais, protegendo o meio ambiente, dando nova vida a materiais obsoletos, coletados na escola e no meu atelier. Acredito que a comunidade se torna mais consciente das questões ambientais, promovendo o cuidado com o planeta, sensibilizando para as atitudes em torno da sua sustentabilidade.

Outro fator interessante, abordado nestas oficinas, foi o fortalecimento da identidade da comunidade e a preservação da memória coletiva. Partilhando histórias, tradições e experiências, as gerações mais velhas ajudam a construir uma consciência de continuidade, enquanto os jovens se conectam com as suas raízes culturais e sociais, fortalecendo a consciência de identidade coletiva e preservando a memória, histórica de factos e acontecimentos.

A arte participativa, uma prática específica e historicamente recente, que une artistas profissionais e não profissionais num ato de cocriação.

É um campo vasto e extraordinariamente diversificado, que vai da sofisticada arte contemporânea a políticas de ação cultural, mas que é definido pela partilha

do ato criativo. A arte participativa e a arte comunitária têm um papel importante em estabelecer uma ligação entre participação cultural quotidiana e a autoconsciência da prática artística contemporânea. Matarasso, (2019)

Partindo da tônica da dimensão social, e fazendo a ponte com o vigente projeto e o impacto deste tipo de práticas em comunidade, partilho um painel de imagens (Fig. 12), cujos projetos, individuais ou coletivos, menciono de forma necessariamente breve, uma vez terem sido uma referência para esta investigação pela prática.



Figura 12 - Projetos na comunidade. *A avó veio trabalhar* – Lisboa 2019; *Nes.nespoon* - Fundão, Portugal, 2014; *Piazza Duomo Milão*, construção de centenas de mantas em crochet, 2021. Fonte: Acervo *A avó veio trabalhar* e *Jornal Expresso*.

A avó veio trabalhar – Lisboa, Portugal, 2019

“Através do trabalho feito à mão, as avós mantêm-se ativas e desenvolvem a criatividade, mas não só. Também viajam, participam em produções de moda ou dinamizam workshops. Tudo porque a idade “tem de ser vista como um superpoder” (Batista, *Jornal Expresso*, 2022).

Nes.nespoon - Fundão, Portugal, 2014

“Nunca gostei de rendas. Antes de começar a trabalhar com elas, eu achava que renda era algo antigo, do apartamento empoeirado de uma avó. Hoje parece-me que em cada renda há um código estético universal, que está profundamente enraizado em cada cultura.” (Nes.nespoon, 2014)

Projeto Viva Vittoria – Milão, Itália, 2021

Construção de cerca de 5 mil mantas cobriram a Piazza Duomo para dizer “Não” à violência contra as mulheres. “A violência contra a mulher é combatida com fios e agulhas de *crochet*⁵.”

⁵ <https://www.vivavittoria.it/progetti/progetti-realizzati/viva-vittoria-milano/>

PONTO MATIZ

| Oficina Têxtil - O fio que
nos une - costurar relações
entre gerações

| | " | | " |

“The act of sewing is a process of an emotional repair”

Louise Bourgeois, 2004

Neste ponto, apresenta-se o projeto em questão, dando a perceber a problemática e os objetivos deste estudo, caracterizando o contexto, como se procedeu ao diagnóstico e contextualizando a metodologia de investigação utilizada. Ao serem mencionados os intervenientes e os recursos necessários, bem como as estratégias escolhidas para dar resposta aos objetivos iniciais, farei referência aos aspetos éticos contemplados. Apresento a calendarização, seguindo-se uma descrição detalhada das etapas do projeto e respetivas atividades desenvolvidas.

Neste decorrer, descreverei ainda como fui avaliando as sessões e introduzindo novas estratégias, sempre que necessário, para obter melhores resultados por forma a contornar as dificuldades sentidas.

2.1 Metodologia - Participação na experiência educativa artística.

Ricardo Viadel (2021) defende que o ensino pela arte permite evocar um pensamento crítico e ativo, de análise, reflexão e criação, educando alunos mais participativos, colaborativos, e preocupados com o mundo que os rodeia, mais atentos às suas necessidades, levando-os à prática do saber fazer, explorando novos materiais e técnicas. Articular as transformações que ocorrem na criação artística com o domínio da educação evita um desfasamento entre o que acontece na escola e nas realidades sociais e culturais. O objetivo do Ensino da arte é a possibilidade de levar a arte a todos, promovendo a igualdade social e o pensamento crítico, sendo um espaço essencial de transformação e inclusão social, em que o professor é veículo de libertação e de transformação pessoal do aluno.

A partilha e estimulação dos grupos de crianças e seniores, o retorno nas sessões, as fotos e registos descritos, revelam uma participação ativa dos participantes neste projeto, assente numa metodologia *Art Based Research (ABR)*. Assumiu-se assim, um processo de investigação através da prática, porque é poderoso investigar com o fazer artístico, como processo de aceder

a dados que nos permite conhecer uma determinada realidade. Como invoca Matarasso (2019) “a viagem é tão importante quanto o destino”.

A investigação baseada em artes tem sido explorada desde os anos 70 e 80, na América do Norte, na tentativa de explorar novas formas de pensar sobre as metodologias educativas, não se cingindo ao campo educativo, mas abrindo novos caminhos nas áreas sociais e humanas, “como uma forma de pesquisa destinada a aumentar a nossa compreensão sobre determinadas atividades humanas por intermédio de meios e processos artísticos.” (Oliveira, 2016, p. 371).

Oliveira (2016) explica esta metodologia:

Como um tipo de investigação de orientação qualitativa que utiliza procedimentos artísticos, sejam estes literários, cénicos, visuais ou performativos, para dar conta de práticas de experiências, mas que tanto os diferentes sujeitos (pesquisador, leitor, colaborador) como as interpretações sobre suas experiências revelem aspetos que não são visíveis em outro tipo de investigação (p. 372).

Os métodos de pesquisa da *ABR* podem ser “definidos por um conjunto de ferramentas metodológicas usadas pelo investigador, de qualquer área, e durante qualquer umas das fases da pesquisa, incluindo geração, análise, interpretação e representação de dados.” Leavy (2020) defende que “estas ferramentas adaptam os princípios das artes criativas para questões de investigação de forma holística e envolvente, nas quais a teoria e a prática estão interligadas.” Leavy (2020)

Não se trata apenas da utilização de determinados métodos ou práticas artísticas, mas da relação que criamos com o objeto da investigação, permitindo um outro olhar, que reconhecemos no fazer artístico, e que perante outras metodologias não seria possível descobrir.

“Desenvolver e implementar projetos que articulem diretamente a diversidade de linguagens visuais e plásticas, exploradas no âmbito das práticas artísticas e o contato com contextos reais de intervenção, recorrendo à recolha, mapeamento e processamento de diversos componentes” permitem (Pereira; Sá; Regatão, 2017 p.283) uma “pesquisa viva”, onde valorizamos a viagem, abrindo caminhos para o desenvolvimento, onde investigador e metodologia alimentam a investigação.

Para a implementação do estudo foram, inicialmente, realizados dois *focus group*, tendo sido feito um registo áudio, alvo de posterior análise, de onde provêm as citações que apresento.

Com a turma, e com guião semiestruturado, as questões aos alunos foram no sentido de fazer um diagnóstico a este grupo de participantes jovens sobre as suas expectativas referentes ao projeto, foram colocadas várias questões para caracterizar o contacto anterior com a matéria e os processos têxteis e também o contacto e/ou gosto com/pela poesia — já que este seria o tema orientador — e, por enfim, a sua abertura para se envolverem num projeto com estas características:

- O que esperam aprender com oficina têxtil?
- Qual o significado da palavra têxtil?
- Quais os materiais têxteis que conhecem?
- A oficina vai ser partilhada com um grupo de seniores da universidade sénior de Massamá, gostava de saber o que fazem com os vossos avós?
- E quem faz a sugestão das atividades quando estão juntos?
- O que ensinas aos teus avós?
- O que é poesia?
- E o que pode ser poesia?

Ao grupo de seniores da USMMA foi igualmente aplicado um guião semiestruturado, com intenção de conhecer os elementos deste grupo, percebendo igualmente as expectativas relativas ao projeto, conhecimento de técnicas e adequação à exploração com crianças, gostos, ocupações ou áreas de interesse e, de igual modo, o contacto prévio com o território da poesia:

- Indiquem nome idade;
- O que esperam da participação na oficina têxtil?
- Que técnicas têxteis dominam ou tem conhecimento e que técnicas achariam interessante explorar com o grupo de crianças?
- São áreas do vosso interesse?
- Como trabalho ou *hobby*?
- Iniciaram o gosto por estas áreas após a reforma?
- A oficina será partilhada com um grupo de crianças dos 8 aos 9 anos do terceiro ano da escola básica o que pensam receber deste grupo e como será o envolvimento das 2 gerações?
- São avós?

- O que fazem com os vossos netos?
- Quem faz a sugestão das atividades?
- O que é que os vossos netos vos ensinam?
- Gostam de ler?
- Poesia?
- E para vocês o que pode ser poesia?

De grosso modo, estes *focus group* tiveram como intenção identificar conhecimentos de ambos os grupos quanto às técnicas e práticas artísticas. Percebi, deste modo, qual a experiência ou conhecimento prévios na experimentação de materiais têxteis, quanto à sua identificação e composição. Destacando alguns aspetos foi importante perceber junto do grupo de séniores que áreas dominavam e qual o papel que estas ocupavam no seu quotidiano. As questões foram orientadas no sentido de perceber que tipo de relação mantinham com os membros da família, de gerações diferentes e que pontos de interesse os moviam ou alimentavam. Como faziam a articulação entre a educação, a criação de memórias e os momentos de lazer. E por fim a importância da leitura, o conceito de poesia e o que, para eles, se poderia tornar numa poesia. Seriam necessárias palavras? Ou poderíamos construir poesias visuais?

- A poesia para mim é um texto onde expressamos os nossos sentimentos, L., 8 anos

- Um texto com rimas. J., 8 anos

Para explorar o conhecimento e experiência de materiais têxteis, foram dinamizados, apenas com o grupo de crianças, jogos de exploração tátil, seriando os materiais quanto à sua composição, textura e gramagem, propriedades e características hápticas. Identificando-os quanto à sua composição: fibras naturais ou sintéticas, textura, aplicabilidade e dimensão da sua capacidade exploratória, no tocante ao seu comportamento e à adequação a determinada finalidade ou resultado plástico (Fig. 13).

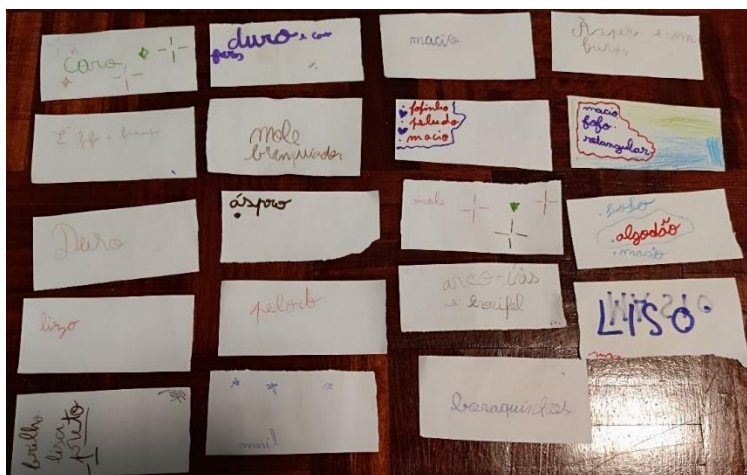


Figura 13 - Respostas do jogo de exploração têxtil. Fonte: própria.

Isto permitiu aferir no grupo de jovens, que era diminuta ou mesmo nenhuma, a sua relação e contato com estes materiais. Junto do grupo de seniores percebi que o contacto e experiência com a matéria têxtil foi mantida, nas várias fases da vida, inicialmente mais como aprendizagem obrigatória — característica de uma determinada geração — com a elaboração de enxovais ou trabalhos de costura e, mais tarde, já como *hobbie* ou tradição e, por vezes, até como complemento económico familiar.

Foi, assim, que percebi as diferentes relações familiares dos vários participantes, as suas dinâmicas, aprendizagens e motivações.

- Tenho saudades das minhas netas com essa idade. Agora só vêm nas férias! Eu adoro o contato com as crianças.

- Basta a nossa atenção para com eles, que iremos receber muito do lado deles.

N., 71 anos

- Hoje em casa os pais não têm tempo para nada... não têm tempo como antigamente. As mães estavam em casa. Se apanharem pessoas que lhes mostrem coisas novas, eles agarram!

A., 81 anos

“Almerinda, faz hoje, com 70 anos patchwork, trabalho doméstico durante anos ignorado e desprezado. Antigamente toda a gente, os tinha e os fazia com o resto de tecidos, bocados de lãs, resto de crochê. Serviam de cobertores, mantas, agasalhos até nos coletes dos homens se apresentavam os bocadinhos dos tecidos eram trabalhos do tempo da guerra, tudo se aproveitava. A vida era dura as mulheres sentavam-se ao serão aproveitando também o tempo livre em cadeiras baixas, perto da lareira das cozinhas a roupa numa masseira com sabão e cinza cheirava a barrela com murta e alecrim. Umas fiavam, outras cosiam, outras faziam meias com cinco agulhas. Os trabalhos que levavam meses e meses a fazer pontos cozidos tudo feito à mão mantas de retalhos chamavam-lhes os portugueses.

Patchwork é o termo vindo por via inglesa.

Dentro de uma arca grande a minha avó tinha uma manta de retalhos e sempre que eu ia à casa dela lá ia espreitar a manta sem ninguém saber. Aquilo encantava-me! Aqueles retalhos miúdos todos cozidos de uma certa maneira. Ficava maravilhada com o efeito com os feitios, com os desenhos, procurava achar-lhes os sentidos.

Fui à escola só até a quarta classe nesse tempo a primeira coisa que se aprendia logo aos 7 anos era a fazer uma casa e a pregar um botão um álbum de pontos passajar alinhavar e em casa desde cedo a mãe lhe dizia não pago costureira conforme fizeres assim vestes.”

Maria Antónia Fiadeiro, junho de 1984, diário de notícias

2.2 Objetivos da Oficina

Após diagnóstico, elaborou-se um plano de ação para a ideação da oficina - O fio que nos une - propriamente dita que sustentou a implementação deste projeto.

Com a oficina “O fio que nos une” procuramos:

- Valorizar a Arte Têxtil Tradicional, utilizando o bordado e a costura como técnica para a expressão artística;

- Envolver crianças e sêniores em atividades plásticas colaborativas, promovendo a proximidade, a interação e transferência geracional;
- Promover a socialização, através do trabalho em grupo e da cooperação, fortalecendo laços sociais, em prática artística;
- Implementar um processo artístico conceptualizado por diferentes grupos etários sobre as novas práticas artísticas têxteis, com base na troca de saberes e experiências, para desenvolver noções políticas, de género e de sustentabilidade.

Enquanto investigadora, educadora, mas também criadora intervim e ajudei a definir a restrição da paleta de cores dos têxteis a utilizar: vermelho, amarelo, verde, preto e azul ganga, para que as mantas seguissem um padrão cromático e o resultado fosse uma composição visual coerente e harmoniosa. Pedimos à comunidade escolar tecidos, roupas velhas, limpas e lavadas, estampadas ou lisas, em feltro, algodão ou ganga, lãs, fios, trapilhos e outro qualquer material têxtil possível de ser costurado. Esta oficina tinha como objetivo principal a exploração técnica de têxteis secos, sem recurso a utilização de tintas, tingimentos ou materiais riscadores. Tudo seria costurado, tecido, entrelaçado ou bordado.

Cortamos dois alfabetos em PVC para que se uniformizasse a tipografia — tipo de letra e apresentação escrita — cujo tamanho facilitasse o recorte em tecido e a leitura, após a montagem (Fig.14). Queríamos manter uma linguagem coerente, optando-se pela forma retangular, com sentido vertical – base em pano cru 150 x 200m, o mesmo tipo de letra e paleta cromática comum.



Figura 14 Fase 1 – Seleção têxtil e recorte de letras. Fonte: Própria.

O grupo participante deste estudo era composto por 18 alunos de uma turma do terceiro ano, do ensino básico — grupo heterogéneo e multicultural — e por um grupo de 19 seniores, unicamente composto por mulheres, também multicultural, as quais se deslocaram à escola todas as terças-feiras, ao longo de 6 meses de projeto, para trabalhar no contexto das sessões da oficina, tendo continuado o trabalho até ao término do ano letivo.

No final, com este projeto, foram concretizadas 20 mantas. Incluímos as 16 turmas da escola, impactando a participação de 360 alunos, respetivas famílias e comunidade escolar envolvente.

O convite enviado às turmas da escola, foi exclusivamente da responsabilidade da professora Bibliotecária, Lúcia Pereira. Fazendo a ponte entre o projeto e as turmas, solicitando, que redigissem, em turma, com a professora titular, uma frase, quadra ou texto que exaltasse os valores de Abril, fazendo o respetivo enquadramento teórico, com recurso a textos, livros e/ou documentários da época. As turmas foram convidadas a refletir sobre estas questões, ilustrando momentos ou símbolos representativos da data ou apenas explorando o significado da palavra LIBERDADE em papel. Todos esses registos gráficos, foram seriados pelo grupo de trabalho, nas nossas sessões e cruzados com os textos recolhidos, dando lugar as composições escolhidas para cada manta.

Foi-nos dada a oportunidade de trabalhar diretamente numa escola em horário de atividades extracurriculares permitindo o livre arbítrio na exploração de técnicas e materiais bem como a utilização do espaço da biblioteca como um espaço de lazer, crescimento e desenvolvimento pessoal e coletivo.

A oficina - O fio que nos une -, para além do diagnóstico e de uma fase inicial exploratória, organizou-se em três principais fases distintas (Tabela 1):

I – CRIAÇÃO POÉTICA, desenvolvida nos meses de novembro e dezembro de 2023;

II – NARRATIVAS VISUAIS, nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2024;

III – PARTILHA, concluído no mês de abril de 2024.

As diferentes fases do trabalho possibilitaram a partilha, entendimento e conexão entre gerações — a das crianças, a minha e a do grupo sénior — demonstrado disponibilidade, vontade, ativas e determinadas a concluir um projeto que era de todos e para todos.

Ambos os grupos tomaram conhecimento com os materiais com que iriam trabalhar, explorando a sua materialidade e plasticidade, permitindo um espaço de liberdade de criação.

Numa primeira abordagem de apresentação à turma, apresentei e li o livro *A manta*, da editora *Planeta Tangerina*, que conta a história de uma avó que tinha sempre tantas histórias para contar, espalhadas pelos quadrados da sua manta, fazendo a delícia dos mais novos. Este primeiro momento de contacto, ainda e apenas com o grupo de crianças, serviu de quebra-gelo inicial, e de mote às nossas sessões futuras (Fig. 15).



Figura 15 - 1ª sessão - Leitura e dramatização do livro Manta de retalhos, da editora Planeta Tangerina, dinamizada com jogo têxtil, peças com velcro e texto pintado no verso, 10 outubro 2023. Fonte: Própria

Queríamos criar uma oficina onde todos os participantes se pudessem sentir bem e incluídos, e que encontrassem a sua forma de explorar os objetos artísticos. Queríamos fomentar um espaço de encontro e partilha, onde se pudessem desenvolver diálogos e negociações, sabendo que nesse processo haveria consensos, dissensos, dilemas e conflitos, tornando-se assim, um suporte vivo para a construção coletiva do conhecimento.

Numa primeira fase introdutória e exploratória de processos e materiais, disponibilizei feltros, tecidos, lãs, cordas, linhas, fitas e fios. Ferramentas: tesouras, agulhas, canetas, lápis e cola, e folhas de papel em todas as sessões. Todos as sessões tinham uma introdução sobre o que iríamos fazer, como nos iríamos agrupar e distribuir crianças e sêniores, pelas várias áreas disponíveis: construção de textos, montagem das mantas, construção de personagens e costura. Com o passar dos dias, as crianças, sabendo de antemão como se organizava a sala, escolhiam a área com que mantinham melhor relação ou que por sua vez, ainda não tinham explorado. Toda esta dinâmica foi sempre partilhada com as sêniores presentes em cada sessão.

O grupo das crianças esperava ansiosamente pela oficina - O fio que nos une -, uma única vez na semana e referiam que *passa sempre tudo tão rápido*. Percebia-se uma sede própria da idade de querer aprender e descobrir, construir com as próprias mãos, mas também “o barulho de fundo” fruto do tempo de tecnologia latente, diariamente, que os incentiva a querer chegar a tudo muito rápido e facilmente, carregando apenas num botão para ver concretizado, sem saborear o momento da descoberta, da construção, do desenho, do recorte, padronizar por cores e categorias. Interessante também é registar que mesmo a desenhar, inicialmente, apenas letras, foram surgindo pequenas figuras e desenhos rabiscados a caneta dentro e fora do limite das letras como se estivessem a dar vida às letras soltas que desenhámos e cortámos nas primeiras quatro sessões.

Tal como as crianças, orientei os adultos no sentido de criarem as suas ideias e inputs com um leque de materiais variados, que rompessem estereótipos e modos de fazer, dando asas à criação livre, saindo da caixa e largando modos-de-fazer mais tradicionais e rigorosos, unindo a exploração dos materiais ao saber fazer artesanal, livre de julgamentos da aprendizagem ao longo da vida. Dizia muitas vezes não corrijam o que os alunos fizeram, não melhorem, não retifiquem, aproveitem o seu modo de fazer, o traço ingénuo, expressivo e curioso da criança.

É neste espaço de confluência e confronto de ideias, que estabelecemos encontros e que nascem as ações educativas.

2.3 CRIAÇÃO POÉTICA

Durante a primeira fase do projeto, que decorreu durante as primeiras 4 sessões, entre novembro e dezembro de 2023, foi definido e esquematizado como decorreriam as nossas sessões. Iniciámos com a triagem e seleção dos materiais têxteis que tínhamos recolhido junto da comunidade escolar (roupas, tecidos, fios, cordões, trapilho e lãs). Houve necessidade de fazer a seriação dos materiais a utilizar, quanto à sua cor, forma, gramagem e textura, sensibilizando os participantes para a necessidade de limitar a paleta cromática das criações que iríamos produzir, facilitando a leitura e harmonia cromáticas e a composição têxtil final. Nesta fase, foi também criteriosamente selecionado o tipo e tamanho de fonte/letra a utilizar na construção de textos que seriam recortadas pelas várias turmas envolvidas e, manuseadas e costuradas pela turma coautora do projeto. Iniciamos os primeiros passos na costura, desenhando com fios de lã a inicial do nome de cada aluno num quadrado de serapilheira alocado a um bastidor, fazendo da repetição do gesto, contorno da linha e preenchimento a exploração livre das técnicas de coser e bordar (Fig.16). Foram recolhidas frases, textos escritos e desenhos produzidos pelas turmas, selecionando as ilustrações que iriam dar corpo aos textos finais, articulando com o que íamos produzindo, ilustrando assim as nossas narrativas visuais.



Figura 16 - Fase 1 – Exploração livre da técnica de coser e bordar. Fonte: própria

Desenhámos e cortámos centenas de alfabetos completos e outras tantas letras soltas, principalmente vogais, tão necessárias na construção das palavras e frases.

Fomos concluindo as letras bordadas em serapilheira e dialogando entre nós sobre possíveis sítios para as colocar, se no início ou no meio de cada palavra para criar um lugar de destaque, mais tarde concluímos que seriam aplicadas noutra manta.

Foi, aquando da criação poética do nosso trabalho que nos conectámos, estreitámos laços e nos fomos descobrindo e reconhecendo, enquanto grupo de trabalho. Um processo bastante enriquecido com a troca e interceção geracional, de respeito e trabalho grupal que de forma lúdica e informal foram caminhando, juntos, em pequenos grupos mistos desenvolvendo as tarefas delineadas. É de destacar a notória maior dificuldade no recorte das letras nos tecidos, mais moles, finos ou com mais espessura. Por diversas vezes, nasceram pequenos desenhos e rostos nas letras desenhadas, como se fossem formando personagens de um qualquer filme de animação, personificando as letras produzidas. (Fig. 17)



Figura 17 - Desenho das letras como personagens, K. 8 anos. Fonte: própria.



Figura 18 - Desenho e recorte das letras. Fonte própria.

Para além dos tecidos e roupas recolhidas na comunidade escolar. Recolhemos no meu atelier sacos de material, que se acumula semanalmente das peças e trabalhos executados, esperando dar-lhes uma segunda vida. Todas as aparas foram sendo guardadas com o intuito de poderem ser usadas mais tarde, noutra fase do projeto. Tudo aproveitado e reutilizado.

Durante o mês de novembro, e sabendo que o nosso tema era o cinquentenário do 25 Abril, decidi apresentar o projeto à UFMMA – União de freguesias de Massamá e Monte Abraão a fim de dar a conhecer o projeto que estava a desenvolver e tentar recolher algum tipo de apoio para a aquisição de tecido para os panos base, tintas e materiais riscadores para partilhar com as escolas do agrupamento. Nessa sessão on-line, foi-nos proposto fazer parte das comemorações do 25 de Abril, na freguesia, com a inauguração dos trabalhos numa exposição para toda a comunidade (Fig. 19).

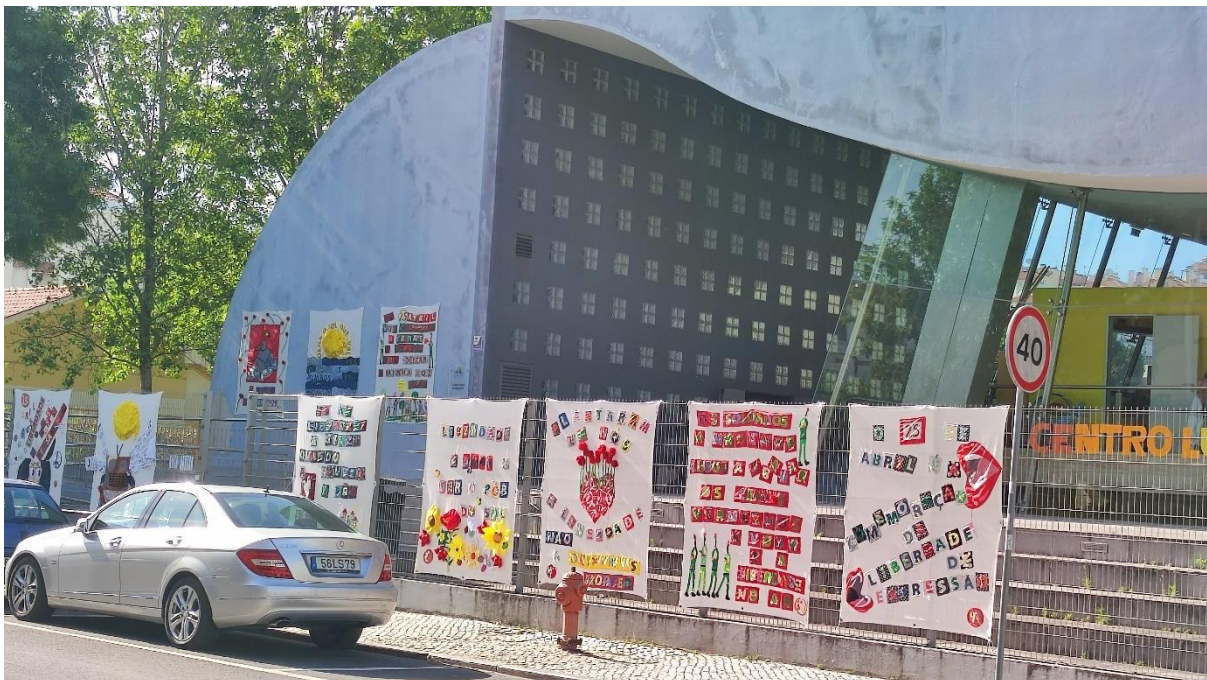


Figura 19 - Exposição das mantas no Centro Lúdico. Fonte própria.

Proporcionámos momentos de reflexão individual e coletiva incluindo dimensão poética, articulando memórias coletivas dos nossos pais e avós, com o registo gráfico dos alunos e a plasticidade dos materiais recolhidos e aplicados à congregação dos objetos artísticos – mantas.

Seguiram-se as férias de Natal e retomámos as nossas sessões em janeiro de 2024, com uma nova e desafiante fase de trabalho e descoberta para todos.

“O conhecimento também pode derivar-se da experiência. (...) nesse sentido, os limites entre quem investiga e o objeto/material investigado se desfazem para dar lugar a uma trama complexa de relações que se incorpora na própria história/ percurso da pesquisa” (Oliveira, 2016 p.370).

2.4 NARRATIVAS VISUAIS

No início de janeiro de 2024, na segunda fase de projeto, com 10 sessões, iniciámos o processo de montagem dos textos nas mantas, fixando as letras recortadas em tecido e os quadrados de fundo base que as acompanhariam, numa dança de ritmos e cores, de padrões e texturas, procurando o casamento perfeito entre o texto, cor e tecido cru que serviu de base de trabalho a todas as mantas, construindo uma composição visual, dinâmica, coerente e apelativa. As letras que foram dançando livremente pelos panos, criando ritmos e palavras eram acompanhadas de formas geométricas em blocos ou faixas direcionadas por entre as mãos pequenas e/ou enrugadas dos participantes, numa agitação constante de querer encontrar a melhor forma de comunicar.

Foi criada uma faixa com o título *Bordar Abril*, que colocaríamos junto à exposição final. Essa faixa foi construída com o desperdício da confeção de peças de Natal do meu atelier, unindo aparas e pedaços de feltro vermelho, amarelo e verde, com a técnica Japonesa de bordar - *Sashiko*⁶, unindo tecidos com ponto de alinhavo sobre toda a composição. (Fig. 20)

⁶ “O Sashiko é uma técnica de bordado japonesa que remonta aos tempos antigos. Originalmente, era usado para reforçar roupas e tecidos, tornando-os mais duráveis. Com o tempo, o Sashiko evoluiu para uma forma de arte em si, com padrões geométricos delicados e belos.” fonte: <https://medium.com/@aquelaGuria/bordado-sashiko-no-papel-02b8c66083>



Figura 20 - Faixa Bordado Abril e a sua construção nas sessões da oficina.

Criámos uma pequena oficina de trabalho, semana após semana, dentro do espaço da biblioteca da professora Lúcia, que foi acompanhado e participando sempre que podia nas nossas sessões, enriquecendo-nos com a sua calma e sabedoria. Semanalmente foi criada uma rotina logo à chegada, o grupo de séniores chegava sempre por volta das 15h00 / 15h30, uma hora antes do grupo/turma entrar. Dispúnhamos as mesas em pequenos grupos de trabalho, partilhados entre gerações. Essa partilha de trabalhar em pequenos grupos de séniores e crianças possibilitou a partilha de saberes e da aprendizagem ao longo da vida, destas mulheres.

E assim se “bordava a democracia”, planificava um Chaimite em tecido cinzento, ou se calçava as botas a um soldado de pernas esguias e verdes, retratando o que estava pintado a lápis de cor no desenho. Numa outra mesa desenhava-se a paz e costurava-se fio-a-fio os laços que nos foram unindo (Fig. 22).

Esta fase foi o período mais criativo e exploratório, onde tudo foi aproveitado e ligado entre si (Fig. 21). Desenhámos Abril, juntos, em mãos recortadas, ilustramos canções da época e grandes pensamentos de liberdade, das nossas crianças, bordámos poemas a ponto cheio e transformámos a biblioteca e a sala de professores numa oficina viva, no tempo e espaço, todas as terças-feiras. Um dos objetivos deste projeto era, não só, dar a conhecer técnicas artesanais

e artísticas, mas também que os grupos tão distantes nos seus objetivos comuns, se relacionassem, fruindo de conhecimento, empatia, cumplicidade e amizade, enriquecendo as suas partilhas. Dia após dia as mantas foram florescendo em estrutura e complexidade.



Figura 21 - Fase II Narrativas visuais - distribuição das frases na composição das mantas. Fonte: própria.



Figura 22 - Construção de elementos partindo dos desenhos produzidos pelas turmas. Fonte: própria.



Figura 23 - Processo de costura das mantas numa partilha intergeracional. Fonte: própria.



Figura 24 - Livro de Pontos, para marcação de sumários e presenças. Composição e costura das mantas. Fonte: própria.

Destes nossos encontros nasceram peças, pensadas e criadas a várias mãos, unidas no mesmo propósito. Um dos pontos altos desta partilha, foi o encontro realizado a 27 de fevereiro de 2024, no Centro Lúdico de Massamá, contíguo à escola, onde tivemos pela primeira e única vez o maior número de séniores e crianças da turma, juntos no mesmo espaço, trabalhando em conjunto (Fig. 25, 26 e 27). Contámos com a presença e ajuda da professora titular da turma, Helena Fonseca, e da professora e parceira Lúcia Pereira. Costurámos quatro mantas, ao mesmo tempo, e elaborámos a composição de uma nova manta, com montagem de texto e personagens em manifestação. Foi uma tarde, fora do contexto escola, rica em partilhas, convívio e muito trabalho, diluindo-se as diferenças geracionais.

Para fazer o registo das atividades, registar as presenças das séniores e o sumário das sessões, criamos, um *Livro de Pontos* (Fig. 24), cor de laranja, fazendo lembrar os *Livros de Ponto* escolares, onde se marcavam as presenças com uma assinatura das participantes, apenas para registo futuro da atividade, mas também para criar a noção de pertença e compromisso com o projeto (Anexo D).

- Gostei de estar a trabalhar com elas, gostei de fazer os trabalhos. Q., 9 anos

- Nós voltamos a ser crianças, a trabalhar assim com eles, à nossa juventude, à nossa mocidade. A., 81 anos



Figura 25 – Encontro realizado no Centro Lúdico com todos os grupos envolvidos. Costura das mantas. Fonte: própria



Figura 26 - Encontro realizado no Centro Lúdico com todos os grupos envolvidos. Costura das mantas. Fonte: própria



Figura 27- Encontro realizado no Centro Lúdico com todos os grupos envolvidos. Composição das mantas. Fonte: própria



Figura 28 - Encontro realizado no Centro Lúdico com todos os grupos envolvidos. Costura das mantas. Fonte:própria

Semana após semana, e a um mês da fase final, havia seleção de novos desenhos a reproduzir em tecido, composição de mais personagens, páginas de diário reescritas pelas mãos das bordadeiras, numa fase em que era notória uma familiaridade e respeito para com os materiais, já se desenhava com maior facilidade o esboço do que queríamos e o grupo já se envolvia emocionalmente, com quem tinham criado mais empatia e gosto em trabalhar.

2.5 PARTILHA

Após as férias da Páscoa, decorridos os meses de março e abril de 2024 e a dez dias da inauguração, faltando apenas duas sessões para a grande exposição, o grupo de crianças, acusava algum cansaço dada a longevidade do projeto e exaustão/ repetição de tarefas. Ansiavam por ver o trabalho concluído e exposto. Nesta fase, como existiam diversas mantas concluídas, iniciámos a identificação das turmas e a colocação de ilhós. Iniciámos também, a recolha vídeo relativo ao *feedback* dos participantes, partindo de um pequeno questionário semiestruturado, com três questões de resposta aberta, que pudessem refletir e analisar a experiência decorrida ao longo do ano letivo. Convidámo-los a passar das palavras para a ação, recriando os momentos e aprendizagens retiradas desta experiência, em pequenos desenhos,

rabiscos ou palavras, reproduzidos com canetas para tecido sobre um pano (Fig. 29). O objetivo deste último trabalho, seria a preparação de uma surpresa, a elaboração de um vestido com o tecido pintado, que eu levaria vestido no último dia de aulas do ano letivo, como marco do meu agradecimento por todo o empenho e participação da turma. Para além de todo o esforço e trabalho que depositei semanalmente com o grupo, também me superei e aprendi com a turma, e queria levar um pouco de cada um comigo.

Antes de concluirmos, reunimos novamente com a USMMA e JFMMA para organizar o dia da inauguração no Centro Lúdico, pensar sobre a curadoria do espaço, quem iríamos convidar para a inauguração, por que canais iríamos comunicar e informar a comunidade escolar e envolvente e de que forma as crianças poderiam fazer parte desta grande comemoração da Liberdade. Contactámos amigos e vizinhos dos prédios adjacentes, convidando-os a colocar as mantas a dançar nas suas janelas/ varandas.

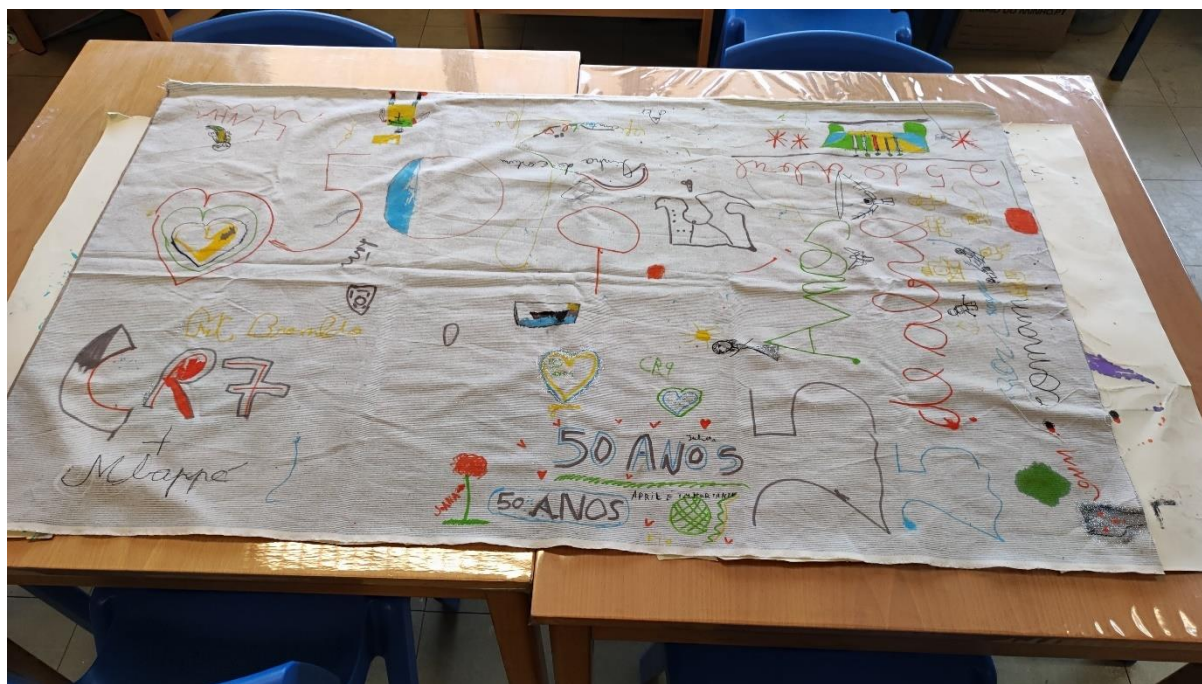


Figura 29 - Momentos e aprendizagens retiradas da experiência, em pequenos desenhos, rabiscos ou palavras. Fonte: própria.



Figura 30 - Vestido confeccionado com o tecido pintado pelos alunos da turma. Apresentação na ESELX. Fonte: própria.

Para uma melhor comunicação com todos os públicos, de diferentes faixas etárias, foi criada uma página de Instagram (Fig. 31), detalhando todo o processo do projeto desenvolvido, ao longo de seis meses, para que a rede social dos estudantes e séniores envolvidos — pais, encarregados de educação, colegas, professores e famílias — pudessem conhecer e compreender a dimensão do nosso trabalho e do empenho de todos, durante o desenrolar da oficina – O fio que nos une -, nas diversas fases do processo. Houve necessidade de criar um logótipo, para divulgação nos canais de comunicação sociais e institucionais da freguesia (Fig. 31). A forma circular de mãos dadas, representadas em várias cores, unem vontades, respeito, união, entajuda e partilha, valores defendidos e envoltos na educação artística, potenciando o desenvolvimento mútuo.

Ainda nesta fase, elaborámos um questionário na plataforma *google forms*, para recolher o *feedback* (Fig. 31) do público, pais, encarregados de Educação e professores, que pretendia avaliar a pertinência e impacto do projeto na comunidade, cujas perguntas e respostas foram organizadas numa tabela (Anexo B) e a síntese integra a apresentação de resultados.



Figura 31- QRCode criado para aceder ao questionário sobre impacto na comunidade e QRCode com link para página de instagram. Fonte: própria.

Para aceder ao questionário, no *google forms*, foi criado um cartaz, disponibilizando *QR Codes* que davam, acesso ao texto que agora se apresenta, e simultaneamente nos levavam para a página de *Instagram* do projeto, permitindo-nos acompanhar todas as suas fases.

A Poesia sai à rua – Bordar Abril, é o mote temático, contanto com empenho de alunos, professores, famílias e comunidade envolvente, oferecendo corpo às ilustrações, pensamentos críticos e poéticos de todas as crianças da Escola Básica 1/JI de Massamá, no âmbito da AEC – Oficia Têxtil. As tapeçarias costuradas e bordadas pelas mãos das artesãs e crianças, saem à rua em Abril, exaltando a Arte, enaltecendo o seu papel educativo e cultural, na esperança de um futuro mais sustentável e harmonioso, cumprindo assim Abril e os seus valores.

Esta oficina foi criada no âmbito do mestrado em educação artística, no contexto da arte comunitária e participativa, criando de raiz uma oficina de exploração de técnicas têxteis. A oficina tem como objetivo principal aferir qual o impacto educativo e artístico/ cultural com a sua implementação, bem como o impacto social deste tipo de projetos em ambos os grupos nas diferentes faixas etárias.



Figura 32 – QRCode para página de Instagram. Logotipo criado especialmente para divulgação do projeto. Fonte: própria



PROGRAMAÇÃO

19 11:30

POESIA SAI À RUA "BORDAR ABRIL"

Inauguração da exposição no Centro Lúdico de Massamá, acompanhada do coro Harmonia, da Universidade Sénior de Massamá e Monte Abraão. Exposição aberta ao público de 19 de abril a 3 de maio, com itinerância pelas escolas locais.

25 de **Abril**

50 ANOS DE LIBERDADE



CONVITE

Exmos. Srs.
A Presidente da União das Freguesias de Queluz e Belas, Paula Alves e o Presidente da União das Freguesias de Massamá e Monte Abraão, Pedro Oliveira Brás têm a honra de convidar V. Exa. para estar presente em todas as atividades que integram o programa das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974.

19 de abril 11h30 | Inauguração da Exposição "Bordar Abril"
- Centro Lúdico de Massamá

19 de abril 21h30 | Concerto "Um Zeca Diferente"
- Parque Urbano Felício Loureiro

20 de abril 21h00 | Concerto "Kumpanhia Algarraza"
- Parque Urbano Felício Loureiro

21 de abril 21h30 | "Banda Filarmónica Nossa Sra. da Fé", de Monte Abraão com a Tuna Académica de Lisboa
- Parque Urbano Felício Loureiro

22 de abril 21h00 | Baile "Trio Maravilha"
- Parque Urbano Felício Loureiro

23 de abril 21h30 | Concerto "Sérgio Rossi"
- Parque Urbano Felício Loureiro

24 de abril 21h30 | Concerto "Real Companhia"
- Parque Urbano Felício Loureiro

24 de abril 00h00 | Espetáculo de Fogo de Artifício
- Parque Urbano Felício Loureiro

25 de abril | Cerimónia do Hastear da Bandeira
08h30 - Praça 5 de Outubro, Belas
08h45 - R. Dr. Francisco Ribeiro de Spínola, s/n, Massamá
09h00 - R. Conde de Almeida Araújo, Queluz
09h00 - Av. da Liberdade, nº29 e 31, Monte Abraão

Toda a programação em www.50anosdeliberdade.pt

R.S.F.F.
gabinete.presidencia@ufqueluzbelas.pt

25 de **Abril**

50 ANOS DE LIBERDADE

Figura 33 - Comunicação da Junta de Freguesia, na programação do cinquentenário das comemorações do 25 de Abril.
Fonte: JFMMA



Figura 34 - Preparação e montagem da exposição no Centro Lúdico de Massamá, Sintra. Fonte: própria



Figura 35 - Inauguração da exposição à comunidade, com a presença dos alunos da turma e seniores da USMMA e Clube Vida Ativa, com abertura do coro da USMMA. Marcaram presença o Sr. Presidente da União de freguesias de Massamá e Monte Abraão, Pelouro da cultura e Vereador da Câmara Municipal de Sintra. Fonte: própria.



Figura 36 - Foto da turma de 3ºano, grupo de seniores e Prof. Lúcia Pereira no final do projeto. Fonte: própria.



Figura 37 - Grupo de sêniors da USMMA. Fonte: própria.



Figura 38 – Imagens da exposição das mantas nas janelas dos vizinhos. Grupo de sêniors do Centro Lúdico no dia da Inauguração. Fonte: própria.

Tabela 1 – Cronograma da Oficina _ O fio que nos une

| Data | Fase | Desenvolvimento da Oficina |
|--------------------------|--|--|
| outubro 2023 | Diagnóstico/ exploração técnica e estética | <ul style="list-style-type: none"> • 1ª semana apresentação do livro <i>A Manta</i>, ed. Planeta Tangerina aplicação e elaboração de jogo da memória em tecido. • 2ª semana realização do <i>focus group</i> com os grupos. • 3ª semana Início das oficinas de exploração têxtil a partir de jogos táteis: categorizar por composição e textura. • Realização do pré -teste e <i>focus group</i> com o grupo de crianças e seniores. • Observação participante e registo dos trabalhos e tarefas. • Recolha de notas de campo e feedback dos participantes. |
| nov/ dez 2023 | CRIAÇÃO POÉTICA Implementação da oficina “O fio que nos une” | <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos grupos • Exploração das temáticas a abordar, partindo a exploração têxtil: 1ª e 2ª semana Letra bordada e lã em serapilheira. Triagem dos materiais têxteis por cor, composição, gramagem e texturas. • Desenvolvimento da Oficina: seleção dos textos e ilustrações das 16 turmas e grupos de seniores. • Recorte dos alfabetos em tecido. • Observação participante e registo dos trabalhos artísticos produzidos pelas crianças e seniores. • Recolha de notas de campo e feedback dos participantes. |
| jan/fev/ mar 2024 | NARRATIVAS VISUAIS Desenvolvimento/ Criação Estética | <ul style="list-style-type: none"> • Início da composição das mantas com letras e imagens em tecido. • Desenhar Abril e ilustrar em tecido partindo do desenho infantil. • Transcrição e organização dos dados recolhidos durante as oficinas. • Discussão dos resultados em relação à revisão de literatura e às questões de pesquisa estabelecidas. • Faixa – Bordar Abril – bordada |
| abril 24 | PARTILHA Conclusão da oficina / Exposição | <ul style="list-style-type: none"> • Conclusão, apresentação e exposição à comunidade dos objetos artísticos realizados. <p>Inauguração dia 19 abril no Centro Lúdico, Massamá, com coroda USMMA e a presença do presidente da JFMMA e Pelouro da Cultura de Sintra.</p> <p>Recolha vídeo de depoimentos.</p> |

PONTO CHEIO I
Apresentação de resultados

| | " | | "

Quando José nasceu o avô que era alfaiate ofereceu-lhe uma manta, uma bonita manta feita à mão para o berço do seu primeiro neto

A manta do José, Bruáa, 2020

O tempo passou e a manta do José, tornou-se num casaco, num colete, num lenço, num botão e mais tarde numa memória partilhada entre avô e neto, numa história escrita a dois.

Cruzando com o projeto, podemos relacionar a história do José e do seu avô com a partilha de saberes, empatia e amizade desenvolvidos pelos grupos ao longo das sessões.

Tal como o avô conseguiu sempre arranjar uma solução para cada desafio do neto, o nosso grupo de crianças também sentiu que a participação sénior ajudou a solucionar dúvidas e questões que acompanharam todo o processo, com confiança e a sensação de que tudo seria possível com ajuda.

Eles têm muitas ideias e eles também já foram como nós. Esta experiência foi muito importante porque ajudavam-nos a aprender mais coisas. L., 8 anos.

Foi engraçado porque nunca trabalhei com séniores e têm mais experiência e algumas também são engraçadas e divertidas. É bom ter aqui os séniores. J., 8 anos.

Ao longo do projeto, conseguimos criar memórias nos participantes promovendo a construção conjunta e preservando saberes. O processo colaborativo de criação artística integrou vários momentos de conceptualização, concretização e instalação, articulando as dimensões técnica, poética, plástica e metafórica.

Articulámos as nossas ideias com ligações históricas, nas áreas sociais e culturais, pelo que as peças criadas, nas suas mensagem e materialidade, partilham ligações conceptuais, técnicas, estéticas e de comunicação, dando propriedade ao processo, sustentando a pesquisa artística.

Este projeto permitiu fomentar pensamento alargado sobre as realidades sociais e culturais e respetivas heranças do pré e pós 25 de Abril perpetuadas através da memória coletiva, nos

testemunhos orais, em canções, postais, livros ou em registos vídeo e fotográficos. Novos olhares que relacionaram a liberdade dos nossos dias com as conquistas dos últimos 50 anos, recriando diversas perspetivas acerca do passado e do presente.

Em contexto educativo, não formal, comunicação, resiliência, proximidade, distância, empatia, respeito, compreensão, cooperação, conflito e união são âncoras da prática pedagógica. Esta troca geracional proporcionou a partilha de técnicas e materiais, em paralelo com a troca de novas ideias e abordagens, ajudando a construir conexões emocionais e relações de respeito e de afeto.

- Quando se dá amor, recebe-se amor. A., 81 anos

A coleção de objetos artísticos criados é resultado de uma experiência relacional que objetivou a construção de novos diálogos estéticos. Ao longo dos 6 meses, em que trabalhamos juntos, foi possível transferir práticas tradicionais para o nosso fazer, valorizando a herança cultural. A exploração artesanal e livre, do trabalho com recortes de tecido, catalisou o desenvolver de habilidades motoras, estimulando a criatividade e a exploração da plasticidade dos materiais têxteis em ambas as faixas etárias, fortalecendo a identidade comunitária e a promoção de um ambiente de respeito e de cooperação.

A apresentação e exploração de livros da biblioteca, alusivos aos temas abordados — vivências com os avós, a exploração têxtil como metáfora da própria vida, a temática da revolução de Abril — ajudou a enriquecer e nutrir a imaginação de todos os participantes. A exploração conjunta, partilhando a mesma mesa e os mesmos materiais remete-nos para o ambiente colaborativo em que cada um esteve envolvido, no seu próprio processo criativo, numa atividade comum, incentivando a autonomia num ambiente de trabalho em equipa, beneficiando os seniores da energia e da paixão trazida pelos mais jovens.

- Foi muito agradável, muito gratificante trabalhar com os meninos, elas acabam por nos ensinar, por nos ensinar sempre coisas, é sempre bom! L., 71 anos

- Aprendi muitas coisas. A fazer bonecos e a fazer um cravo. Elas tinham carinho por nós! E tem tesouras e canetas para nos emprestar. D., 8anos

- Assim, tínhamos mais pessoas para nos ajudar a fazer os trabalhos e não tinha que ser só a professora a andar por todos os grupos. R., 8 anos

As mantas foram criadas utilizando a técnica de aplicação de tecido em que cada letra e figura foi recortada e costurada sobre um tecido de fundo. Este método é comum em projetos de *patchwork* ou *aplique* permitindo que cada peça seja trabalhada individualmente antes de ser unida ao conjunto (Fig. 39).



Figura 39 - Letra recortada e costurada sobre um tecido de fundo. Fonte: própria

A costura manual, visível ao redor das letras e figuras, adicionou várias camadas de textura às peças, colocando-as em lugar de destaque. O trabalho final possui um caráter artesanal, com linhas e bordados irregulares, que contribui para uma sensação de envolvimento comunitário e, sendo este um método artesanal, reforça a união e a expressão popular adequada à mensagem de liberdade e democracia.

Estas peças de arte têxtil assumem assim um caráter comemorativo histórico. O uso de cores fortes, a representação de elementos simbólicos como os soldados, os cravos ou o chaimite e a seleção dos textos enfatizam a importância do momento que está a ser retratado. A simplicidade das formas e a técnica de costura manual destaca o valor da obra como meio de expressão social e cultural. Estas composições celebram a memória coletiva de um país, com texto escrito e imagem compositiva acessíveis, cuja estética é coerente e atraente, cheia de simbolismo. Quanto à forma, falamos de peças retangulares, com *layout* muito diversificado, organizado maioritariamente por linhas horizontais, pontualmente verticais, em que as palavras surgem separadas por espaços que possibilitam maior legibilidade ao texto, dando uma sensação de ordem e continuidade compositivas. As letras, assim dispostas em blocos

recortados e montados em tamanhos semelhantes, criam um ritmo visual que guia o nosso olhar, de linha em linha. Os elementos figurativos complementam a mensagem verbal, sendo que as figuras construídas, como o soldado que segura o cravo, acrescentam uma camada de narrativa visual simbólica, que intensifica a mensagem de resistência e liberdade.

As letras foram recortadas em alfabetos retos, de fácil leitura, com linhas direitas, levemente irregulares o que reflete o facto de se tratar de um trabalho unicamente manufacturado. O texto é distribuído em linhas horizontais, criando um fluxo de leitura que segue o ritmo das palavras e destaca as frases. Os retângulos em volta das letras, realçando visualmente o conteúdo, criam uma estrutura modular que nos remete para uma colagem de *patchwork*, conectando cada fragmento num todo coerente.

A escolha dos materiais e simplicidade das formas reforçam a ideia de construção manual em contexto colaborativo e comunitário. As peças possuem uma qualidade poética que se manifesta através das escolhas formais de composição estética e técnica. Essa poesia visual não nasce apenas da mensagem literal, mas também na maneira como as formas e texturas foram compostas para invocar sentimentos de liberdade e resistência. Metaforicamente podemos associar este *puzzle* têxtil, contribuindo para a poética da peça, lembrando a construção coletiva de liberdade, onde cada elemento, palavra e símbolo, tem um papel único na narrativa visual.

No que concerne à sua função, as peças sugerem a sua elaboração com uma função comemorativa celebrando e exaltando a Revolução dos Cravos e os seus valores associados como a liberdade e a democracia. Simbolicamente, funcionam como uma manta ou painel, expressando visual e simbolicamente o espírito do acontecimento.

Estas peças foram concebidas e pensadas para serem exibidas em espaços públicos, tais como, escolas, bibliotecas ou centros comunitários, tendo como função a inspiração e reflexão sobre a nossa história incentivando o diálogo entre gerações sobre o significado de liberdade, no antes e no agora.

Ao nível da composição estética, a escolha das cores e o estilo visual têm um apelo estético que valoriza o simbolismo. A escolha da cor vermelho, remete-nos para a revolução do 25 de Abril, representando paixão, a luta e a transformação. O verde também aparece de forma significativa, associando-se à esperança e à renovação, ambos elementos fundamentais na temática de revoluções e liberdade. O contraste entre o fundo branco e os tons vibrantes cria

um impacto visual forte, remetendo a um estilo quase “*folk*” ou popular, que evoca a simplicidade e o poder da arte comunitária.

Esses detalhes visuais geram uma qualidade estética que reflete a espontaneidade e a autenticidade do trabalho manual, criando uma conexão emocional e transmitindo a ideia de que a liberdade é um valor construído a partir da diversidade e da união.

As peças utilizaram técnicas de aplicação de tecido e costura manual, o que acrescenta profundidade e textura. A costura visível ao redor de cada letra e figura não cumpriu apenas a função prática de unir os elementos, mas também serviu como um detalhe estético, reforçando a individualidade de cada palavra e de cada personagem. Essa abordagem técnica remete ao conceito de “fazer à mão”, com as suas imperfeições intencionais que celebram humanidade e fragilidade nos processos de criação.

Ao utilizar técnicas manuais e retalhos, o trabalho aproximou-se da tradição do “*patchwork*” ou colcha de retalhos, uma prática que simboliza união e resistência. Tecnicamente, a costura exposta não procura a perfeição, mas sim a expressividade, o que reforça a natureza poética da peça. Esta técnica valoriza o toque humano e as competências manuais como elementos de resistência cultural, uma vez que cada ponto parece contar uma história e lembrar o espectador do valor da memória coletiva. Por exemplo, a mensagem “Os soldados a marchar, Lisboa a abanar, os cravos vermelhos a voar e a liberdade no ar,” (Fig. 54) torna-se mais do que uma simples frase ao ser costurada neste contexto. A sua composição remete à memória e à força coletiva de uma nação. Cada detalhe – o contraste de cores, a repetição de formas e a textura da costura – convergiu para criar uma narrativa visual de luta, esperança e união.

O resultado demonstra uma qualidade poética ao combinar composição, estética e técnica de forma a expressar a força e a beleza da memória coletiva. A peça têxtil não representa apenas a liberdade, mas materializa-a, um trabalho manual num símbolo duradouro de resistência e de celebração cultural.

As peças, de cariz didático, comunicam a sua mensagem de forma direta e acessível a todas as idades e níveis de compreensão e reforçam uma conexão cultural ao representar um evento histórico, visualmente significativo, permitindo aos espectadores uma conexão emocional com o tema, servindo como recurso pedagógico e propondo a discussão sobre democracia, liberdade e direitos humanos. Para além da função educativa as peças promoveram o orgulho cultural e a identidade coletiva da sociedade em geral, funcionando como bandeira dos valores conquistados e da importância de preservar a memória histórica, pelas gerações seguintes, fortalecendo o seu papel educativo e inspirador.



Figura 40 - Exposição no comércio local da freguesia. Maria Doceira e Exposição na escola, durante feira do livro. Fonte: própria.



Figura 41 - 25 de Abril é a Liberdade do nosso pensamento – turma 1ºB e Desenho selecionado e registo das sessões de trabalho. Fonte: própria.



Figura 42 - - Depois do 25 de Abril os meninos conversam livremente na escola – frase da turma 1ªA.
Fonte: própria.



Figura 43 - O direito à Liberdade – Frase da turma 1ºD e desenhos seleccionados – tecido, feltro e cravos em crochet. Fonte: própria.



Figura 44 - - Sou livre! Posso brincar, posso ir à escola, posso estar com os amigos – Frase da turma 1ºC.
Fonte: própria.

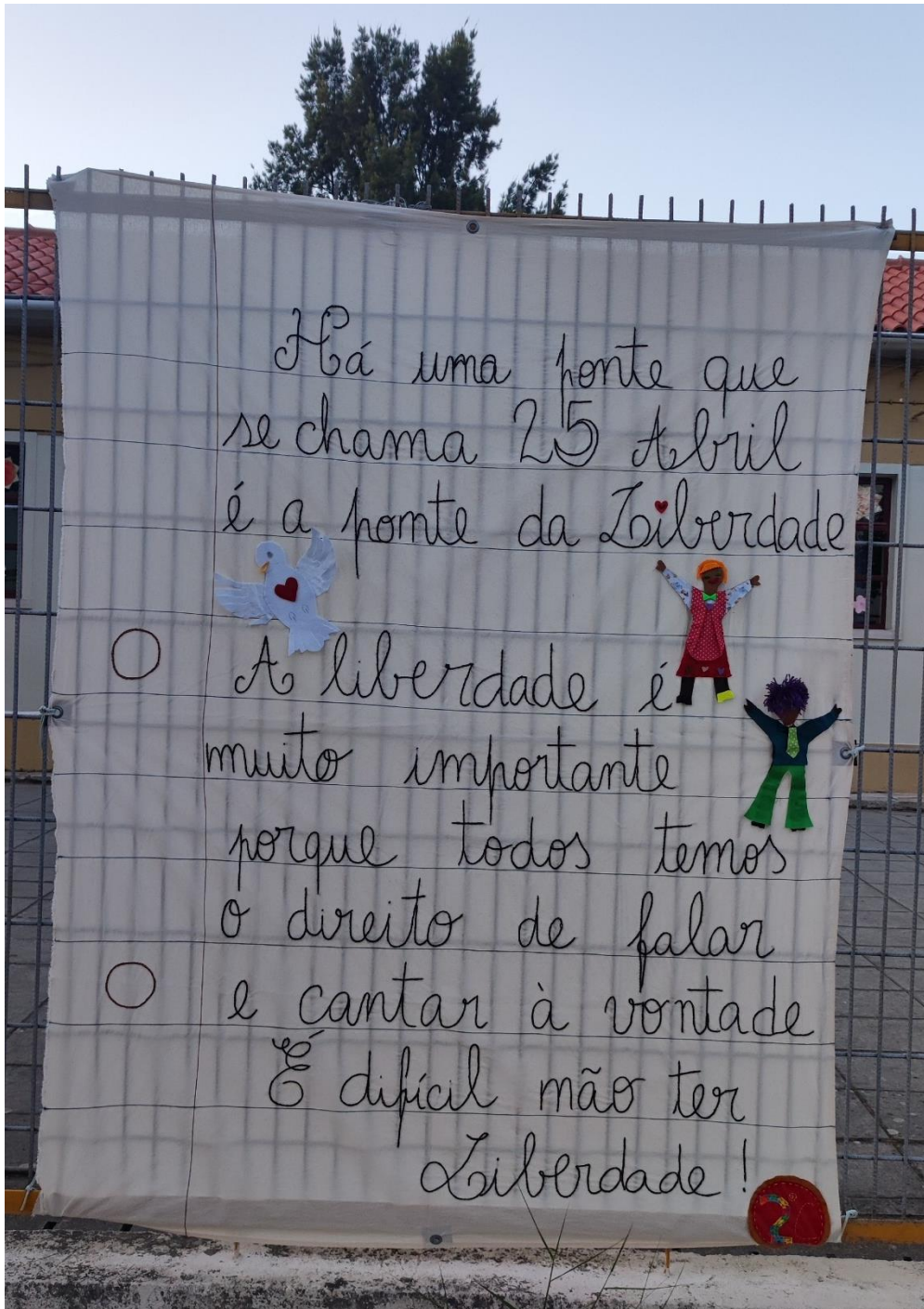


Figura 45 - Folha de caderno – frase da turma 2^oC – texto bordado a ponto corrente com linha de crochet, figuras em tecido e feltro. Fonte: própria.



Figura 46 - Liberdade é amar e ver o pôr do sol – Frase da turma 2ºB – tecido e feltro costurado. Fonte: própria.

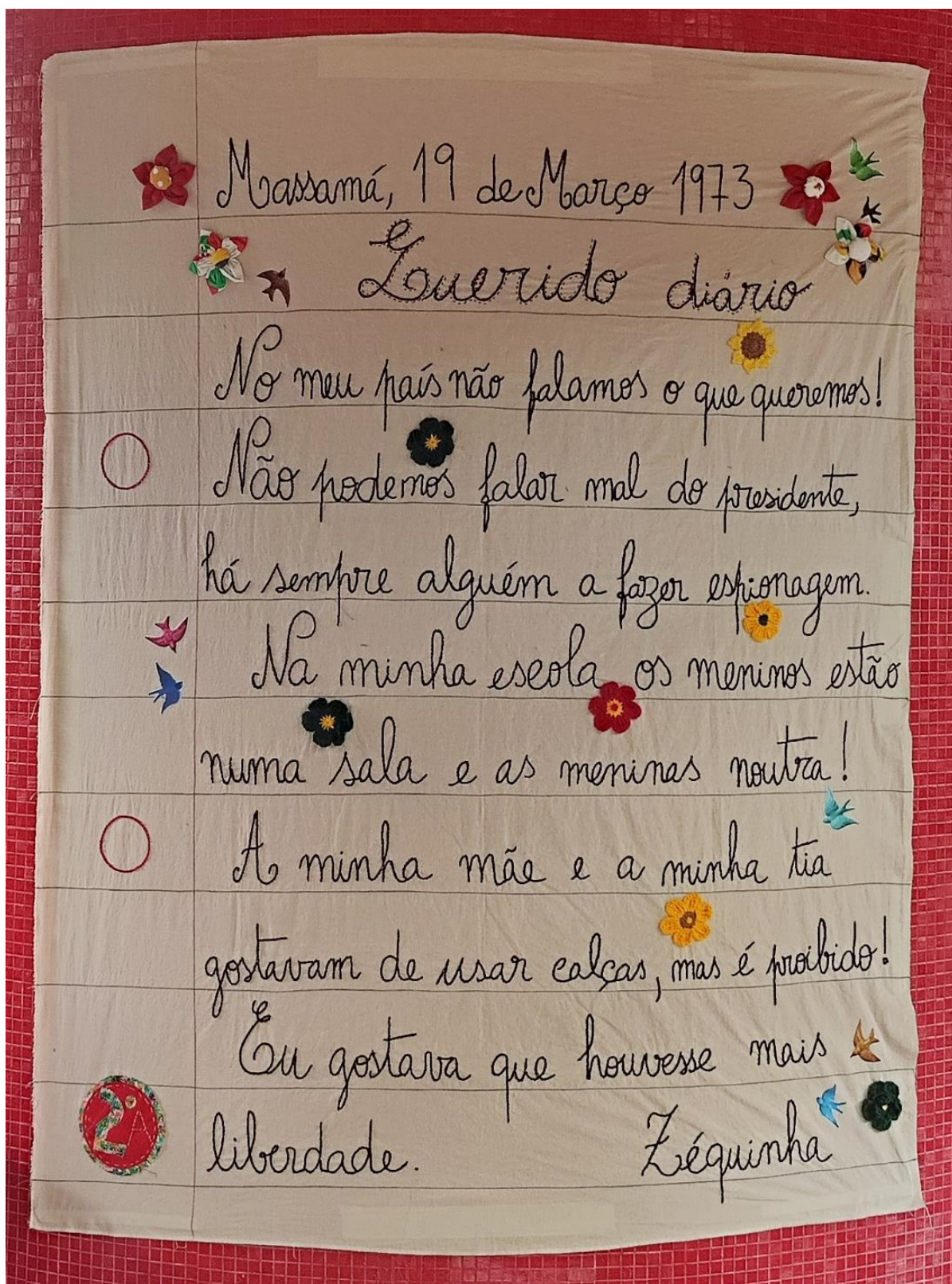


Figura 47 - Querido Diário – frase da turma 2ªA – texto bordado à mão com linha de crochet, costura à máquina, tecidos e crochet aplicado. Fonte: própria.



Figura 48 - No 25 de Abril vou comemorar a liberdade e opinar, vou deixar a minha voz voar – frase da turma 2ºD – tecido e feltro costurado e colado, bordado. Fonte: própria.

“Os soldados e o povo unido”, enquanto figuras que simbolizam tanto os militares que lideraram o movimento quanto a população portuguesa que os apoiou. Estas figuras foram representadas de forma simples, para evocar uma estética popular e acessível, e enfatizar a ideia de que a liberdade é um bem coletivo.

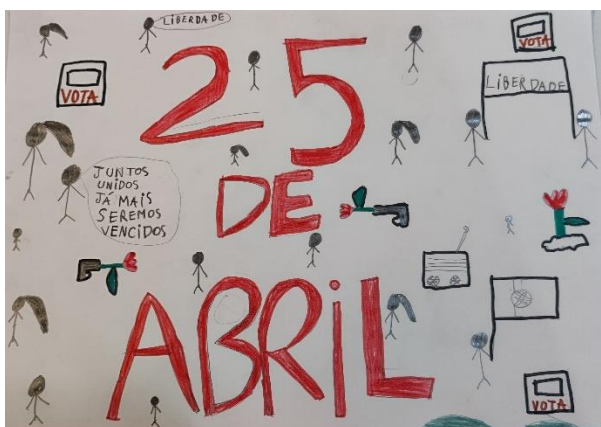
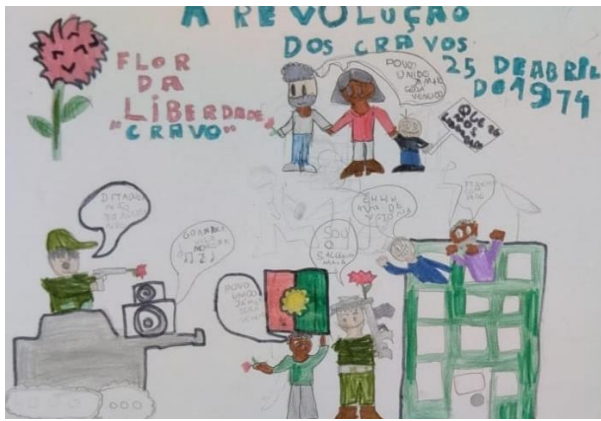


Figura 49 - Desenhos dos alunos recolhidos nas várias turmas da escola. Fonte: própria.



Figura 50 - 25 de Abril dá mais força à liberdade – frase da turma 3^oC – tecido, trapilho, feltro costurado e colado. Desenho da turma e momento em sessão. Fonte: própria.

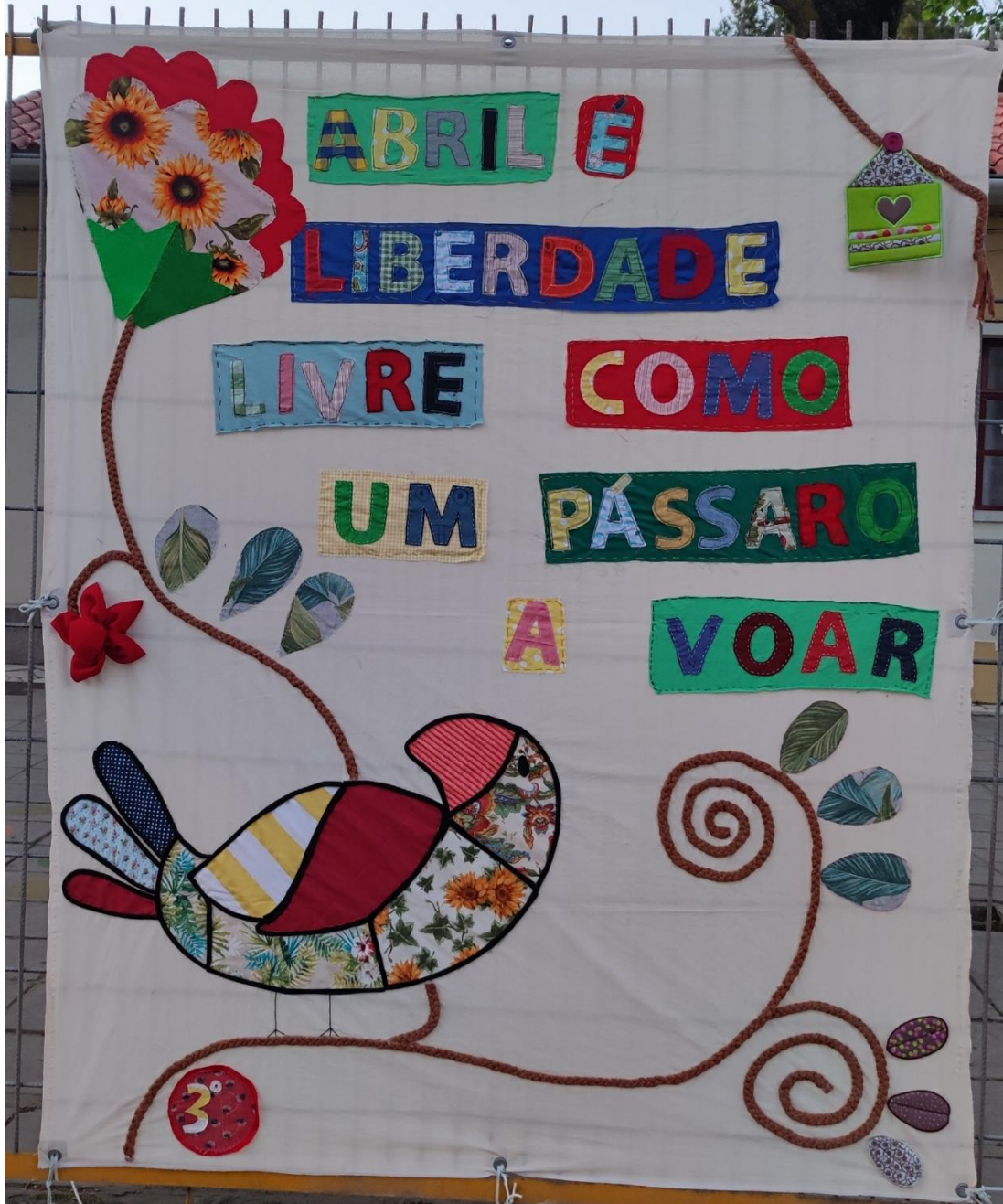


Figura 51- Abril é liberdade, livre como um pássaro a voar – frase da turma 3º B – tecido e trapilho costurado e colado. Fonte: própria.



Figura 52 - Liberdade implica direitos e deveres – frase da turma 3ºD – tecidos cosidos à mão, linhas costuradas à máquina. Fonte: própria.



Figura 53 - Plantaram em nós a liberdade, não a deixemos morrer – frase da turma 3ºD – tecido, feltro e cravos em crochet costurados. Fonte: própria.



Figura 54 - Os soldados a marchar, Lisboa a abanar, os cravos vermelhos a voar e a liberdade no ar – frase da turma 4º A.

Várias fases do trabalho no atelier Ciranda Portuguesa e Centro Lúdico. Fonte: própria.



Figura 55 - O 25 Abril de 1974, marca o viver em liberdade é viver em verdade – Frase da turma 4ºD – tecido, feltro e trapilho costurados. Desenhos selecionados. Fonte: própria.



Figura 56 - O 25 de Abril é a comemoração da liberdade de expressão – frase da turma 4ºB – tecido e feltro costurados. Fonte: própria.

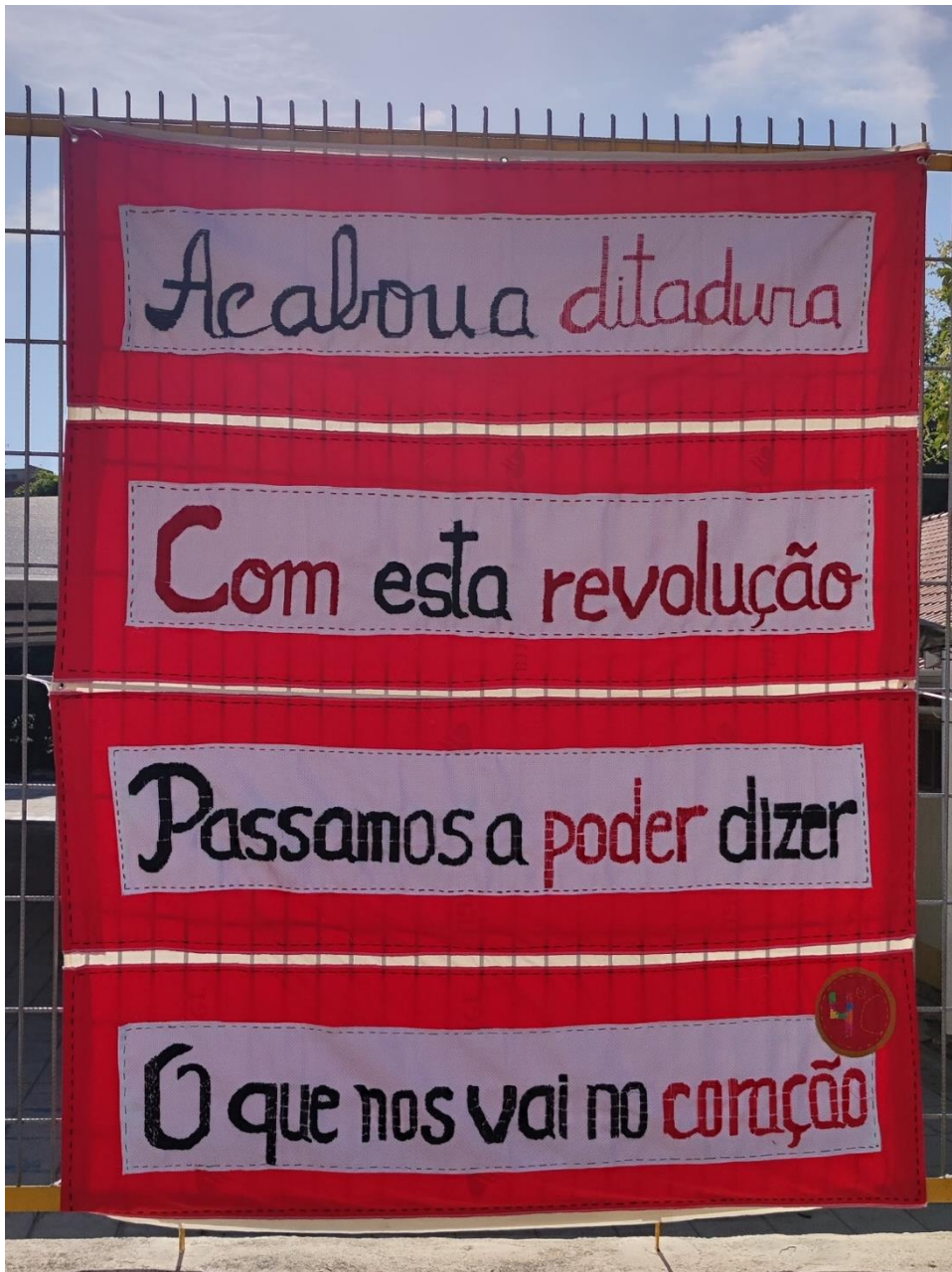


Figura 57- Acabou a ditadura, com esta revolução, passamos a poder dizer, o que nos vai no coração - frase da turma 4^oC – faixas de quadrile bordado a ponto cheio com lã. Costuradas sobre tecido. Fonte: própria.



Figura 58 - 50 anos, 50m corações - Manta representativa da participação de todos os que construíram este projeto – tecido, feltro e serapilheira bordada a lã. Fonte: própria.



Figura 59 - Letras bordadas em lã sobre serapilheira. Turma na finalização dos bordados. Aplicação das letras bordadas na construção do nº50. Fonte: própria.



Figura 60 - E Depois do Adeus – Paulo de Carvalho - texto escolhido pela USMMA – tecido, feltro costurados, texto bordado a linha de crochê, naperon. Fonte: própria.

Nesta peça, os elementos simbólicos como o rádio ou os cravos, símbolo central da liberdade, sugerem uma narrativa histórica. As pautas musicais e o texto manuscrito conectam o visual ao auditivo, destacando a música como forma de comunicação cultural e política, guiando o olhar pelo espaço da obra conectando os diferentes elementos visuais de forma fluída. As diferentes texturas, do feltro, da renda e manta acrílica, sugerem a importância da multimodalidade para criar significados mais ricos e complexos. A composição promove uma hierarquia visual clara: como foco principal no círculo amarelo com o texto “E depois do adeus” e o rádio ocupam posições centrais atraindo imediatamente o olhar. As cores vibrantes como o amarelo e o vermelho dos cravos criam destaque sobre o fundo neutro. Ao nível técnico envolve a mistura de bordado, renda, recorte e montagem de tecidos e conferindo uma profundidade tátil e visual. A exploração manual e artesanal confere uma característica de uma prática artística híbrida, misturando técnicas tradicionais com uma abordagem contemporânea. O uso de elementos figurativos e texto textuais facilita a leitura da mensagem mesmo para quem não está familiarizado com a mesma. Nesta obra em particular a representação do rádio, do naperon e dos cravos, sugere um contexto narrativo reconhecível, remetendo para um momento específico da história, no seu tempo e espaço.

Podemos considerar neste ponto, a importância da literacia visual, de educar o olhar, artisticamente, convidando os participantes a fazer a seleção cromática e de materiais, excluindo padrões ou cores que nos fizessem perder o foco na composição das peças que fomos construindo, sem deixar cair a intencionalidade das narrativas visuais.

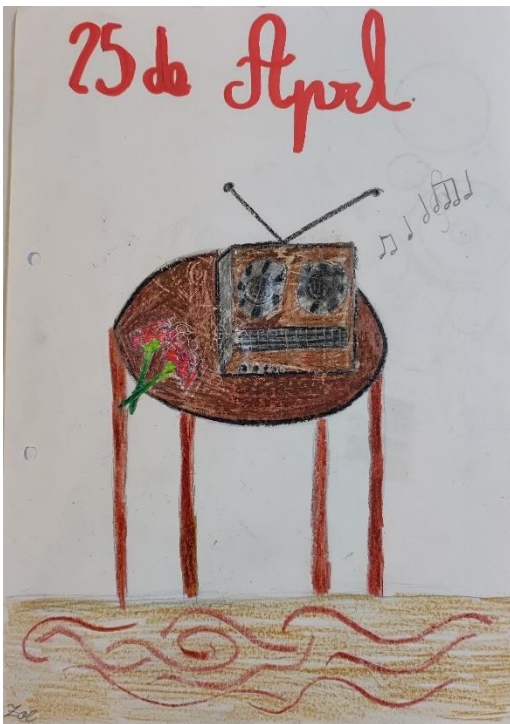


Figura 61- Desenhos referência para construção da manta. Aluno a trabalhar na elaboração durante sessão. Conclusão da manta - E Depois do Adeus – no atelier Ciranda Portuguesa. Fonte: própria.



Figura 62 - Menino do bairro negro– Zeca Afonso – texto escolhido pelo grupo do Centro Ludico. Fonte: própria.

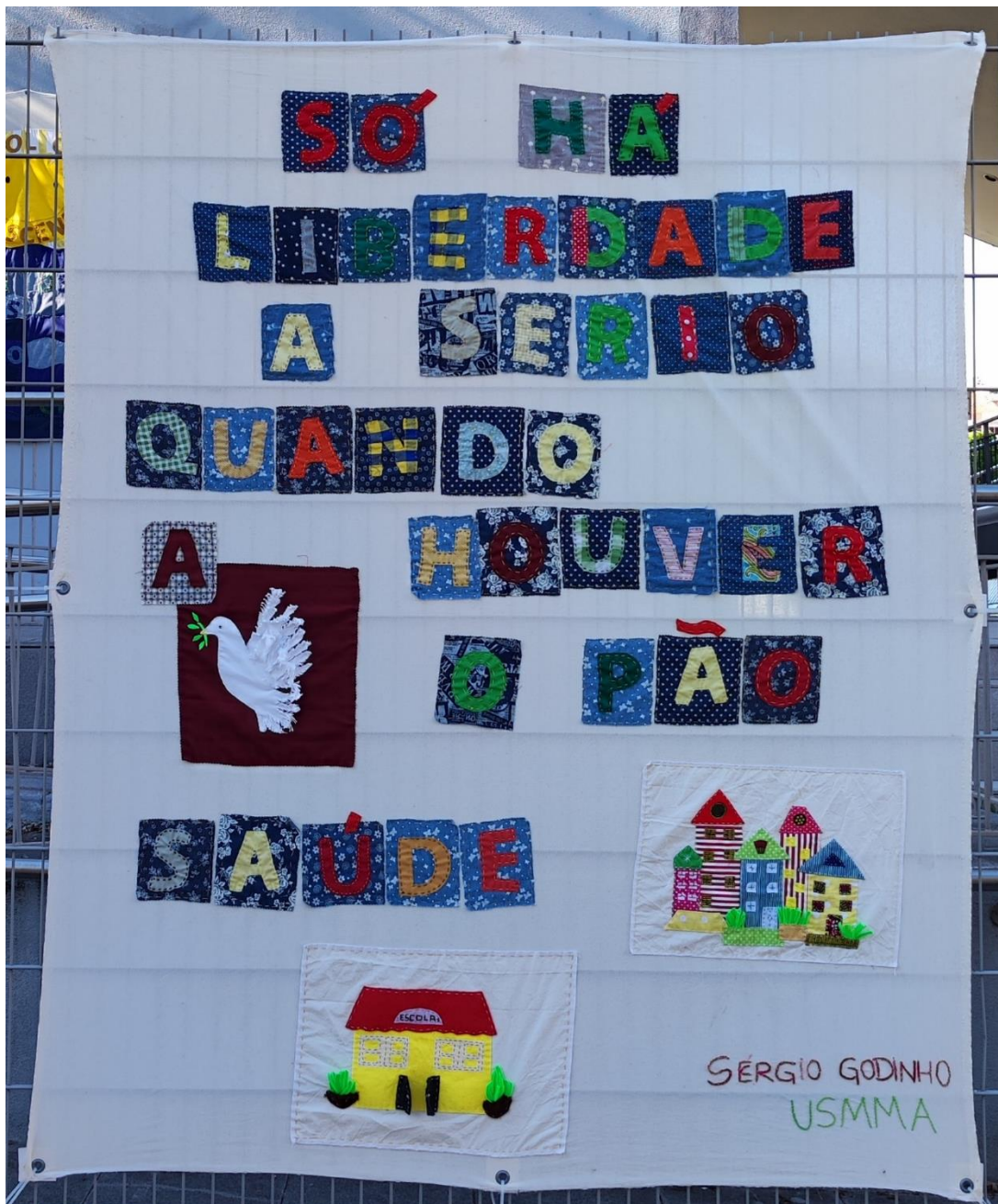


Figura 63 - Liberdade - Sérgio Godinho – texto escolhido pela USMMA. Fonte: própria.

Enquanto arte educadora, procurei desenvolver a oficina partilhada “O que nos une”, aberta às várias gerações participantes, tendo como base processos colaborativos. Com o interesse de proporcionar experiências significativas para ambas e para mim, esperando criar mais projetos de relação e partilha entre diferentes gerações, a fim de perceber em que medida estes momentos de cocriação podem contribuir para a sua aproximação e aprendizagem.

Tal como nos materiais têxteis, o avesso, pode remeter-nos para todo o processo de construção dedicação e engenho, onde a trama se entrelaça e cruza, a referência às diferentes gerações e ao seu entrosamento e união, os nós, os defeitos, e o caminho que as linhas criaram entre si.

Foi possível observar nos participantes a concentração, comunicação, confronto, superação, resiliência, cumplicidade, dedicação e partilha.

Com base nos testemunhos, vídeos e conversas com os grupos participantes, nas reações ao longo da exposição e o *feedback* no inquérito aplicado à comunidade, organizado na Tabela 2 (Anexo B), considero que a oficina - O que nos une - foi tão desafiadora quanto exigente, ao longo da sua implementação e conclusão.

- Como foi a experiência de participar na oficina e de realizar o projeto do 25 de abril?

- Foi boa. Aprendi a costurar, mas não gostei, não gostei, porque é preciso muita paciência, e eu não tenho. Aprendi a fazer bordados e aprendi a fazer bonecos e desenhar.

N., 8 anos.

- Gostei muito, aprendi a coser, melhor, já tinha aprendido, com a minha avó. Aprendi a trabalhar em grupo, fazer bonequinhos e inventar desenhos.

S., 9anos.

Com base na referida tabela apresenta-se agora uma coletânea de respostas, voluntárias, recolhidas sobre a pertinência e impacto do projeto na comunidade, bem como a recolha de conteúdos emocionais e afetivos relacionados com a iniciativa. A análise apresenta-se em três categorias principais:

1. Conteúdo Temático

- Questões abordadas:

- A tabela revela um consenso sobre a relevância de projetos escolares que abordam temas históricos, sociais e culturais.
- Entre os temas sugeridos para trabalhos futuros, destacam-se:
 - Sustentabilidade e ambiente.
 - Cidadania, direitos e deveres.
 - História de Portugal
 - Inclusão social (racismo, exclusão social).
 - Educação emocional e combate à violência.
- Estas escolhas sugerem que o projeto gerou reflexão crítica e despertou interesse na sua continuidade, promovendo temas com impacto comunitário e educativo.
- Impacto na comunidade:
 - A tabela enfatiza que a conexão entre gerações (crianças e idosos) foi um ponto alto, além de destacar o reforço de valores como a liberdade, a democracia e o respeito mútuo.
 - Observa-se um impacto positivo tanto para os participantes quanto para a comunidade mais ampla, promovendo orgulho, reflexão histórica e sentimento de união.

2. Respostas Emocionais

- Muitos participantes destacaram emoções intensas:
 - Gratidão pela oportunidade de participar em atividades que resgatam a memória histórica.
 - Orgulho no trabalho desenvolvido e no envolvimento da comunidade.
 - Alegria e admiração pelo envolvimento das crianças com o tema.
 - Reflexão sobre a importância de preservar memórias históricas e aprender com o passado.
- Essas reações sugerem que o projeto não só atingiu os seus objetivos pedagógicos, mas também conseguiu criar uma experiência marcante para os participantes.

3. Sobre a iniciativa:

- Valorização da prática colaborativa:
 - A tabela evidencia como o projeto foi uma ponte entre gerações, criando um espaço de partilha de experiências, memórias e aprendizagens.
 - Atividades manuais, como bordado, costura e uso de materiais reciclados, foram percebidas como significativas tanto do ponto de vista técnico quanto simbólico.
- Impacto na aprendizagem:
 - Foi muito referido que a iniciativa foi educativa e promoveu temas como cidadania, liberdade e história.
 - Foi sugerida a expansão de projetos como este para abordar outras formas de expressão artística, como dança ou pintura. Explorando processos artesanais como a cestaria ou a cerâmica.

Avaliação Geral

A tabela reflete sucesso significativo do projeto em termos de impacto educacional e comunitário. As respostas indicam que:

- O projeto foi altamente relevante ao promover a história e os valores da Revolução dos Cravos, enquanto incentivava novas formas de expressão artística.
- A integração intergeracional e a abordagem prática ajudaram a criar uma experiência imersiva, significativa e transformadora.
- Recomendações futuras apontam para a continuidade e expansão da iniciativa, com temas adicionais e com maior alcance.

Este projeto pode ser considerado um exemplo de educação artística transformadora, que conecta o passado ao presente e promove valores fundamentais de liberdade, cidadania e sustentabilidade.

Consegui, recorrendo e organizando os vários espaços, tornar os materiais acessíveis a todos os participantes com segurança, tranquilidade e de livre utilização e experimentação de resultados. Gostaria também de salientar que houve a possibilidade de incluir todos os alunos da escola professores e comunidade escolar de forma tão participada e colaborativa. Exploramos o desenho infantil, a criação de texto e a relação com as aprendizagens essenciais do curriculum e da memória do nosso país. Explorámos técnicas de produção artesanal aplicadas a uma composição mais contemporânea, adaptada ao ensino básico.

- Nem todas têm muita apetência com as mãos. Hoje em dia é uma dificuldade que eles têm é manusear coisas e ter sensibilidade aqui com os dedinhos. M.C., 68 anos

A diversidade de metodologias artísticas de pesquisa numa vasta área transdisciplinar que abarcou a educação e a arte tentando encontrar respostas, despertou consciências do valor de criar beleza, numa parceria constante entre pares. Da mesma forma que o tecido se compõe de uma articulação entre a trama e a teia também a sociedade depende da forma como nos relacionamos em comunidade. Os projetos comunitários e participativos, apostam numa criação de trabalho conjunto, reforçando o compromisso com a arte, a cultura e a sustentabilidade.

- Foi uma surpresa inesperada, o começar a tricotar e fazer cartazes com bonequinhos. Eu adorei fazer esta experiência...temos que ter calma a paciência. L., 8 anos

Podemos também falar das dificuldades e questões que tivemos de ultrapassar e resolver. Embora as oficinas intergeracionais ofereçam uma série de benefícios também enfrentam desafios. É necessário um planeamento cuidadoso para garantir que todos os participantes, independentemente da idade, possam colaborar de igual forma, confortável e segura.

Outro grande desafio foi manter o envolvimento contínuo das diferentes gerações em todo o processo ao longo da execução do projeto. Todo o processo exigiu estratégias e organização semanal que se mantivesse o interesse, principalmente no grupo de crianças que devido à extensão do projeto no tempo ficaram ansiosos por o ver concluído.

- Qual a maior dificuldade ao longo destes meses?

- Acho que foi mais o fim, eles estavam já também muito cansados e fartos de fazer a mesma coisa, os miúdos chegam a um ponto que ficam cansados. L., 71 anos

- E a concentração é sempre um grande problema dos miúdos. M.C., 68 anos

Do lado *direito* do tecido temos o resultado do processo a implementação e apresentação pública, onde contamos com o apoio da junta de freguesia, na compra de alguns materiais, na divulgação, montagem e no próprio evento da inauguração.

Estes projetos carecem de apoios e financiamento público ou privado, para que não coloquem em causa a sua continuidade, mantendo o projeto vivo e ativo. Atualmente procuramos novos apoios, no sentido de dar continuidade.

A educação artística intergeracional promove um forte sentido de comunidade, ao reunir pessoas de diferentes idades por um objetivo comum. Um projeto artístico conjunto ajuda a fortalecer laços comunitários e sentimento de pertença permitindo a cada indivíduo e o grupo se sintam parte integrante de algo maior sendo essa coesão essencial para criar comunidades mais resilientes e conectadas.

- Ao início não sabia bem ao que ia. Criei ali um amor. Às coisas, ao projeto em si. Acho que todos nós ali crescemos. M., 66 anos

-Acho que outros grupos deviam fazer isto, é uma ideia para futuro. Com outras faixas etárias. M.C., 68 anos

- O meu filho pergunta se estou feliz! Então continua! O projeto também correu bem com as pessoas que estavam e porque houve empatia, mas a coordenadora do projeto foi muito importante! Sim, se não tivesses essa empatia para com as pessoas e essa atitude, as pessoas vinham e iam, porque por muito bonito que fosse ... M., 66 anos

- É feito com amor, e quando é feito com amor e dedicação, acho que flui de uma forma diferente. Todos os imprevistos são coisas para tu passares e tornam-se coisas boas.

- O improviso, o facto de aproveitarmos, até o erro, e a casualidade no fazer; reaproveitar o material, reaproveitar o “lixo”, o material era sempre tudo reutilizado. Foi criar coisas de coisas! Foi a mais-valia deste projeto. Fomos aproveitando todos os momentos e desenhos, os inputs das crianças e seniores e aproveitar tudo! Todos os dias era um dia novo! M.P., 41 anos

Conclusão

| | " | | " |

Este estudo foi sustentado num projeto educativo e colaborativo, enquanto processo gerador de novos relacionamentos e conhecimentos.

Considera-se ter sido um projeto impactante tanto para os participantes como para mim própria, mais do que esperava, pela riqueza das produções têxteis realizadas e subsequentes testemunhos recolhidos sobre os resultados do projeto.

Adorei, adorei, desde o primeiro dia, da primeira reunião na universidade. L., 71.

Poder-se-á olhar para esta proposta como um reforço aos processos colaborativos, rompendo com padrões sociais e/ou de comunidade, vividos com grande entusiasmo por todos os envolvidos.

Bom! A professora faz artes boas! Ela tem muito talento, máximo talento. Aprendemos a escrever algumas coisas com os tecidos ... para mostrar as pessoas, para ficarem felizes, com o 25 de abril. K., 9 anos

Nomeadamente no decorrer das sessões, as mulheres partilhavam comigo a forma como todas as semanas “enchiam o coração de mimos e amor” e como se sentiam agradadas e completas por fazer parte deste projeto, ansiando a chegada das terças-feiras, projetando entre agulhas e linhas o que lhes ia no coração.

Foi muito agradável, muito gratificante trabalhar com os meninos, eles acabam por nos ensinar sempre coisas, é sempre bom! Aquilo que nós ensinamos a eles, eles também nos ensinam a nós. L., 71 anos

A partilha com este grupo de mulheres foi surpreendente, enriquecedora e pertinente. Pessoas tão diferentes, com histórias de vida distintas, carregando as dores do tempo, umas mais solitárias, outras com família, filhos e netos por perto, mas que uniram a sua vontade e saberes a dedicar o seu tempo aos outros. Este projeto foi uma espécie de voluntariado intensivo. Traziam com elas a leveza e o tempo que invejo e a empatia tornou-se o lugar-comum, no ambiente que se viveu. Ao longo da concretização do projeto, senti-me “visceralmente” envolvida e entusiasmada, por me ser possível viajar no tempo, indo para o que partilhava com a minha avó, aquele tempo só nosso, por entre pedaços de tecido, agulhas e linhas, quem que vestíamos as bonecas e criávamos os laços que até hoje nos unem e que recordo com carinho e saudade.

A oficina “O que nos une” revelou ser facilitadora de múltiplos conhecimentos, de ordem conceptual, técnica e estética, num ambiente de entrega, partilha, crescimento, cooperação e entreatajuda. A esse nível, superou qualquer expectativa por qualquer um dos/das participantes, com maior evidência no impacto que teve entre o grupo de seniores.

Este projeto, de arte participativa e comunitária, nutriu-me diariamente, recorrendo a muita preparação e engenho semanal para que todos pudessem usufruir da experiência que, para além de confluir num produto final, se tornaria tão ou mais relevante durante o percurso feito, ao longo de vários meses, abrindo espaço à partilha de saberes, ao intercâmbio geracional e ao contacto com técnicas, materiais e ferramentas que são, hoje, pouco utilizadas na escola.

A oficina “O que nos une” foi também facilitadora de experimentação e exploração livres no que se refere à utilização dos materiais e ferramentas têxteis, mas também do universo das ideias. O processo de colaboração e construção das peças finais expostas integra uma multiplicidade de resultados, cujo guião para o processo criativo foi também a sensibilização dos participantes e comunidade em geral para as potencialidades da prática artística colaborativa, na escola, como ferramenta de conhecimento e de aprendizagem — a prática artística como caminho para um conhecimento potenciando por experiências únicas. Como referiu Leavy (2019), as técnicas de artes visuais podem ser utilizadas como estratégias de análise e interpretação em diversas fases de um projeto de pesquisa e o processo de condução de pesquisa é sempre uma atividade de construção de significado (p.257).

No que concerne à participação do grupo de seniores é de referir o empenho e dedicação, para além das sessões de trabalho, dando continuidade aos processos, em casa, ao longo de todas as semanas, com a inclusão de muitas ideias novas. Argumentavam ser “uma lufada de ar fresco nas suas vidas”. A riqueza, a leveza e o impulso na construção, alimentando o projeto com *inputs* novos e perspetivas diferenciadas, permitiu-nos estar em constante avaliação e construção do processo como se fosse um grande *puzzle* conjunto, cujo diálogo e reunião de esforços e energias iam ao encontro de um fim comum.

Queria salientar a dinâmica criada entre os vários grupos que trabalharam e participaram no espaço escolar destinado para oficina “O que nos une”, e que o expandiam para o centro lúdico ou ainda, para o meu atelier ou até, para suas casas articulando um o contexto educativo formal para o não-formal como se de uma extensão se tratasse, tornando o projeto dinâmico e, só assim, possível de concluir com tanto brio e na escala em questão.

Posso afirmar que o projeto foi impactante na contribuição de menor exclusão ou isolamento social, tornando-se um objetivo quase diário para muitas das participantes.

- Numa união de saberes costurou-se Amizade! N., 57 anos

A título pessoal e artístico, interessa-me continuar a explorar estes encontros intergeracionais, dentro e/ou fora da rede escolar, estas partilhas e troca de saberes bem como, continuar a explorar e dar a conhecer técnicas e métodos artesanais para uma composição mais contemporânea. Outros projetos, como este, poderão permitir promover a autoconfiança e a liberdade do fazer e da exploração livre, costurar melhores relações entre gerações, promovendo a criatividade, com os sentidos orientados para o mundo.

Concludentemente, a oferta de oficinas intergeracionais reflete, hoje, uma crescente valorização das práticas colaborativas e criativas que promovem o bem-estar social e a continuidade cultural. Ao integrar arte, educação e relações entre pessoas de diferentes gerações, obtemos um espaço dinâmico onde a aprendizagem e criatividade mútuas são catalisadoras para uma experiência rica e transformadora. Assim, projetos como o “O fio que nos une_Costurar relações entre Gerações” tornam possível transportar o potencial de diferentes gerações, conectando-as para além das relações familiares, mais normativas, revitalizando tradições e contribuindo para um desenvolvimento artístico e social das comunidades.

- Foi uma experiência única, marcante e inolvidável, pelo menos para as três gerações que manufaturaram, de agulha em riste e muitos trapos, estas grandes obras de arte. Foram mostradas publicamente e aplaudidas por todos quantos por elas passaram. Superaram todas as expetativas. L., 55 anos

Referências Bibliográficas

| | " | | |

Projetos de Referência

- A Avó veio trabalhar. <https://www.fermenta.org/pt/contactos>
 - Batista, A., (2022), Jornal Expresso. <https://expresso.pt/longevidade/2022-04-26-A-Avo-Veio-Trabalhar-um-exemplo-de-envelhecimento-feliz-7dcf7b14>
 - Irwin, R. (nd). *A/R/TGraphy: As relações rizomáticas da artografia*. https://www.re.net/publicação/229052778_As_relções_rizomáticas_da_artografia
 - Pereira, T. (2023). *Imago Mundi – cartografias, práticas artísticas e comunidade*, ESE Lisboa
 - Saraiva, C. (2013). *Arquivo poético – Arte e comunidades: Um arquivo poético sobre o envelhecimento*. <http://hdl.handle.net/104/10271>
 - Magic me. <https://magicme.co.Reino Unido/>
 - Nes.nespoon (2014). <https://www.urbynte.art/nespoon/>
 - Projeto - Viva Vittoria (2021) <https://www.vivavittoria.it/progetti/progetti-realizzati/viva-vittoria-milano/>
-

Bibliografia

- Acaso, M., (2013). *Reduolution: hacer la revolución en la educación*. Paidós
- Acaso, M., (2017). *Art Thinking*. Paidós
- Almeida, C., (2019). *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. Editora da Unesp
- Bardin, L., (1979). *Análise de conteúdo*. Edições 70
- Barone, T., & Eisner, E., (2012). *Pesquisa baseada em arte*. SAGE Publications, Inc.
- Bernabè, E., (2023). *Com as mãos*. Akiara books.
- Bévilacqua, J., Lopes, F. & Palma, A., (2019) *Rosana Paulino: A costura da memória*. Pinacoteca de São Paulo.

- Carmo, H., & Ferreira, MM (2008). *Metodologias para a Investigação. Guia para a Auto-Aprendizagem* (2ª ed.) Universidade Aberta.
- Col, D. (2008). *Design têxtil contemporâneo*. Bluma.
- Comissão Nacional da UNESCO. (2006). *Roteiro para a educação artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*.
- Comissão Nacional da UNESCO. (2015). Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311>
- Costa, R. (2024). *25 Mulheres*. Oficina do livro.
- Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho. *Diário da República*, 1.ª série — N.º 129 – DGE - <https://diariodarepublica.pt>
- Fiadeiro, M., (2024). *Artistas Artesãs Pioneiras*. Edições Caixa Alta.
- Gardner, H. (1983). *Frames of Mind: Uma Teoria de Inteligências Múltiplas*. Basic Books.
- Gouveia, M. (2019). *A manta do José*. Bruaá Editora.
- Helguera, P. (2011). *Education for Socially Engaged Art – A materials and techniques handbook*, Jorge Pinto Books
- ILUSTRACÃO|PLAY. (2007). *Craving for the Extraordinary*, VICTION:ARY
- Landazabal, G., (1995). *Psicología para el desarrollo de la cooperación y de la creatividad. – 1ª Parte: la creatividad: definición, teorías, parámetros e intervención educativa*. Editorial Desclée de Brouwer, S.A.
- Leavy, P. (2020). *Art Based Research - The oxford handbook of qualitative research*. The Guilford Press.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7575847/mod_resource/content/3/Patricia%20Leavy%20%20Method%20Meets%20Art_%20ArtsBased%20Research%20Practice%20%282020%2C%20The%20Guilford%20Press%29%20.pdf
- Markl, A. (2023). *Avó, onde é que estavas no 25 de Abril?* Liliput

- Martins, I. (2010). *A manta. Uma história aos quadrinhos (de tecido)*. Planeta Tangerina
- Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Inquieta*. Fundação Calouste Gulbenkian
- Mörsch, C. (2012). *Time for Cultural Mediation _ Institute for Art Education of Zurich University of Arts, Zurich*
- Neto, E., (2024)[vídeo] <https://www.maat.pt/pt/event/ernesto-neto-nosso-barco-tambor-terra>
- Suarez, M. (2021). *O meu caderno de bordado*. Olhares
- Sutton, G. (1967). *Artisan Or Artist. A History of the Teaching of Art and Crafts in English Schools*. Elsevier Ltd
- Weida, C. (2014). *Crafting Creativity & Creating Craft _ Craftivism, Art Education, and Contemporary Craft Culture*. Sense Publishers

Teses e Artigos

- Angelozzi, M. (2022). O desenho como prática artística e educativa em contextos não formais, Dissertação de Mestrado, *Escola Superior de Educação de Lisboa*. <http://hdl.handle.net/104/15832>
- Coutinho, CP, Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, MJ, & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 8
<https://repositorium.s.uminho.pt/lidar/1822//10148>
- Cunha, A., (2021). Bordar hoje: As perspetivas sobre bordado de seis artistas contemporâneos.
http://repositorio.ipvc.pt/bitstream/20.500.11960/2718/1/Ana_Cunha.pdf
- Gonçalves, Pereira & Moraes, (2024). Análise da produção académica sobre “artista-professor” em escolas de artes: uma nova identidade revelada na última década (2010-2020) *v. 16 n. 38 (2024): Desafios de ensinar a ler linguagens*. *Políndromo*.
- Hauser & Wirth (2016) <https://www.hauserwirth.com/resources/2694-louise-bourgeois-turning-inwards/>

- Hunter, C., (2019) Fios de Vida: Uma História do Mundo Através do Olho de uma agulha.
https://www.facebook.com/story.php/?story_fbid=560380379896304&id=100077730395024&_rdr
- Kater, B. (2019). Bordado à mão: A revalorização do mercado artesanal. Dissertação de Mestrado, *Universidade de São Paulo*.
- Lousa, M. (2018). Tapeçaria contemporânea portuguesa e sua origem no feminino.
<http://hdl.handle.net/10478/1/64781>
- Loponte, L. (2005). Género, educação e docência no ensino das artes visuais. *Revista Educação e Pesquisa*, 30.
- Mendes, P. (2017). Práticas intergeracionais e interdisciplinares na educação: Um exemplo prático no ensino básico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*.
[[https://https://doi.org/10.14195//1647-8614-1_4](https://doi.org/10.14195//1647-8614-1_4)]
- Muñoz-Fernández, H., (2020). El Art Thinking de Maria Acaso y la estetización de la educación artística posmoderna. *Observar*, 14, 26-45.
- Oliveira & Charreu, (2016). Contribuições da perspectiva metodológica - Investigação baseada nas artes e da A/R/Tografia para as pesquisa em educação. *Revista Belo Horizonte*, v.32, n.01, p. 365-382
<https://www.scielo.br/j/edur/a/YdsHyKtWKvFHHmKJGKyxXpH/?format=pdf&lang=pt>
- Pereira, T. (2015). Suturar e bordar: O tecido como metáfora de identidade, memória e violência. https://repositorio.ul.pt/fluxo_de_bits//10451//237/2.pdf
- Pereira & Sá, (2016) Criação, Interdisciplinaridades e Investigação em Artes Visuais: relato de um processo pedagógico em contexto de Ensino Superior. *CIED*
http://www.eselx.ipl.pt/sites/default/files/media/2016/atas_enc.cied_web.pdf
- Pereira, T., Sá, K., Regatão, J. (2017) Artes Visuais e Comunidade Reflexões em torno de um processo pedagógico. *Práticas artísticas comunitárias E-book*
- Ribeiro, M. (2021). Educação não formal: Perceções e potencialidades formativas. *EDUSER: Revista de Educação*, 13

- Rita, D. (2016). Arte têxtil contemporânea e sustentabilidade. *Faculdade de Belas artes da Universidade de Lisboa*. <http://hdl.handle.net/10451/25106>
- Saraiva, C. (2013). Arte e comunidades: Um arquivo poético sobre o envelhecimento. *Revista Vox Museu: Arte e Património, 1*
- Silva, S. (2021). Educação artística em contexto não formal. *Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico*.
- Visconti, J., (2024). <https://www.maat.pt/pt/event/ernesto-neto-nosso-barco-tambor-terra>
- 7 n. 3. (2020). Ensino de artes visuais e artesanias: Experiências e confluências metodológicas. [<https://seer.uf.br/indice.php/gearte//emitir/visualizar//4151>]

ANEXOS

| | " | | "

Anexo A

Testemunhos Adultos:

A concretização deste projeto-sonho só foi possível porque nos cruzámos à entrada da escola. As suas filhas, minhas alunas, diziam que nos devíamos conhecer, que faríamos uma bela dupla. As crianças conseguem ver muito além do que os adultos acham realizável.

Como bibliotecária, queria levar a “poesia à rua” com a participação de toda a escola e envolver a comunidade escolar. Como professora de “artes” queria mostrar obras de elevado sentido estético. O mote estava decidido - a comemoração do Cinquentenário do 25 de Abril. Só consegui porque, à entrada da escola, conheci a Mafalda e (a)bordámos o assunto. Num instante costurámos ideias e ideais. Logo ali, confirmando o prognóstico das crianças, encontrei a parceira- líder que procurava, utopicamente. Tecemos muitas ideias e, durante meses, com muitas horas de empenhado trabalho cooperativo, foi possível a sua materialização. A Mafalda liderou as equipas de crianças e dos mais velhos. A sua energia, força de trabalho e perseverança contagiou-me e fez-me acreditar que era possível. E fez acontecer! Os cartazes/painéis dos 50 anos de liberdade foram bordados a muitas mãos. Foi uma experiência única, marcante e inolvidável, pelo menos para as 3 gerações que manufaturaram, de agulha em riste e muitos trapos, estas grandes obras de arte. Foram mostradas publicamente e aplaudidas por todos quantos por elas passaram. Superaram todas as expetativas. Mesmo depois da chuva e do vento, permanecerão!

Viva a Arte, viva a Liberdade.

Lúcia Pereira, 55 anos

Professora Bibliotecária EB1 n1 Massamá

Como animadora do Projeto Sénior “Clube Ser Ativo”, do Centro Lúdico de Massamá, recebi com agrado a proposta da Mafalda para a colaboração no projeto, pois a participação em projetos intergeracionais, era um desafio profissional que ambicionava implementar junto do grupo Sénior.

Considereei a temática do “25 de Abril - 50 anos”, completamente pertinente e adequada.

A proposta de participação no projeto, foi apresentada aos membros do “Clube Ser Ativo”, numa sessão em que a Mafalda esteve presente, e a adesão superou as expectativas.

O entusiasmo dos participantes (adultos e crianças), foi notório no decorrer das sessões.

Entre tecidos, lãs e linhas com as cores da Liberdade, alinhavaram-se palavras, pespontaram-se frases e bordou-se a poesia do Abril de há 50 anos... do Abril de hoje.

Entre uma ou outra picada de agulha, houve tempo para os mais novos, fazerem perguntas e os mais velhos recordarem o passado.

Numa união de saberes costurou-se Amizade!

O projeto culminou com a mostra das diversas “Tapeçarias” no Centro Lúdico de Massamá, na EBI Massamá e nas vizinhanças da Escola e do Centro Lúdico. A mostra contou com uma inauguração formal em que todos os envolvidos estiveram presentes.

Considero que, a existência/dinamização de projetos intergeracionais , será uma mais valia para a comunidade, para a sociedade.

Nélia Calhanas, 57 anos

Assistente Técnica/Animador – Responsável do Projeto: Clube Ser Ativo

Participar no projeto, para além de reviver o 25 de Abril de há 50 anos, proporcionou o contacto com a comunidade escolar e o encontro intergeracional.

Contribuiu também para melhorar e aprofundar a relação entre os elementos do grupo do Centro Lúdico.

Sem dúvida, uma experiência a repetir.

Ilda, 70 anos

A partir do dia que me fizeram o convite para fazer parte deste projeto eu fiquei muito feliz e a minha resposta foi logo que contem comigo nem pensei sequer se estava ou não à altura deste desafio. Foi espectacular, dia após dia começámos a ver que estava a resultar lindamente e a sair trabalhos maravilhosos. A ligação de uma jovem professora, seniores e as crianças era enorme, ficávamos de coração cheio de ser recebidos por aquelas crianças de braços abertos prontas a trabalhar e a querer aprender com as avós, pois era assim que nos tratavam. Espero que continuem e não deixem de morrer estes projetos. Quero deixar um agradecimento especial à jovem professora Mafalda que acreditou, incentivou e dirigiu este magnífico projeto. Estou muito orgulhosa e honrada de ter feito parte dele.

Natalina Miguel, 72 anos

Sou muito grata por ter participado neste projeto, não só pelo tema mas também por toda a envolvente intergeracional.

No início estava receosa por não conhecer as crianças nem grande parte dos adultos. Mas, enganei-me... tudo correu de forma natural e até divertida não esquecendo, até, os momentos de maior confusão, como sempre acontece quando envolve crianças.

Foi muito bom ver o projeto crescer para além do inicialmente previsto, fruto da criatividade que as crianças puseram nos desenhos que lhes foram propostos, bem como a reprodução desses mesmos desenhos para os painéis de tecido, feita por nós de forma muito orgulhosa.

Foi muito gratificante o convívio e a partilha entre todos, em geral, o carinho naquele abraço que recebíamos de algumas crianças quando chegavam à sala, as conversas na mesa de atividades que nem tinham a ver com o tema, mas que os miúdos gostavam de ter e que aconteciam naturalmente.

Saí deste projeto de coração cheio pelo que dei e recebi.

Finalmente, defendo que este tipo de vivências/experiências intergeracionais podem ajudar a reverter algum preconceito associado ao envelhecimento.

Suzete, 70 anos

Desde o primeiro dia acreditei que seria uma coisa muito bonita e abracei a ideia com entusiasmo. Obrigada, Mafalda, por tudo e pela amizade.

Estou crente que a ideia não ficou por aí e que mais projetos virão que permitam interagir. Acredito que tanto eu como outras que colaborámos estamos prontas para novas propostas e trabalho e que vai continuar a funcionar a oficina intergeracional.

Lília Fortunato, 75 anos

A oficina intergeracional foi abraçada pela universidade com muito entusiasmo! Eu enquanto coordenadora, senti desde o primeiro momento que a riqueza inerente ao mesmo, era grande e que apesar de ser um projeto ambicioso, não tinha dúvidas que tinha muito para dar... ultrapassadas as burocracias iniciais, ele fluiu num ápice e o resultado final foi grandioso a todos os níveis. A liberdade de expressar técnicas pela freguesia, espelhou o trabalho entre seniores e crianças. Mais do que isso, foi o testemunhar a alegria de quem participou... os afetos demonstrados entre os diferentes grupos etários, o entusiasmo das nossas alunas, as relações que se criaram e que perduram hoje em dia, tanta coisa bonita... foi o espalhar de cor pela freguesia e na vida de cada um... Parabéns Mafalda, pelo desafio e porque acreditaste num projeto tão fascinante! Parabéns às participantes que partilharam

saberes e carinho! Parabéns a todos que acreditaram que era possível dar voz à liberdade através desta oficina! Mafalda, não fiques por aqui, tu és GRANDE e consegues tornar o mundo mais deslumbrante! Venham mais desafios!

Felisbela Mendes, 50 anos

Considerando que uma Junta de Freguesia é o poder mais próximo da comunidade, faz todo o sentido potenciar a ligação entre a autarquia, as pessoas e as associações que desenvolvem o seu trabalho no território. Nesse sentido, surge a Oficina Têxtil. Uma parceria que nasce da vontade de valorizar a comunidade, interligando a arte com a história e potenciando a memória coletiva através do envolvimento das crianças.

A Mafalda, e a sua Ciranda, revelaram-se a parceria ideal para atingir o objetivo proposto de impactar positivamente a comunidade. Ao desafiarmos a Mafalda, sabíamos que estaríamos a trabalhar num projeto pautado pela perfeição, pelo amor e pela criatividade. A Mafalda conseguiu, e consegue sempre, ir além das expectativas iniciais. Os olhos brilhantes e os sorrisos rasgados de toda a comunidade aquando da apresentação do projeto, são reveladores do sucesso do mesmo.

O resultado final da Oficina Têxtil foi de tal forma impactante, que a Junta de Freguesia decidiu levá-lo "além-fronteiras", expondo-o, por vários dias, nas celebrações do 25 de Abril da Cidade de Queluz e ficando, depois, expostos nos gradeamentos das escolas da Freguesia durante vários meses. Enquanto Vogal da Cultura da União de Freguesias de Massamá e Monte Abraão, não podia estar mais orgulhoso do resultado da Oficina Têxtil e da parceria que desenvolvemos com a Mafalda e a Ciranda Portuguesa.

A Mafalda, a sua paixão e criatividade, são um exemplo para todos nós.

David Pereira da Silva, 44 anos

Vogal do Executivo - Ambiente & Cultura

JFMMA

Anexo B

Tabela 2 - Respostas ao questionário do impacto do projeto na Comunidade. Fonte própria

| Data e Hora | Considera importante este tipo de projetos na escola? | Acha significativo o impacto na comunidade? | Que outro tema acha interessante desenvolver na escola? | Partilhe connosco o que sentiu com esta iniciativa! |
|-----------------------|---|---|---|---|
| 4/22/2024 15:14:19 | Sim | Sim | Ambiente | Senti uma grande emoção ao ver todos aqueles painéis feitos por mãos tão diferentes mas com a mesma vontade de fazer coisas. |
| 4/22/2024 15:39:00 | Sim | Sim | Era interessante, mostrar de forma simples outras artes que são intrínsecas da sociedade tais como construção de cestos em vimes e canas, técnicas de cerâmica, pintura de azulejos e vidro, técnicas em madeira. | É uma forma muito original de criar gosto por aprendizagem de coisas simples, mas novas. Promove a aproximação das gerações, a paz e o respeito social. Neste caso em particular serviu até para uma abordagem histórica que mostra às novas gerações a evolução social iniciada na revolução de Abril. Um trabalho e um projeto de louvar e de difundir tanto quanto possível por outras escolas e outros espaços sociais. |
| 4/22/2024 15:49:00 | Sim | Sim | Recriar um livro, usando materiais têxteis e recicláveis. Sugiro o conto africano "Dovlu e a Estrada" de Ana Rosário, por o considerar adequado à faixa etária e ter possibilidade de entrar em contacto com a escritora. Outro tema: O meu prédio: histórias de quem lá mora, história do nome da rua. | Adorei participar nesta iniciativa. Fez-me voltar à escola, cruzar-me com as crianças e as seniores que guardam dentro de si a juventude, a vontade de aprender e partilhar. Foi bom comemorar os 50 anos do 25 de Abril com os mais pequenos, para que nunca se esqueçam de dar valor à liberdade. |
| 4/22/2024 16:00:07 | Sim | Sim | Democracia, espírito crítico, racismo e exclusão social, saúde mental das crianças | |
| 4/22/2024 16:16:33 | Sim | Sim | A ligação entre as diferentes áreas. | |
| 4/22/2024 16:32:19 | Sim | Sim | Provérbios, jogos e brincadeiras mais antigas. | Muito interessante a interação com o grupo, em especial com as crianças. |
| 4/22/2024 17:06:09 | Sim | Sim | O dia de Portugal 10 junho, sugiro que deveria haver um novo projeto sobre este tema. O tema seria sobre Portugal para que as crianças não se esqueçam deste dia. | Uma iniciativa muito bonita que aproximou as crianças e os da terceira idade |

| | | | | |
|----------------------------|-----|-----|--|---|
| 4/22/2021 4 18:25:19 | Sim | Sim | Partilha de aprendizagens de combate ao analfabetismo, partilha de conhecimentos de vivências de diferentes regiões, partilha de conhecimentos de artes laborais (madeira, cerâmica, têxteis), partilha de jogos/brincadeiras de tempos passados!! | Esta iniciativa deixa-me orgulhoso pela partilha de conhecimento histórico e cultural por pessoas que vivenciaram a falta de liberdade, por quem a conquistou, por quem apesar de não ter vivenciado a falta dela sofreu pelo que o seus passaram e por quem desconhece na sua plenitude o que é viver sem liberdade! Um iniciativa muito importante para o futuro do nosso país, pois sensibiliza os mais novos que não se viveu sempre assim!! Parabéns |
| 4/22/2021 4 19:13:35 | Sim | Sim | Ambiente e sustentabilidade | Celebrar sempre Abril e os seus valores! |
| 4/22/2021 4 23:38:48 | Sim | Sim | Cidadania, direitos e deveres na sociedade. | Foi o reviver o passado e com esperança no futuro. Uma gratidão ao Movimento do 25 de Abril, sem eles nada disto seria possível. O sermos livres para viver, conviver e construir um mundo melhor para todos nós, pela partilha de experiências e conhecimentos intergeracional |
| 4/23/2021 4 9:10:07 | Sim | Sim | Pintura | Muito bom o convívio |
| 4/23/2021 4 9:41:12 | Sim | Sim | Inserção social, racismo, cidadania, história de Portugal. | Numa só palavra, ORGULHO! Mas eu sou suspeito! |
| 4/23/2021 4 9:41:21 | Sim | Sim | Cidadania - O respeito ao próximo | Um orgulho enorme da comunidade envolvida |
| 4/23/2021 4 9:44:31 | Sim | Sim | Bullying, Problemas na Sociedade | Senti que a importância da história do 25 de Abril é mais impactante do que se pode imaginar, um sentimento de liberdade, de igualdade e de muito mais. Incrível!! |
| 4/23/2021 4 9:59:27 | Sim | Sim | Por exemplo: ensinar os alunos a costurar, bordar e entre outros. | Acho que teve “muita” impacto, principalmente na vida dos miúdos. |
| 4/23/2021 4 10:31:24 | Sim | Sim | Cidadania | Senti orgulho nas crianças que se dedicaram a este projeto |
| 4/23/2021 4 12:46:34 | Sim | Sim | Olaria | Gratidão por ter participado neste projeto com tanto simbolismo. |
| 4/23/2021 4 13:33:29 | Sim | Sim | É bastante importante retratar assuntos da nossa sociedade e até do país, e que as crianças percebam e cresçam a saber mais sobre o mundo, é importante formarmos bons adultos e não adultos incultos, as crianças merecem saber os verdadeiros problemas da sociedade e podem ser questões acordadas em sala como em atividades | Gostei imenso! É um assunto muito muito importante e dá força à nossa comunidade. |

| | | | | |
|-----------------------|-----|-----|--|---|
| 4/23/2024 19:52:04 | Sim | Sim | Respeito | Boa onda! |
| 5/4/2024 17:38:44 | Sim | Sim | Combate a violência | Orgulho e alegria por ver os trabalhos desenvolvidos pelas crianças sobre este tema tão importante a Liberdade |
| 5/4/2024 17:47:13 | Sim | Sim | Temas relacionados com os direitos e deveres humanos, com a ética | Gostei muito porque é um tema de extrema importância e sobre o qual devem refletir estas novas gerações, ao mesmo tempo que as gerações mais antigas refletem sobre as transformações que a sociedade viveu, alinhando pontos e tecendo novos sonhos para a construção do amanhã. |
| 5/4/2024 17:48:05 | Sim | Sim | Desejo de coração que continue com esta atividade | Muita alegria e orgulho |
| 5/4/2024 18:15:44 | Sim | Sim | Emoções | Penso que é uma iniciativa muito positiva e que traz coisas novas às crianças e aos seniores. |
| 5/4/2024 18:19:07 | Sim | Sim | Tapeçaria | |
| 5/4/2024 18:24:26 | Sim | Sim | Dar continuidade a esta oficina e alargar a outras turmas pode ser um caminho. Na área do têxtil pode ser explorada a pintura em tecido e/ou a alteração de peças de roupa para uma "2a vida" numa perspectiva de economia e sustentabilidade. | Uma forma de juntar miúdos e graúdos num caminho conjunto de aprendizagem e partilha, tendo por base um mote tão importante como a Liberdade. PARABÉNS!!! |
| 5/5/2024 21:21:41 | Sim | Sim | Aprenderem a fazer aulas de dança | Achei muito bom e importante |
| 5/9/2024 23:08:52 | Sim | Sim | Cidadania deveres e direitos fundamentais em sociedade. | A história contada pelas mãos das crianças e dos adultos, foi um grande acontecimento. Senti uma alegria enorme. |

Anexo C

Textos seleccionados pelos grupos de séniores:

E Depois Do Adeus, 1974

Paulo de Carvalho

Quis saber quem sou

O que faço aqui

Quem me abandonou

De quem me esqueci

Perguntei por mim

Quis saber de nós

Mas o mar

Não me traz

Tua voz

Em silêncio, amor

Em tristeza enfim

Eu te sinto, em flor

Eu te sofro, em mim

Eu te lembro, assim

Partir é morrer

Como amar

É ganhar

E perder

Tu vieste em flor

Eu te desfolhei

Tu te deste em amor

Eu nada te dei
Em teu corpo, amor
Eu adormeci
Morri nele
E ao morrer
Renasci
E depois do amor
E depois de nós
O dizer adeus
O ficarmos sós
Teu lugar a mais
Tua ausência em mim
Tua paz
Que perdi
Minha dor que aprendi
De novo vieste em flor
Te desfolhei
E depois do amor
E depois de nós
O adeus
O ficamos sós

Liberdade, 1974

Sérgio Godinho

Vimos com o peso do passado e da semente

Esperar tantos anos torna tudo mais urgente

e a sede de uma espera só se estanca na torrente

e a sede de uma espera só se estanca na torrente

Vivemos tantos anos a falar pela calada

Só se pode querer tudo quando não se teve nada

Só quer a vida cheia quem teve a vida parada

Só quer a vida cheia quem teve a vida parada

Só há liberdade a sério quando houver

A paz, o pão

habitação

saúde, educação

Só há liberdade a sério quando houver

Liberdade de mudar e decidir

quando pertencer ao povo o que o povo produzir

quando pertencer ao povo o que o povo produzir

Zeca Afonso

Menino do bairro negro

Olha o sol que vai nascendo anda ver o mar

Os meninos vão correndo ver o sol chegar

Menino sem condição irmão de todos os nus

Tira os olhos do chão vem ver a luz

Menino do mal trajar um novo dia lá vem

Só quem souber cantar vira também

Negro bairro negro bairro negro

Onde não há pão não há sossego

Menino pobre o teu lar

Queira ou não queira o papão

Há-de um dia cantar esta canção

Olha o sol que vai nascendo anda ver o mar

Os meninos vão correndo ver o sol chegar

Se até da gosto cantar se toda a terra sorri

Quem te não há-de amar menino a ti

Se não é fúria a razão

Se toda a gente quiser

Um dia há-de aprender haja o que houver

Negro bairro negro bairro negro

Onde não há pão não há sossego

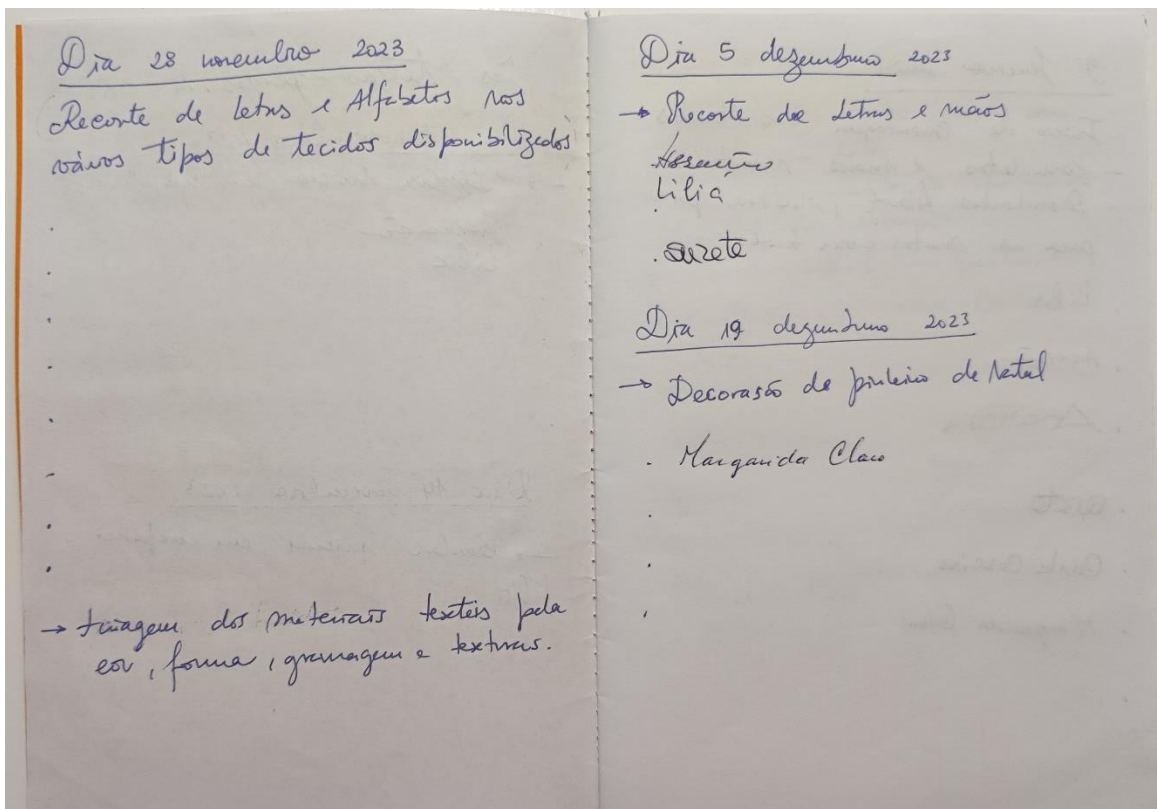
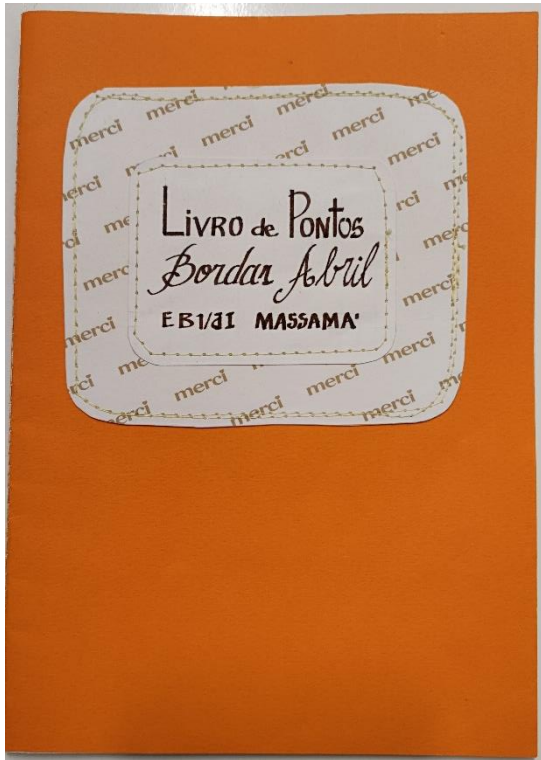
Menino pobre o teu lar

Queira ou não queira o papão

Há-de um dia cantar esta canção

Anexo D

Livro de Pontos. Fonte: própria.



9 Janeiro 2024

- Início de montagem das Mantas:
- Com letras e mãos recortadas.
 - Desenhámos Abril, ilustramos para as mantas com tecidos.

- Lília
- Assunção
- Anatóxia
- Sereia
- Carla Caserio
- Margarida Claro

16 Janeiro 2024

- Montagem dos textos / presas com Letras em tecido.
- Ilustrações em tecido de acordo com o desenho das crianças.
- "Bordas Abril" — Constâncias.
- Conclusão das "letras Bordadas"

- Lília
- Assunção
- Anatóxia
- Sereia
- Carla Caserio
- Margarida Claro

23 Janeiro 2024

- Início da costura das mantas pelos alunos e pelas senhoras na Biblioteca e sala de professores.
- "Bordas Abril"
- Poema bordado a "ponto cheio"
- Constâncias de personagens — partir do registo das crianças.
- "Escrever" os textos e alfabéticos em tecido.

- Lília
- Assunção
- Nélia Calhães
- Carla Caserio
- Anatóxia

30 Janeiro 2024

- Costura das Mantas pelos alunos e pelas senhoras na Biblioteca e sala de professores.
- "Bordas Abril"
- Poema bordado a "ponto cheio"
- Constâncias de personagens a partir do registo das crianças.
- "Escrever" os textos e alfabéticos de tecido.

- Lília
- Assunção
- Margarida Claro
- Carla Caserio
- Afonso do Passos
- ~~Donatiana~~
- Luísa Oliveira
- Maria Isabel Lopes
- Anatóxia
- Sereia

6 Fevereiro 2024

- Poema bordado a "ponto claro"
- Costuras de personagens a partir do desenho da enxada.
- Montagem e costura dos textos com alfabetos de tecido pelas enxadas e selvagens.

USMMA

- Carla Caseiro

- Sereia

- Margarida Clara

- Margarida Clara

Centro Literário

Líria

20 Fevereiro 2024

- Costuras de personagens a partir dos registos das enxadas.
- Montagem e costura dos textos com alfabetos de tecido pelas enxadas e selvagens.

USMMA

- Carla Caseiro

- Ana Sofia

- Sereia

- Líria

- Margarida Clara

27 Fevereiro 2024

- * Visita da Tema (30C) ao Centro Literário
- * com a participação da Prof. titular da turma: Helena Fonseca e da Prof. Bibliotecária do Agrupamento Leiria Pereira.

- Costura dos textos e figuras em tecido sobre as mantas
- Montagem dos textos em tecido e com personagens.

- Ana Sofia

- Carla Caseiro

- Sereia

- Carla Caseiro

- Margarida Clara

5 Março 2024

- Desenhos ilustrativos dos textos das temas
- Costura das mantas
- Representação textil dos desenhos das enxadas (rédio na mesa e enxada).
- Ornamento cabelo "Dia de Mulher"

- Ana Sofia

- Carla Caseiro

- Sereia

- Margarida Clara

- Margarida Clara

Anexo E

Desenhos dos alunos de todas as turmas participantes. Fonte: própria.

